Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SÁBADO, 14 DE ABRIL DE 1973 — N.º 18070 — ANO 53.º — PREÇO 1$50

A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES

—oficializada por escritura

. A fundação da Associação Portuguesa de Escritores foi oficializada, ontem, à tarde, no 13.º Cartório Notarial de Lisboa, situado na Rua das Portas de Santo Antão, quando quinze membros da Comissão Promotora assinaram a respectiva escritura. São sócios fundadores: Álvaro Salema, Fernanda Botelho, Alexandre Babo, Matilde Rosa Araújo, Sophia de Mello Breyner Andressen, Orlando Costa, Manuel Ferreira, António Quadros, José Blanc de Portugal, António Modesto Navarro, Isabel da Nóbrega, Fernando Assis Pacheco, Óscar Lopes, Faure da Rosa e Paulo Quintela. Estes três últimos e Sophia Andressen nomearam procuradores para o acto, que ficou registado no livro 525, de folhas 55 a 66.

A associação, que não tem fins políticos ou religiosos, mas sim de defesa dos escritores, vem pôr termo a uma grave lacuna no que respeita à representação e defesa dos interesses da classe. Substitui, ao fim de mais de três anos de esforços, e depois da aprovação ministerial em 26 de Setembro do ano passado, a extinta Sociedade Portuguesa de Escritores, que foi encerrada aquando da atribuição, em Maio de 1965, de um prémio ao escritor Luandino Vieira, pelo livro intitulado «Luanda». O encerramento foi efectuado por ordem do Supremo Tribunal Administrativo, que, de resto, após as diligências recentemente efectuadas, manteve a sua decisão, tal como no que respeita à confiscação dos cerca de 180 contos, biblioteca e quadros, além de outros haveres, existentes, à data, na sede sa sociedade.

Após a assinatura, efectuada no escritório do conservador Guerra Vieira, outros passos importantes para a vida da associação terão de ser dados: é o caso da convocação de uma assembleia geral, nos próximos vinte dias, na qual serão eleitos os corpos gerentes para o primeiro triénio, e que terão de tomar posse no prazo mínimo de um mês, dando seguimento ao que está estabelecido nos estatutos. Uma outra questão se levanta, relacionada com a aquisição (entenda-se aluguer) de sede própria, já que, por razões legais, a mesma tem estado a funcionar num escritório. Por outro lado, surgem problemas financeiros difíceis, que não poderão ser resolvidos apenas com a quotização dos actuais 350 sócios, cada um dos quais pagará, ao que se supõe, 50 escudos, **porque vinte como dantes é pouco e cem seria de mais».**

Para já, está prevista a realização, em Junho, de um leilão de quadros, primeiras edições, inéditos manuscritos, etc., exactamente com o objectivo de proporcionar alguns proventos... aos desprovidos cofres da Associação de Escritores. Outra fonte de receitas seria, se tal se concretizasse com o «apoio» governamental, a execução de uma percentagem sobre o preço de todos os livros vendidos no nosso País. **É curioso que isso já existe na Rússia desde há cem anos, e Dostoiewsky muito se bateu por essa conquista. Foi ele quem criou o Fundo Literário,**

Continua na pág.4

O prof. Rodrigues Lapa no momento em que assinava a escritura.

Táxis: requerimentos a mais

Cerca de 2150 requerimentos para concessão de novas licenças de táxi já tinham dado entrada na Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, a escassas duas horas do termo do prazo para a entrega, que começou a 15 do mês passado. Está prevista a concessão, nesta primeira fase, de 280 táxis, que será completada, em condições e data a anunciar, até às 580 unidades. Com estes dois aumentos é fixado em três mil o número de táxis de Lisboa.

A concessão de novas licenças é feita por uma determinada ordem de prioridade: proprietários de um veículo de instrução licenciados para o exercício da actividade em Lisboa; motoristas de automóveis-táxis de Lisboa, inscritos no respectivo Sindicato, como sócios efectivos, há mais de dez anos, sendo neste caso dada prioridade aos que exerçam a profissão, sem interrupções, há mais tempo. A cada requerente não será concedida mais que uma licença. Por isso, os novos táxis não chegarão para as encomendas...

QUARENTA BATALHÕES APERTAM O CERCO A PHNOM PENH

Phnom Penh, 14 — (R.) — Cerca de 40 batalhões comunistas estão a apertar o cerco à capital do Camboja, debatendo-se já com uma crise de abastecimentos, que piora de hora a hora, segundo comunicaram hoje fontes militares.

Os batalhões abrangem principalmente guerrilheiros comunistas cambojanos, apoiados por sapadores veteranos e endurecidos do Vietname do Norte e do Vietcong.

As referidas fontes disseram que algumas forças comunistas estabeleceram rampas de foguetões ao alcance da capital.

Entretanto, gorou-se ontem uma nova tentativa de um comboio de barcos, carregados de abastecimentos, de romper o bloqueio comunista no rio Mecong.

AFIRMAÇÕES CONTRADITÓRIAS

ATAQUE A UM OLEODUTO IMPUTADO AOS ISRAELITAS

. BEIRUTE, 14 — (R.) — Cerca de 20 homens armados fizeram ir pelos ares na madrugada de hoje dois depósitos de petróleo na refinaria de Zahnari, perto de Sidon, na costa sul do Líbano e guerrilheiros palestinianos acusaram uma unidade de comandos israelitas de efectuar o ataque, vinda do mar.

Um comunicado oficial libanês diz que os homens armados, que não foram identificados até agora, amarraram os guardas da refinaria e fizeram, depois, deflagrar explosivos que originaram grandes incêndios em dois de quatro depósitos.

Um informador dos guerrilheiros afirmou que uma patrulha dos «fedayin» enviada para o local ouviu várias explosões antes de chegar. Notícias anteriores diziam julgar-se que os atacantes fossem comandos palestinianos.

O informador dos guerrilheiros declarou que quando a patrulha palestiniana chegara à área encontrara um polícia, possivelmente guarda da refinaria, morto e quatro outros amarrados.

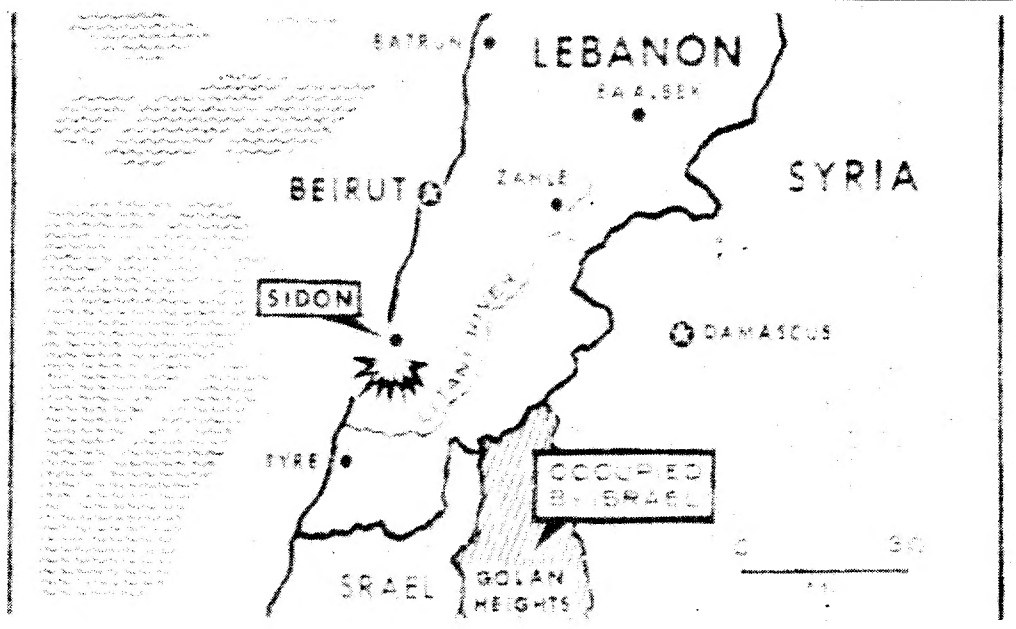
Citou os quatro guardas como tendo asseverado que o ataque fora levado a cabo por tropas israelitas inimigas, que desembarcaram do mar.

Os guerrilheiros tinham anunciado grandes concentrações navais israelitas ao longo da costa.

Posteriormente, um grupo denominando-se «Guarda Revolucionária Libanesa» assumiu a responsabilidade pelo ataque.

Um comunicado entregue nos escritórios da Reuter em Beirute dizia que o ataque fora organizado pela «Guarda Revolucionária Libanesa» e era um golpe contra o apoio americano a Israel.

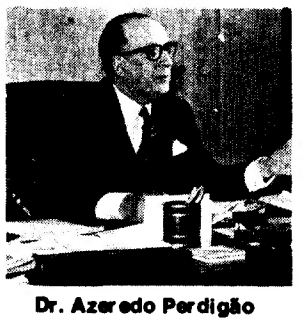
Em Tel-Aviv, um informador do exército israelita desmentiu hoje categoricamente afirmações dos guerrilheiros árabes de que comandos judaicos tinham feito ir pelos ares durante a noite depósitos de petróleo na refinaria de Zahrani.



A localização das instalações petrolíferas atacadas hoje no líbano. A autoria do ataque não está ainda esclarecida. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

HOJE 44 PÁGINAS INCLUINDO "A MOSCA"

A actividade da Fundação Gulbenkian no último ano



Dr. Azeredo Perdigão

A profícua actividade da benemérita Fundação Gulbenkian, a cujo conselho de administração preside o dr. José de Azeredo Perdigão, vem amplamente documentada no relatório de 1972, que hoje publicamos nas páginas 12 e 13. Intenso e extenso labor continua a ser desenvolvido pela prestimosa instituição, quer no nosso País, quer no estrangeiro.

DL/NACIONAL

X legislatura: trabalho quase feito

Mais duas sessões, ontem realizadas, e a Assembleia Nacional resolveu um dos três problemas que lhe restavam, do ponto de vista legislativo, até ao fim do seu mandato: a proposta de lei de terras do Ultramar, foi aprovada e vai ser redigida definitivamente para vigorar como lei, logo que sancionada pelo Chefe do Estado.

Decorre ainda a discussão na generalidade da proposta de lei sobre a reforma do sistema educativo e, lá para o fim do mês, serão apreciadas as Contas Gerais do Estado.

A LIBERDADE DO ENSINO

Mais três deputados intervieram na discussão da reforma do ensino: Raquel Ribeiro, Carvalho Conceição e Amílcar Mesquita.

Uma observação comum: a liberdade do ensino é ponto a defender, de acordo com os «princípios fundamentais», apoiando-se, por isso, o sector privado que ao ensino se dedique. **«Numa reforma do sistema educativo em que, entre os pontos-chaves em que assenta, está o de assegurar a igualdade de oportunidades para todos, só poderá ser garantida a observância deste princípio fundamental desde que aceite o pluralismo escolar»** — afirmou Raquel Ribeiro. Tanto ela como Amílcar Mesquita não admitem, neste caso como noutros, «o monopólio do Estado». Entretanto, a deputada que abriu os debates de ontem salientou, também, a importância da criacão do ensino pré-primário e pediu medidas adequadas para ocorrer ao problema dos alunos com deficiências mentais, apelando **«para que sejam criados os serviços indispensáveis e dada a formação adequada aos professores do ensino básico, para que se evite o crescente aumento da criança débil mental marginalizada ou inadaptada, fruto de uma sociedade em mudança e com constantes rupturas de ordem familiar e social, como a que caracteriza os dias de hoje»**. Mais adiante, referiu o encontro que o ministro da Educação Nacional teve com os deputados da comissão parlamentar, lembrando que ele afirmou ser **«esta reforma um verdadeiro desafio, desafio, nalguns pontos altamente perigoso, mas saudável»**. Foi o primeiro deputado a contar alguma coisa do que se passou nas duas reuniões que Veiga Simão teve na Assembleia Nacional.

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

ESFORÇO DE TODOS

Outro ponto comum: o do esforço global que a realização da reforma exige: «criação» de novos professores, bem preparados, construção de escolas em toda a parte, bolsas de estudo que garantam o acesso dos alunos de menores possibilidades económicas, meios de transporte, etc. Ainda outro ponto referido por todos: o da orientação escolar, uma vez que o ensino secundário vai ser uniformizado. Tal como se prevê na proposta, cada escola deverá contar com uma equipa especializada que incluirá médico, pedagogo, psicólogo. Será isso possível, nas actuais condições? — perguntou-se ontem em S. Bento.

..O deputado Amílcar Mesquita, que é secretário da Mesa e representa o círculo de Évora, mostrou inteira confiança no restabelecimento da Universidade daquela cidade alentejana. Antes disso, porém, deu ênfase à tónica do respeito da proposta pelas estruturas políticas do País, dizendo que **«revela a maturidade e a independência de uma sociedade política posta no caminho da evolução e do progresso; situa-se no respeito dos princípios fundamentais definidos na Constituição Política Portuguesa, como marco essencial da realização segura do estado corporativo; significa a determinação de um Governo, que, sob a orientação clara e firme e a decidida acção esclarecida e patriótica do Presidente do Conselho, avança na execução serena dos «ciclópicos trabalhos»**.

Quanto ao deputado Carvalho da Conceição, e para lá das referências já feitas, pôs o dedo na ferida de muitas críticas, e foi também o primeiro a fazê-lo. Declarou: **«O homem não pode subordinar-se às exigências do desenvolvimento económico. A escola não «produz» operários ou dirigentes, mas sim homens que nos respectivos sectores de actividade se procuram realizar. Por outras palavras, tanto em voga, não se quer um trabalho alienante»**.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Na sessão da tarde, falaram antes da ordem do dia os deputados Agostinho Cardoso, que apoiou palavras recentes do prof. Marcello Caetano e referiu que, entre nós, se caminha no sentido de uma «pseudo-unidade» das esquerdas, imitando a recente experiência francesa, mas que os chefes patriotas e defensores do ultramar, como Norton de Matos **«são substituídos por corifeus dum nítido marxismo antiultramarino»**.

Montalvão Machado agradeceu a construção do futuro hospital distrital de Chaves, e Santos Almeida congratulou-se com a construção da estrada centro-nordeste de Moçambique, também prometida.

Os trabalhos parlamentares recomeçam no dia 24, também com sessões de manhã e de tarde, para discussão da proposta de lei de reforma do ensino.

Grupo Recreativo de Cabeço de Montachique

É esta noite que se realiza no Grupo Recreativo de Cabeça de Montachique uma grandiosa sessão de fados e guitarradas, em que tomarão parte conhecidos artistas da Canção Nacional.

Este espectáculo que será dirigido pelos srs. Carlos de Oliveira e Manuel Pereira, destina-se a angariar fundos para as obras de melhoramentos na sede do clube.

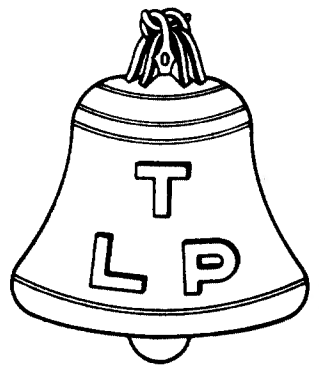
Aspecto do curso de aperfeiçoamento promovido pelo Banco Borges e Irmão

Cursos de aperfeiçoamento do pessoal do Banco Borges & Irmão

PORTO — Recomeçaram a funcionar, agora em novos moldes, na sede do Banco Borges e Irmão, nesta cidade, cursos de aperfeiçoamento do pessoal, na continuidade de outros que aquela instituição bancária já havia promovido. Desta vez, porém, a sua projecção será ainda superior, pois os cursos são efectuados por meio de circuito interno de Televisão e os programas, gravados, serão igualmente transmitidos nas numerosas dependências e agências do Banco Borges e Irmão, em diversos pontos do País terão, deste modo, a possibilidade de receber os amplos benefícios da iniciativa.

A exemplo do que se verifica nos bancos estrageiros de maior expansão, os cursos agora iniciados têm o objectivo de proporcionar uma mais sólida preparação profissional aos funcionários, o que se revela particularmente importante em virtude da diversificação crescente e da complexidade cada vez maior das operações bancárias. Além disso, reconhece-se ser cada vez mais necessário que os funcionários da banca adquiram uma perspectiva mais clara e consciente da posição que ocupam e do papel que lhes cabe desempenhar no quadro geral da actividade creditícia. Deste modo, os funcionários do Banco Borges e Irmão estarão mais aptos a enfrentar com segurança qualquer situação que se lhes depare e a resolver eficientemente os problemas quotidianos da sua actividade, como igualmente poderão conhecer os planos mais gerais em que esses problemas se integram.

Deverá ser salientado, igualmente, o interesse de que os cursos se revestem para a promoção pessoal e profissional dos funcionários.



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

Tem o prazer de informar que se encontra já em funcionamento a nova CENTRAL TELEFÓNICA AUTOMÁTICA DA TORRE DA MARINHA (números iniciados por 2210, 2211, 2212 e 2118).

Chamamos a especial atenção para:

— *Em conversações para aquela Área marque sempre o número completo do posto destinatário.*

e também

— *Quando ao receber uma chamada ouvir um sinal intermitente, não desligue, pois alguém lhe quer falar utilizando um posto público.*

MULHER À DERIVA

Dist. Filmitalus (Adrift)
de JAN KADAR
Grupo D — 18 anos

EM EXIBIÇÃO NO

estúdio

KOL

??????

DL/OPINIÃO

ABRIR E FECHAR PARÊNTESIS

. (Abrimos com um parêntesis, dentro do qual poderíamos ousar introduzir um simples ponto de exclamação se entre nós e os leitores houvesse a cumplicidade de um código decifrador de subtilezas, entrelinhas, puros sinais gráficos. Mas como a esse apuro não chegámos ainda, sejamos claros e digamos do nosso grande espanto perante a reduzida assistência de deputados que tem honrado ultimamente as sessões da Assembleia Nacional. Há-de parecer inadmissível aos eleitores que, salvo caso de emergência irremediável, de epidemia, de catástrofe nacional, não seja satisfeito sempre o «quorum», e mesmo inadmissível parecerá que as sessões decorram com um número de deputados que pouco além vai daquele mínimo regimental.
E fechamos o parêntesis.)

. Prossegue a discussão, na generalidade, da reforma do sistema educativo. Sucedem-se os louvores ao governo e ao ministro da Educação Nacional, enovleados em longuíssimos discursos, que talvez alguma responsabilidade tenham também na deserção dos senhores deputados. Não discutimos a pertinência global de tais louvores, indiscutíveis em muitos pontos, sujeitos a maiores ou menores restrições em alguns outros, mas, tendo em conta o pouquíssimo tempo de que a Assembleia Nacional dispõe para a discussão desta e doutras matérias, é o caso para nos interrogarmos sobre o interesse de uma sucessão de discursos só diferentes no estilo, e às vezes nem isso, repetitivos, numa inflação oratória que inevitavelmente entorpece a atenção e quebra o espírito de análise.

Se uma sugestão nossa tivesse a mínima probabilidade de ser ouvida, proporíamos que se infrigisse frontalmente o regimento e se passasse infringisse frontalmente o regimento e se passasse à discussão na especialidade. Aí sim, têm os senhores deputados matéria avonde para exercitar os seus instrumentos críticos, expor as suas opções, adiantar alternativas, contribuir enfim para que seja ainda melhor uma reforma que, mesmo com todos os seus defeitos, quis demolir o edifício da educação tradicional e diminuir os atrasos em que muita gente ainda se compraz.

Graças porém à exigência regimental de que toda a proposta de lei deverá passar pela discussão na generalidade, pudemos assistir a uma manifestação de sinceridade exemplar, a qual foi a do deputado Moura Ramos, eleito por Leiria, que é contra. Da sua atitude contra a reforma (e a favor de quê?) dá notícias certas a seguinte passagem do discurso que proferiu perante uma Assembleia escandalizada, mas onde ainda se encontraram algumas vozes para o aplaudir e cumprimentar: «O problema que se põe no quadro do ensino superior não é, pois, o da sua democratização que conduz a inexorável massificação, pois que, como é da essência da mentalidade democrática, é o número, a quantidade e não a qualidade que interessa. Isto levou a que um ilustre plumitivo dissesse espirituosamente que entender que «democratizar o ensino é o mesmo que dar a qualquer cidadão o direito de ser doutor, mais não é que entender que qualquer burro tem o direito de ser cavalo».

(Após esta transcrição fidelíssima, só nos resta reabrir o parêntesis para reconhecer que alguma razão terão os deputados faltosos: na verdade, deve ser profundamente deprimente ouvir alguém louvar-se num dito de mau gosto para significar uma preferência explicitamente aristocrática, onde os burros e os cavalos têm os seus lugares marcados, para sempre, até ao fim dos séculos... Não nos importamos de fechar o parêntesis. Mas entendemos que o processo deve ficar em aberto.)

China-U.R.S.S.

A União Soviética classificou como «produto de uma imaginação doentia» a acusação chinesa segundo a qual Moscovo pretende dominar a Ásia.

Nesterenko, o delegado soviético à conferência da Comissão Económica para a Ásia e o Extremo-Oriente (ECAFE), citou ainda o provérbio russo segundo o qual «quem cospe contra o vento apanha com o cuspo na cara».

O delegado soviético respondia às violentas acusações feitas na conferência da ECAFE pelo delegado chinês Chi Yuan, o qual alegou que a URSS «ameaça a paz e a segurança da Ásia», rejeitando a proposta soviética de um pacto de segurança colectiva na Ásia, como uma tentativa de Moscovo para estabelecer a sua hegemonia sobre toda esta zona do Mundo.

Nesterenko salientou que o facto de se tratar de um pacto colectivo impediria precisamente qualquer divisão entre os países membros, contribuindo para a unidade asiática na base do respeito mútuo pela independência e soberania.

Brandt perde a batalha da inflação

O governo de Willy Brandt está a perder a batalha travada desde o início de 1973 na frente da inflação.

Os objectivos de Hans Friderichs e de Helmut Schmidt, ministros da Economia e das Finanças da RFA eram modestos. Os dois responsáveis pela economia alemã ocidental ter-se-iam contentado em 1973 com um aumento dos preços da ordem de 5,5 a 6 por cento. Mas os observadores económicos e financeiros afirmam que as possibilidades de chegar a um tal resultado são praticamente nulas e prevêem subidas de preços da ordem dos 7 a 7,5 por cento.

Com efeito, há uma série de factores que pesam sobre o sector dos preços e contribuem mais para acelerar a inflação do que para a travar.

1 — A conjuntura está em pleno desenvolvimento. As encomendas industriais ultrapassam nitidamente o nível de produção.

2 — A actual tensão no mercado financeiro pode não ser um fenómeno passageiro. Apesar do seu papel de «guardião da moeda», o Bundesbank não pode tolerar a longo prazo uma taxa de juro de 30 por cento para o dinheiro do dia a dia. Sob pena de perturbar gravemente o mercado financeiro, apesar da desvalorização do dólar e da valorização do marco, as saídas de divisas são relativamente modestas e não ultrapassaram os 2 mil milhões de marcos por mês (houve uma entrada de capitais especulativos da ordem dos 20 mil milhões de marcos).

3 — O orçamento de 1973, com um volume total de 120,4 mil milhões de marcos, não é anticíclico. Schmidt deu a entender que as necessidades de um Estado moderno e o programa de reformas tinham a prioridade sobre a função estabilizadora das despesas públicas.

O facto mais grave é o malogro total das política dos lucros. Pela primeira vez na história da RFA, um sindicato profissional, na ocorrência o dos tipógrafos, obteve subidas de salários da ordem dos 11 por cento e num contrato colectivo de trabalho com duração de 12 meses. O governo federal bem tentou minimizar o facto falando de situação especial.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Carlos Alberto Viamonte Cardoso e Silva, «Café Conimbriga»-CONDEIXA

TORQUATO DA LUZ

UMA MEDIDA CONDENÁVEL

. Noutras circunstâncias (e já digo quais), talvez se pudesse considerar louvável a iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa de escorraçar os automóveis do Rossio, a fim de restituir a praça à «sua beleza e dignidade originais». Nesta altura, porém, é altamente condenável. Só a existência de parques em quantidade (ou, como alternativa, aliás muito mais desejável, o funcionamento de uma rede de transportes colectivos digna desse nome) poderia justificar uma medida deste tipo — extremamente repressiva porque, divorciando-se das realidades práticas, arbitrariamente se justifica com preocupações de natureza estética.

Atente-se que, nos últimos tempos, se acabou com os parques de superfície da Praça da Figueira e dos Restauradores, para os quais não se procuraram substitutos; que o número de automóveis a «parquear» no subterrâneo dos Restauradores é de longe inferior ao que comportavam, no seu conjunto, os dois atrás citados, mais o do Rossio; que os veículos em circulação na Baixa têm, entretanto, vindo a aumentar de tal forma que todos os lugares possíveis de estacionamento jamais serão excedentários.

Acresce que o custo do estacionamento no parque subterrâneo dos Restauradores é muito superior ao que se pratica nos locais de superfície, pelo que a medida agora tomada se pode considerar, também, proteccionista de determinados interesses, por um lado, e prejudicial aos da generalidade dos cidadãos automobilistas, por outro.

Antes de pensar na restituição «a toda a sua beleza e dignidade originais» das diversas zonas de Lisboa, a Câmara terá de resolver os problemas de ordem prática que lhe permitam debruçar-se sobre as preocupações de natureza estética. Ninguém duvida de que será muito mais agradável à vista a contemplação do Rossio (e quem diz o Rossio diz o Terreiro do Paço) liberto dos automóveis que continuamente o atulham. Mas pergunta-se: onde iremos deixá-los? Em Algés? Em Braço de Prata? Ou na Trafaria? Interdite-se, então, a Baixa à circulação de veículos particulares (mas não sem antes, claro, se resolver o tal problema dos transportes colectivos). O resto é utopia.

E não tenhamos ilusões: só um forte dispositivo policial (muito mais desagradável, pelo aparato repressivo de que se reveste, do que a praça com automóveis) conseguirá impedir que os automobilistas continuem a estacionar os seus carros no Rossio. De outra forma, aumentarão as multas — esses papelinhos que, formando montanhas, nos prometem sufocar a todos. Intenção que aliás, talvez não seja despropositado associar a tudo isto.

ESTER CASTEL

A SINAGOGA PORTUGUESA DE NEWPORT MONUMENTO DOS ESTADOS UNIDOS

Fechados estão os portais da Sinagoga,
Não interrompem o silêncio psalmos de David;
Não há Rabis a recitar o antigo decálogo
Na linguagem santa que falavam os profetas...

HENRY WADSWORTH LONGFELLOW

Numa das ruas de Newport — numa ruazinha que há menos de duzentos anos era terra estéril nos arredores da cidade e que há perto de um século foi denomidada «Touro Street» — eleva-se uma velha sinagoga. E a Sinagofa mais antiga dos Estados Unidos.

Nem o brilho, nem o esplendor do mármore, deslumbram o olhar. Nem o aparato, nem a ostentação, despertam a atenção do viandante. Porém, é com admiração e reverência, que se entra neste templo. Inaugurado em 1763, resistiu às calamidades das guerras, às fatalidades e mudanças dos tempos, às tempestades da revolução e da independência. Serviu para as sessões da Assembleia do Estado de Rhode Island.

Ecoaram aqui em 1790, as palavras de George Washington, presidente dos Estados Unidos: «Porque felizmente o governo dos Estados Unidos, — que não sanciona intolerâncias nem admite perseguições — pede somente aqueles que vivem sob a sua protecção que se comportam como cidadãos dignos e leais e lhe dêem o seu apoio efectivo em todas as ocasiões».

COMO NASCEU A SINAGOGA

A partir de 1658, começaram a chegar a Newport fámílias portuguesas e espanholas. Tinham apelidos como Dias, Gomes, Morais, Lara, Touro, Campanal, Rodrigues da Costa, Lopes, Henriques, Seixas, Pacheco, Lucena, Serzedas, Tinoco, Machado, Pereira Mendes, Burgos ou Silvestre.

Eram gente de haveres e distinção, contribuiram grandemente para a cultura e prosperidade da cidade. Diz-se que no século XVIII, Abraão de Lucena exportava trigo para Lisboa. No regresso, os seus navios traziam judeus para Nova Iorque e Newport.

Eram homens de integridade, sabiam que «nem só de pão vive o homem». Foi com entusiasmo que decidiram empreender a construção de um santuário consagrado a Deus, uma Sinagoga, além de uma escola para educação do povo nos princípios e na prática da religião.

Em princípios de 1759, compraram o terreno, situado em Griffin Street, então nos confins da cidade. Mas a tarefa fora apenas encetada. Se tivesse havido a intenção de construir um edifício pequeno, e sem atractivos arquitectónicos, não teria havido tantos obstáculos a vencer. Existia, porém, o desejo de edificar uma Sinagoga que igualasse em grandeza qualquer outra construção contemporânea.

Abriu-se uma subscrição, tanto entre os habitantes de Newport, como entre congregações de vários outros locais, a qual obteve eco generoso e estimulante em toda a parte.

Em 1 de Agosto de 1759, numa cerimónia solene em que participou toda a comunidade israelita e muitos convidados de outras fés religiosas, colocaram-se as seis primeiras pedras da Sinagoga. O arquitecto Peter Harrison, que já tinha ganho fama ao construir vários edifícios notáveis, foi escolhido para trocar os planos da nova Sinagoga. Harrison combinou o seu estilo pessoal com o da arquitectura tradicional das sinagogas hispano-portuguesas.

A contrução seguiu em ritmo vagaroso, pois não era fácil obter os materiais necessários. Os 196.715 tijolos tiveram de ser importados. Quase dois anos depois, os trabalhos tiveram de ser interrompidos por falta de fundos. Mas em 1762 a estrutura encontrava-se terminada. Faltava apenas o mobiliário, o que constituía uma dificuldade há dois séculos.

Finalmente — quando já viviam em Newport sessenta a setenta famílias israelitas — teve lugar a inauguração da Sinagoga, em 2 de Dezembro de 1763, o primeiro dia de «Hanucá» da era hebraica de 5523 Essa data comemora o dia de re-consagração do Templo de Jerusalém por Judas Macabeu, no ano de 165 antes de Cristo.

A cerimónia obedeceu às tradições dos hebreus de Espanha e de Portugal e foi dirigida pelo Reverendo Isaac de Abraão Touro, incançável nos seus esforços para que o templo se tornasse uma realidade.

Quando três dias depois apareceu o jornal «Newport Mercury», descreveu assim a cerimónia inaugural:

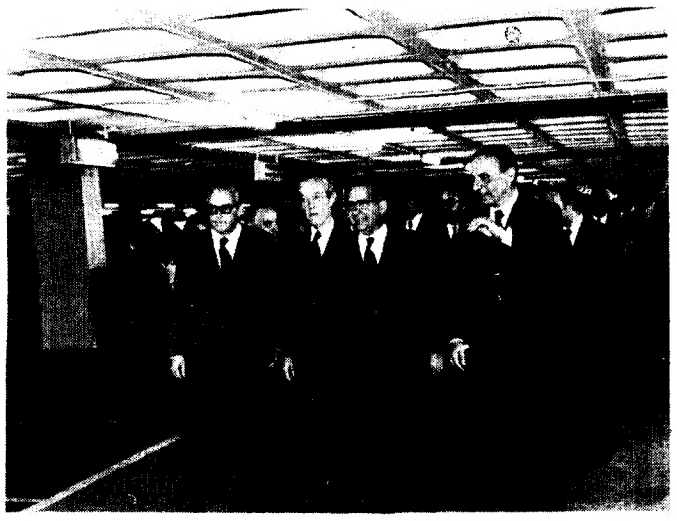
. «De tarde, realizou-se a consagração da nova Sinagoga nesta cidade. Principiou por uma linda procissão. Os cavalheiros levavam os rolos da lei para serem depositados na arca. Rezaram-se vários capítulos da Santa Escritura e do seu ritual, ao mesmo tempo que uma prece pela família real, muito bem cantada pelo sacerdote e pela assistência, que se compunha de muitos cavalheiros e senhoras. A ordem, o decoro, a harmonia e a solenidade da música, aliados a uma simpática e elegante assembleia, num edifício dos mais perfeitos no seu género e esplêndidamente iluminado, não podiam deixar de avivar na memória dos presentes a majestade e a grandeza das antigas cerimónias judáicas mencionadas na Escritura. O dr. Isaac de Abraão Touro dirigiu a cerimónia».

A vida da comunidade de Newport passou a centralizar-se na Sinagoga. Era parte indispensável na vida de cada um. Ali se enviavam os filhos para educar; ali se reuniam, de manhã e de tarde, para orar. As três bases morais — estudo, culto e caridade — eram os pilares da linha Sinagoga de Newport, da qual toda a população israelita ou não — se orgulhava. A Sinagoga era o centro educativo, o lugar do culto e a casa da caridade.

Continua na pag. 21

DL/NACIONAL

INAUGURADO O PARQUE DOS RESTAURADORES



. O presidente da Câmara de Lisboa, coronel Silva Sebastião, acompanhado do vice-presidente, D. Segismundo Saldanha, inaugurou esta manhã o Parque de Estacionamento dos Restauradores. Presentes pela firma construtora — ESLI, S.A.R.L. de grupo financeiro CUF — o general Mira Delgado e o eng. Fernando Monjardino. À inauguração do amplo parque que abriu ao público a partir das 14 horas, assistiram ainda outras individualidades, nomeadamente vereadores, representantes dos Orgãos da Informação e o capitão Maltês da PSP. Regista-se entretanto que o parque de estacionamento da Alameda D. Afonso Henriques também da ESLI, com capacidade para 530 veículos, começará a ser construído ainda este mês, prevendo-se que esteja concluído em fins de Fevereiro de 1974

AS DESVENTURAS DE UM RIBATEJANO

Alguns copos de vinho de boa cepa chegaram para que o ribatejano João transformasse, esta madrugada, a sede de uma sociedade recreativa da Rua Maria Pia num autêntico campo de batalha, partindo copos e cadeiras e atingindo alguns sócios com socos certeiros.

Chamada a Polícia ao local o exaltado João foi conduzido para a esquadra mais próxima onde provocaria novos distúrbios. Ferido na refrega com as autoridades recebeu tratamento no Hospital de S. José, após o que recolheu aos calabouços do Governo Civil.

SINDICATO DOS ENGENHEIROS AUXILIARES

O Relatório e Contas relativo a 1972 do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores vai ser discutido e votado hoje, no decorrer de uma assembleia-geral que se efectua na sede do organismo a partir das 20 e 30.

ARDERAM MATAS EM SANTA LUZIA

VIANA DO CASTELO — Só esta madrugada se procedeu ao rescaldo final do fogo que ontem tinha deflagrado em matas da povoação de S. Mamede, a nascente do Monte de Santa Luzia. Pedida a comparência das corporações de bombeiros desta cidade, estes fizeram-se acompanhar decarros de nevoeiro e outros meios adequados só não tendo obtido resultados rápidos em virtude das grandes proporções que o incêndio tomou, devido ao tempo seco que ultimamente se tem feito sentir.

Este é o quarto incêndio que se regista próximo de Santa Luzia num espaço de tempo relativamente curto, o que levanta suspeitas quanto à sua origem.

HOMEM MORTO MISTERIOSAMENTE

PORTO — No prosseguimento das investigações a que vem procedendo para apurar as causas que motivaram a morte do trabalhador Justino Abílio Machado, que residia num barracão anexo à travessa da Regeneração e que fora encontrado numa casa da Rua Costa Cabral, a Polícia Judiciária ouviu várias pessoas, entre as quais o guarda que fazia a ronda do edifício, Joaquim Oliveira Júnior, da Travessa Oliveira Martins, 156, Triana, Areosa.

O caso continua muito duvidoso e os agentes vão prosseguir nas investigações, uma vez que a autópsia revelou que o cadáver apresenta fracturas de crânio, da coluna vertebral e de costelas.

O quintal da residência foi vistoriado minuciosamente pelos agentes encarregados da investigação, com o intuito de descobrir se por ali estaria algum objecto que tivesse sido utilizado por alguém, para provocar tão graves ferimentos à vítima.

Com o automóvel entalou a mulher contra a parede

Na madrugada de 25 de Dezembro do ano transacto, o empregado de escritório António Ferreira da Silva Pavão, de 36 anos, casado, morador na Travessa de Santo Isidoro, 109-3.º, mas naquela data a residir na Rua do Padre Manuel Bernardes, em Rio Tinto (Gondomar) travou-se de razões (o que era frequente), com sua mulher, Rosa Moreira dos Reis Pavão, de 28 anos, empregada de balcão. Deitou-lhe as mãos ao pescoço de tal forma, que ela julgou ser com intenções homicidas, conseguindo libertar-se e fingir através de uma janela, para se refugiar em casa de uma vizinha, a quem pediu auxílio, pois pretendia arranjar um táxi, para tomar o rumo da casa dos seus familiares.

Quando ambas seguiam já pela berma da estrada, aperceberam-se de que em sua perseguição vinha, no seu automóvel, António Ferreira. Rosa escondeu-se nuns silvados e o homem passou sem a ter visto. Entretanto ela saíu do seu esconderijo e ele, talvez através do espelho retrovisor, viu-a, e fazendo inversão de marcha, veio sobre ela com o veículo. Subiu mesmo o passeio e entalou a esposa com o carro contra a parede, do que resultou que ela tivesse sofrido fracturas de costelas e da bacia, que lhe causaram 180 dias de doença e impossibilidade para o trabalho.

António Ferreira foi agora julgado no 4.º Juízo Correccional, pelo dr. Juíz Pinto Ferreira, que condenou o réu em 9 meses de prisão efectiva, 180 dias de multa a 20$00 diários, 880$00 de imposto de justiça e procuradoria, e na indemnização de 20 contos à ofendida. Ficou ainda inibido de conduzir automóveis durante um ano, depois de cumprir a pena de prisão.

FUTEBOL

A SELECÇÃO DE JUNIORES

O seleccionador nacional de futebol, José Augusto, indicou já os quinze jogadores donde se formará a turma portuguesa para o encontro de juniores cpm a Bélgica. São eles: Tó Zé, Ramalho, Rosa, Barrinha e Lagartinho, do Belenenses; Valter, Duarte e Palhares do Sporting; David e Maia da Silva do Benfica; José Pereira e José Domingos da CUF; Guilherme do Barreirense; Abreu do Vitória de Guimarães e Serrano do Leixões.

Os convocados entrarão em estágio na próxima 5.ª feira até ao jogo com os belgas que se disputará, pelas 17 horas do dia 21 (sábado), no Campo da Tapadinha.

JOÃO CARLOS AUSENTE DA LUZ

Mais uma hipótese para Eusébio se adiantar na lista dos melhores marcadores europeus: o tomarense João Carlos contraíu, no treino de ontem, uma lesão no joelho esquerdo que o impossibilitará de defrontar amanhã o Benfica. No seu lugar jogará o «reservista» Dui. Assinale-se também, que antes do começo da partida, no Estádio da Luz, os futebolistas nabantinos homenagearão o seu enterior técnico António Medeiros. Atitude pouco comum nos tempos que passam...

«Ateneu-73»

Nos salões do Ateneu Comercial do Porto, abre no próximo dia 2 de Junho uma exposição de coleccionismo, que sera denominada de «Ateneu 73» e que constará de filatelia, numismatica, medalhística e filumenismo.

As inscrições estão abertas até segunda-feira, apenas aos sócios daquela colectividade, cuja comissão organizadora pretende englobar a exposição no quarto centenário de «Os Lusíadas».

Associação de Escritores

Continuação da pág. 1

para o qual se descontava nessa altura dois por cento sobre as obras. Actualmente o desconto, lá, é de sete por cento. Nós, cá, pediremos entre 1,5 e dois por cento — afir-

mou-nos Alexandre Babo.

A importância da existência da nova associação ressalta de dois factos: o primeiro, naturalmente, relaciona-se com o aparecimento de um local onde, finalmente, se os escritores o quiserem, podem juntar-se para discutirem, conviverem ou, até, escreverem. A segunda nota de importância ressalta, ironicamente, do seguinte facto: para que tudo merecesse o competente despacho ministerial, teve que ser pedida, à Academia das Ciências, uma definição de escritor. E assim, todos os que entrarem na associação, tomarão conhecimento do que os espera e do que são, de acordo com a definição aprovada.

MULHER À DERIVA
Dist. Filmitalus (Adrift)
de JAN KADAR
Grupo D 18 anos
EM EXIBIÇÃO NO
estúdio

Dr Sarmento Pinto

Na próxima segunda-feira, chega ao aeroporto de Lisboa, pelas 16 e 45, o dr. Sarmento Pinto, assistente da Presidência e director do Departamento de Relações Públicas e missões comerciais do fundo de Fomento de Exportação, que se deslocou à Austrália e à Nova Zelandia, com vista à programação da missão especial que se realizará naqueles países em 16 de Setembro próximo.

ATROPELADO GRAVEMENTE

PORTO, 14 — Esta madrugada, cerca das 4 e 30, foi atropelado por um «taxi», na Rua Gonçalo Cristovão, o Alfredo Pinto da Silva, soldador, de 51 anos, cujo estado e morada se desconhecem.

Foi conduzido, sem fala, ao Hospital de Santo António, onde ficou internado, em estado muito grave, na sala de observações.

DOIS FERIDOS NUM DESASTRE

PORTO, 14 — Ao princípio da madrugada, capotou, em Leça da Palmeira, próximo da piscina, um automóvel conduzido pelo motorista sr. José Miranda Soares de Oliveira, que era acompanhado pelos srs. Fernando Osório de Oliveira, de 43 anos, casado, serralheiro, Bairro Social da Arrábida, 37 e Fernando de Sousa Peixoto, de 32, casado, empregado fabril, Rua do Vilar, 61, desta cidade.

O motorista ileso e os dois passageiros, que ficaram feridos foram transportados ao Hospital de Matosinhos, onde o primeiro ficou internado, em estado de coma e sem fala.

FURTADOS 40 CONTOS EM JÓIAS

Aproveitando a ausência dos locatários, assaltantes introduziram-se, esta madrugada, por meio de chave falsa, numa residência da Rua António Ribeiro dos Santos, 113, 3.º, onde furtaram diversos objectos em prata e oiro, no valor de quarenta contos.

No mesmo período e por arrombamento, os gatunos estiveram também em actividade num estabelecimento de electrodomésticos na Rua Bombeiros Voluntários, 40 A, em Odivelas, levando dois frigoríficos avaliados em dez contos e ainda numa drogaria da Rua Dr. Joaquim Manso, 3 A, para se apoderarem de vários artigos em loiça que o proprietário lesado estima em cerca de cinco contos.

A Polícia Judiciária procede a averiguações.

IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO JÁ TEM REGISTO

A vinheta do Imposto de Circulação pode já ser registada, em qualquer repartição de Finanças. Será inscrito no verso da vinheta o número de matrícula do carro a que pertence e feito o registo do pagamento numa caderneta que deverá estar, dentro de dias, à disposição do público.

Assim, após um período de confusão, o automobilista passa a ter garantia de não ser obrigado a pagar duas vezes o mesmo imposto, em caso de roubo, de deterioração por lavagem ou em caso de estilhaço do pára-brisas, como este jornal teve oportunidade de exemplificar. Em caso de comprovada inutilização da vinheta, a repartição onde a mesma está registada passará uma segunda, comprovando o pagamento.

Os automobilistas que ainda não pagaram o imposto poderão fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Os que já pagaram, deverão dirigir-se, com o carro, a uma repartição de Finanças. Em princípio, estas estarão aptas a resolver o problema a partir de segunda-feira.

NOVA APRESENTAÇÃO DE UM
TRIUNFO ESPECTACULAR!
7 "OSCARS" DA ACADEMIA
34 PRÉMIOS INTERNACIONAIS
A PONTE DO RIO KWAI
GRUPO B/10 ANOS
COLUMBIA PICTURES Apresenta uma produção SAM SPIEGEL · WILLIAM HOLDEN · ALEC GUINNESS · JACK HAWKINS · em THE BRIDGE ON THE RIVER KWAI · TECHNICOLOR · CINEMASCOPE · WITH SESSUE HAYAKAWA · JAMES DONALD · ANN SEARS AND INTRODUCING GEOFFREY HORNE · real DAVID LEAN · argum PIERRE BOULLE bas. na sua novela
Distribuido por COLUMBIA & WARNER
BREVEMENTE EM LISBOA

TV DL/ESPECTÁCULOS

TEMOS A RAPARIGA IDEAL NÃO SENTEM COMO À NOSSA VOLTA TUDO SE TRANSFIGURA?

Por MÁRIO CASTRIM

. Realizou-se mais um concurso. Chamou-se este «da Rapariga Ideal» e foi organizado pela Mocidade Portuguesa Feminina

Já há dias tivéramos notícia do acontecimento através de uma entrevista com a D. Helena Rebelo Pinto. Esta senhora esteve ontem mais uma vez diante das câmaras. Para nos dar o resultado do Concurso. Para nos dizer que a vitória pertencera à menina Ângela Borges, de 15 risonhas primaveras, natural de Évora, estudante do quinto ano do liceu.

Conforme viemos a saber, Ângela Borges idealizara-se da seguinte forma: *«À chegada, todas as participantes elaboravam o programa de trabalho. Resolveram debater temas referentes à vida familiar, ao trabalho, à liberdade e integração na vida social.*

Parece que, a partir daqui, haveria um campo imenso de actividade. Poder-se-iam fazer verdadeiros ensaios, à boa maneira alemã, com mais de 800 páginas cada um só para o prefácio. No entanto, igualmente por indicação de Helena Rebelo Pinto, viemos a saber que o problema da Felicidade também foi debatido.

E depois? Depois, o melhor será acompanharmos as palavras de Helena Pinto: *«Ao longo do estudo feito durante estes quatro dias, descobriu-se um caminho: o caminho de uma jovem de hoje, de uma jovem moderna, actual, consciente das suas responsabilidades e da necessidade da sua preparação, do seu papel a desempenhar mais tarde, como mulher. A rapariga ideal foi aquela que se revelou mais adiantada nesta caminhada».*

Bom temos a «Rapariga Ideal» que sabe uma data de coisas a respeito de questões graves. Haveria, portanto, o maior interesse em saber o que pensa uma menina de 15 anos a respeito do trabalho, da profissão, da vida familiar, da integração na sociedade e da Liberdade. Uma menina de 15 anos, nascida e criada em Évora.

Nada soubemos, porém. Nada mais soubemos além de um rosto juvenil, de uns olhos grandes, de um sorriso inefável. Foi pena.

ESTA SIM
É IDEAL!

Pois foi. Mas não perdemos pela demora. Se não soubemos o que pensa da vida uma menina portuguesa de quinze anos, em 1973, soubemos porém o que pensava da vida uma menina americana, fins do século dezanove, numa epoca em que um comboio (Deus, que tempos ditosos esses!) levava cinco dias para fazer oitenta quilómetros. E mais ainda: a menina em questão não tinha quinze anos, não tinha catorze anos, não tinha sequer treze anos: Ana, sua graça, não ia além de doze miraculosos anos!

. Esta sim. Esta prestou provas diante de milhões de pessoas e sem dúvida nenhuma pode considerar-se a Rapariga Ideal. Esperta no jogo de xadrez, todo o seu ideal é congraçar as pessoas, vê-las amigas umas das outras. Conhece as leis. Sabe que se algum tratante lhe fizer mal, pagará o seu crime na forca. Desportista, monta a cavalo à grande e à francesa. Sobre a felicidade, acha que ela só se alcança pelo sacrifício. Quanto ao papel da mulher na sociedade, acha que o lugar da mulher é ao pé do marido e até sabe de cor o juramento que a vincula «...até que a morte nos separe». Acha, no entanto, que os casados tendem para se imporem uns aos outros — e quanto aos filhos, adoptá-los-à, ele «há tantas crianças que precisam...»

. A vida familiar absorve-lhe toda a actividade, ou quase toda: trata do pai doente, reza por ele, corre de cidade em cidade à procura da mãe a fim de trazê-la ao caminho do lar, pois sabe que disso dependia a saúde e a vida do papá, teve um ataque, meteram-no na cama e estava tão triste...

Como já devem ter percebido, tratou-se de mais uma fita dos «Homens de Shiloh». Fita com muita virtude, quase ao nível da santificação. Mas tão estúpida, meu Deus!, tão estúpidazinha da sua alma!

. Ah, mas a Ana, menina prendada. Mas a Ana que não desista. Esta fita foi uma bela promoção. Se calhar, se o nosso Tordo tivesse uma promoção destas, era bem capaz de limpar aquilo no Luxemburgo. Hoje em dia, sem promoção, não há moção.

De maneira que a Ana. A Ana continue a fazer o bem à sua volta.

Governador cívil de Lisboa

A sessão comemorativa do 77.º aniversário da Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro, que amanhã se efectua, às 17 horas, na sede da colectividade, será presidida pelo governador cívil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta.

esli
parques de estacionamento de lisboa s.a.r.l.
(concessionária da CML)

PARQUE DOS RESTAURADORES

Abertura ao público do Parque de Estacionamento dos Restauradores no dia 14, às 14 horas

TARIFA ESPECIAL ATÉ 30 DE ABRIL

2$50

Por cada hora ou fracção de hora

DL/ESPECTÁCULOS

Crítica de cinema — Lauro António

Cidade Viscosa

Título: CIDADE VISCOSA («Fat City»)
Realização: John Huston, 1972 (E.U.A.)
Intérpretes: Stacy Keach, Jeff Bridges, Susan Tyrrell, etc.
Estreia: Cinema Estúdio 444 (7-4-1973
Distribuição: Columbia Filmes.

John Huston: «**Fat City**» **não se encontra em nenhum mapa. É preciso procurá-la nos vales profundos do coração humano. É o sonho de cada um, o paraíso na Terra, é também a nostalgia do que foi e não regressará mais. É o que brilha e desaparece no fim do caminho.**

Com cerca de 70 anos, o «nosso velho amigo Huston» volta a surpreender-nos com aquela que agora consideramos a sua mais bela obra cinematográfica. É certo que não poderemos esquecer o que ficou para trás, filmes admiráveis, nem sempre bem compreendidos, muitas vezes desvalorizados por uma crítica que não renega modas e nomes em voga. É certo que Huston pertencerá para sempre à história do cinema com **Relíquia Macabra, Nascida para o Mal, O Tesouro da Serra Madre, Paixões em Fúria** (para quando uma reposição?), **Quando a Cidade Dorme?** (para quando uma reposição?). Sob a Bandeira da Coragem (para quando uma reposição) **A Rainha Africana** (para quando?), **O Tesouro de Africa, Moby Dick** (para quando?), **As Raízes do Céu, O Passado não Perdoa, Os Inadaptados, Freud, Além da Alma, A Noite de Iguana, Reflections in a Golden Eye, Passeio com Amor e Morte...** É óbvio que nesta dúzia e meia de obras indiscutíveis, poderão encontrar-se filmes que mais digam a outros espectadores do que esta **Cidade Viscosa**. Até a nós, relembrando os títulos, nos assalta a dúvida. Mas que mal poderá conter este entusiasmo incontrolável? Seja-nos, portanto, permitido transmitir ao leitor a euforia de quem acaba de sair da projecção de um filme perfeitamente subjugado, totalmente aprisionado pelo clima, pela densidade, pela ternura agreste, pela violência púdica de um olhar, desencantado sim, mas de uma lucidez, mas de uma segurança e sobriedade invulgares. Que nos seja, pois, permitido dizer que **Cidade Viscosa** é o mais belo filme de John Huston e um dos mais admiráveis dos últimos anos.

Cidade Viscosa, parte de um romance de Leonard Gardner (Huston: **Recebi um choque quando li pela primeira vez o livro de Leonard Gardner. O estilo, muito incisivo, muito moderno quanto a diálogos, a descrição elíptica com que Gardner falva das coisas importantes, a descrição, simultaneamente brilhante e púdica, as personagens que me pareciam muito próximas, tudo isso me impressionou.**). É seu tema central o «boxe» (Huston: **Há muito que queria realizar um filme sobre o «boxe», mas de maneira nenhuma a biografia de um campeão... Queria mostrar o inverso, a vida dos bastidores...**). John Huston foi, durante algum tempo, «boxeur». Ele próprio confessa que não foi dos piores. Que, se tivesse prosseguido, poderia ter feito carreira. Mas, aqui o que interessa referir é o tom de autenticidade, algo biográfica, que **Fat City** ostenta a cada passo. Nota-se, desde logo, que os ambientes são conhecidos, de prolongado convívio. As personagens recortam-se com uma densidade que desafia a imaginação e instalam-se junto do público. Tully, o «boxeur» em decadência, e Ernie, o jovem pugilista em ascensão, são nossos companheiros; Uma mulher-menina, de inconformável amargura, ou o «manager» Ruben Luna, homem de memória vasta e conhecimentos à flor da pele, são igualmente figuras que nos habituamos a ver. Existem com a força de uma presença que não mais se esquece.

Retrato implacável de um mundo, **Cidade Viscosa** não é somente isso. Como quase todos os filmes de Huston, este também ultrapassa o primeiro plano das situações reais para se estender para um plano simbólico, onde os valores do homem se definem quando se entrechocam. A procura da felicidade, a ambição, o fracasso, a esperança, a frustração. É Huston quem continua a falar: «**Fat City**» **permitiu-me falar de todos esses «boxeurs» que não têm possibilidades de vencer, mas que abraçam todos a esperança de encontrar uma saída. É uma esperança vã, pois estão condenados a lutar apenas em locais miseráveis, em falsas lutas, e nunca chegarão a nada. Continuam, porém, a combater, na esperança de escapar aos seus destinos, ao abominável trabalho de operários agrícolas. Com efeito, eles passam de uma a outra forma de exploração menos deprimente, mas igualmente cruel. Esta atmosfera é típica de certas cidades da costa Oeste, onde a maior miséria está lado a lado com a maior riqueza. «Fat City» é um filme que fala da esperança e do fracasso. É, como «Os Inadaptados», uma fábula alegórica sobre a condição humana que tanto amo. Espero, no entanto, que não seja apenas um filme naturalista.**

Crítica de teatro — Carlos Porto

"Pró menino e prá menina"

«Pró Menino e Prá Menina», de Francisco Nicholson, Mário Alberto, Nicolau Breyner e Gonçalves Preto. Música: Pedro Osório, Braga Santos e Correia Martins. Realização plástica: Mário Alberto. Encenação: Nicolau Breyner. Supervisão: Francisco Nicholson. Coreografia: Tania Pegova e Mário Santiago. Intérpretes: Helena Isabel, Nicolau Breyner, Mariema, António Montez, Io Apoloni, Anabela, Espadinha, Graça Vitória, Maria Tavares, Luís de Mascarenhas, Carlos Gonçalves, Mário Santiago, Maria Vendrel, Filomena, Nuno, Joel, Dianne, etc. Produção de Sérgio Azevedo. Teatro ABC, 11/4/73.

A revista dita «a portuguesa» debate-se neste momento com problemas de ordem estrutural que a conduzirão rapidamente — se é que ainda não conduziram — a uma situação de beco sem saída. Agudizados esses problemas por razões que lhe são extrínsecas, só com muito entusiasmo, espírito de colaboração, imaginação e inteligência será possível superá-los.

Verificada a necessidade de renovação da revista, o aparecimento de novos autores (e também de novos actores) corresponde ao surgimento de um novo público, ou melhor, à diversificação do público tradicional. Pode até pôr-se em dúvida o facto de a revista ser ainda um espectáculo genuinamente popular, contrapondo-lhe a evidência dos públicos que a sustentam. Acresce, ainda, a possibilidade de aproveitamento de novas técnicas de espectáculo — ligadas, sobretudo, a processos revolucionários de luminotécnica e sonoplastia — que parecem, em princípio, contrariar o **espírito** da revista tradicional mais virada para uma comunicação directa e linear.

O novo espectáculo do ABC reflecte, em vários dos seus aspectos, essa situação contraditória. Procurou-se criar um texto que respeitasse certos valores subtis do humor mas sem deixar de recorrer a uma linguagem «sem peias», um dos pratos fortes da velha revista; tentou-se contestar essa velha revista (ou, pelo menos, alguns dos seus elementos) ou, seja, a sua destruição por dentro, embora respeitando, finalmente, os seus esquemas básicos. (O desaparecimento do **compére** e das «meninas do coro» que são substituídas por personagens de ligação é insuficiente para alterar fundamentalmente esses esquemas).

Pode dizer-se que foi na música e na criação plástica do espaço cénico que se tentou levar mais longe a intenção de renovar, o que não significa, bem entendido, que uma e outra tenham sempre a qualidade necessária para valorizar essa renovação (é mesmo de perguntar em relação a alguns aspectos musicais se será aquele o caminho mais indicado). Devemos ainda acrescentar, a favor do novo espectáculo do ABC, que o facto de confirmar a eliminação dos «protagonistas» do nacional cançonetismo é um factor altamente positivo.

Assenta, pois, esta revista em duas linhas de força contraditórias: uma procura novos (mas nem sempre originais) caminhos; outra defende os antigos. No primeiro caso, é fundamental a presença de Helena Isabel que, embora sem ter números que explorem todas as suas potencialidades, demonstra uma vez mais as capacidades de expressão e de comunicação que manifestou na sua estreia em revista. O perfeito à-vontade, a malícia inteligente, a graça e a maneira como se entrega ao espectáculo, além da beleza e da elegância, são qualidades que não é fácil ver reunidas. Surgindo como «descendente de coristas» com aspirações a vedeta, Helena Isabel acaba por denunciar com vigor as malefícios do vedetismo que destrói o espírito de equipa e prejudica altamente o teatro português. Foi pena que os autores não tivessem levado esta linha da personagem até às últimas consequências. Dos números que couberam a Helena Isabel, o público aplaudiu especialmente a «Tourada», aproveitamento do êxito discutido do festival e que é um exemplo de um número de revista popular. Outro bom número da actriz foi «Varredora».

Ainda nesta linha, coube a Io Apoloni uma participação importante com um número que, não sendo original, é ainda oportuno tanto mais que os autores souberam aproveitar a própria experiência da actriz que parece colocar-se pessoalmente contra o vedetismo das plumas. Neste número e em «Dona Saloon», Ia Apoloni revela uma evolução evidente tanto na maneira de estar em palco como nos registos de expressão. Só a voz, por ora, surge demasiado frágil.

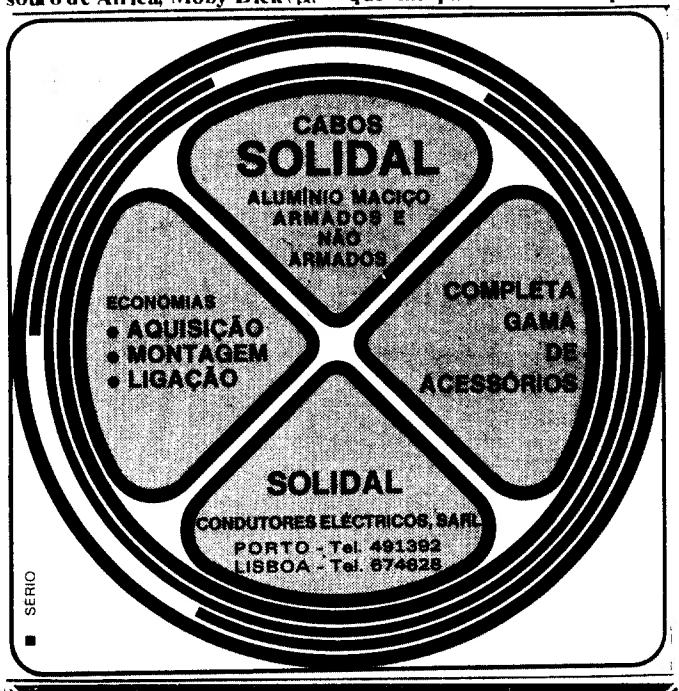
Também António Montês — estreia na revista em que o actor se mostra ainda preso a hábitos do «outro» teatro — coube um número contestatário (um dos melhores do espectáculo e a sua melhor interpretação) desmistificando o sentimentalismo de um poema sobre Lisboa constantemente destruído pela interferência da realidade que não se compadece com esse sentimentalismo.

Anabela, Mariema, Nicolau e Espadinha encarregam-se da maioria dos números mais integrados na linha da revista tradicional, o que não significa que não possuam valor intrínseco. Nicolau Breyner tem uma espantosa composição na personagem Golda Mayer, **charge** da dirigente israelita cuja política é finamente criticada. Outro número de Nicolau com certo interesse de texto é «Play Boy». Mariema surge simbolicamente da plateia num número intitulado «Regresso» mas não tem texto à altura dos seus méritos nem sequer em «Belzebua» cujo humor é demasiado pobre.

Também Anabela se pode queixar da pouca inspiração (?) dos autores sobretudo no que se refere à concretização de ideias que acabam por morrer à míngua de graça. Ainda por cima o seu melhor número (e de Espadinha) é marcado pelo confronto obrigatório com o modelo em que se inspirou — uma cena do filme «Cabaret» em que dois actores fabulosos interpretam alguns dos números de «music-hall» mais inquietantes e, possivelmente, mais geniais da história do cinema.

O tratamento cuidado dos segundos planos — Graça Vitória, com um número fraco apesar da sua intencionalidade, «Crise de Teatro», Maria Tavares, Carlos Gonçalves, Luís de Mascarenhas, que está a revelar-se um autêntico comediante — ; a qualidade de algumas criações de Mário Alberto — «Dona Saloon», «Gil Vicente», «Professor Horas», apoteoses, embora a última inspirada, talvez, em temas aztecas tenha pouco a ver com a nossa realidade — ; alguns números musicais; a parti-

Continua na pág. 7



TOIROS em VILA FRANCA

DOMINGO DE RAMOS, 15 DE ABRIL DE 1973
ÀS 4 E MEIA DA TARDE
1.ª CORRIDA DA TEMPORADA
8 — TOIROS — 8

OLIVEIRAS, IRMÃOS

RIBEIRO TELLES | MESTRE BAPTISTA
MÁRIO COELHO | JOSÉ FALCÃO

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

PREÇOS DESDE 50$00 — VENDA DE BILHETES — Em Vila Franca: Café Central e nas agências oficiais. Em Lisboa: na Agência ABEP, Praça dos Restauradores, Telef. 328823; e na Tabacaria Freitas, Rua 1.º de Dezembro

AVISO

OS TOIROS ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO AO PÚBLICO NO DIA DA CORRIDA, NA PRAÇA DE TOIROS «PALHA BLANCO» das 11 às 12 h.

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
36.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O VENDEDOR
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
Todas as noites: 21.45 h.
3.ª feira, descanso da Companhia
Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos: 16 e 21.45 h.

TEATRO Tel. 86 47 56
LAURA ALVES
RUA DA PALMA
ÀS 21.45
Grupo C M/ 14 anos

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
16.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIRÓS

No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS
Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira: Descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO: «matinée» às 16 h.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)
3.ª, 4.ª, 5.ª, às 19 horas
6.ª e Sábado, às 22 horas
Domingo, às 16 e 22 h.
OH PAPÁ POBRE PAPÁ
A mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste...
De ARTHUR KOPIT.
Marc. T. 677299—Maiores 18 anos — Subsidiado Fundo Teatro

MELHOR SOM MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

CINEMA NO MUNDO

«OH LUCKY MAN» EM CANNES

O novo filme de Lindsay Anderson «Oh Lucky Man» foi escolhido para representar a Inglaterra no próximo festival de Cannes, que se efectua de 10 a 24 de Maio. São principais intérpretes Malcolm McDowell, «sir» Ralph Richardson, Rachel Roberts, Arthur Lowe e Helen Muren. Tem música e canções de Alan Price.

SEMANA INTERNACIONAL DE CINEMA DE VALLADOLID

Está pronto o cartaz anunciante da décima oitava Semana Internacional de Cinema de Valladolid, que se realiza de 29 de Abril a 6 de Maio.

«EL NIÑO ES NUESTRO»

Está para breve a estreia da nova película de Manuel Summers, «El Niño es Nuestro», uma continuação do discutido filme «Adios, Ciguena, Adios», com os mesmos protagonistas. A primeira actriz é Maria Isabel Alvarez Romero.

O CARNEIRO RAIVOSO

O cineasta Michel Deville vai transpor para o cinema o romance de Roger Blondel «Le Mouton Enragé», de que Christopher Franak está a fazer a adaptação.

JACQUES BREL RODA OUTRO FILME

Edouardo Molinaro começou a rodar na França a película intitulada «Quel Emm...», com Jacques Brel, Lino Ventura, Caroline Cellier, J.P. Darras e Nino Castenuovo. A obra cinematográfica é uma adaptação da comédia de Francis Veber, «Contrat».

Gerard Blain iniciou a rodagem do filme «Le Pelican», de que é simultâneamente o realizador e o protagonista. É a história de um pianista de «jazz» que, depois de ter passado oito anos prisioneiro no estrangeiro, quer voltar a ver o filho. Entretanto, toma conhecimento de que sua mulher (Dominique Ravix) o privou dos direitos paternais.

A IRONIA DA SORTE

Intitula-se «L'Ironie du Sort», de Edouard Molinaro, com Barnard Le Coq, Marie Helene Breillat e Jean-Claude Dauphin como principais intépretes.

COMUNICADO

CARLOS VIEGAS, ex-empregado de uma firma de electrodomésticos, tem o grato prazer de informar os seus clientes e amigos que se estabeleceu e que a partir de hoje os aguarda no seu estabelecimento, na Rua Gomes Freire, 9-B – Telefone 49406.

NOVO DIRECTOR DE SERVIÇOS DA J.A.E.

Por despacho do ministro Rui Sanches, foi nomeado director de serviços do quadro da Junta Autónoma de Estradas, o engenheiro-chefe de divisão do mesmo quadro António Rebelo da Costa Franco e Abreu, que sucede nas funções de director dos Serviços de Ponte daquele organismo, ao eng. António João Barroso Antunes, designado director do Gabinete da Ponte sobre o Tejo.

MERCADINHO DA PÁSCOA

PORTO — No convívio da igreja nova do Carvalhido, foi ontem, à tarde, inaugurado um «mercadinho», com variadas especiarias próprias para a quadra da Páscoa, trabalhos femininos e floridos ramos de oliveira e palmas.

O produto das vendas destina-se a custear as obras da nova igreja.

P'rõ menino e p'rã menina

Continuação da pág. 6

cipação dos diabólicos «Diablos del Bombo», número de excelente nível — absolvem a revista, em parte, das debilidades, por vezes demasiado gritantes, do texto («Abertura», «Planetas», «Cigana», «Ana» e o «Dragão», «Sexologia», são os exemplos mais evidentes) bem como das contradições que os autores não puderam ou não souberam resolver.

Guardei propositadamente para o fim um número da revista que me parece possuir um grande impacto apesar (ou por causa) da modernidade da sua concepção e da respectiva realização plástica — trata-se, pois, de um número exemplar. Refiro-me à pantomina «Barraca das Pneumonias» que tem excelentes soluções cénicas e contém uma crítica aos novos abrigos das paragens de autocarros que permite uma interessante segunda leitura.

Podada de alguns números total ou parcialmente falhados, depois de adquirido um ritmo mais vivo — «Pró Menino e Prá Menina» merece ser vista, até pelos problemas que levanta.

MIRATEJO - MINI DRUGSTORE

NOVO ESPAÇO PARA O SEU NEGÓCIO

Acompanhe connosco o desenvolvimento desta verdadeira cidade que dispõe já de todas as infra-estruturas de base e de serviço.

Instale o seu ramo de negócio numa das lojas* do MINI DRUGSTORE de Miratejo.

Para as suas perspectivas comerciais oferecemos-lhe uma realidade:

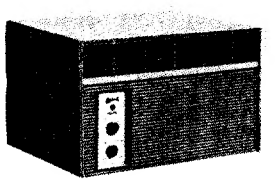
Em Miratejo habitam já 500 famílias;
dentro de um ano 1.200; em 5 anos serão 4.000.

Estude connosco a viabilidade para o seu negócio.
Contacte-nos e visite Miratejo.

* Para as lojas ainda disponíveis sugerimos:
Farmácia, Pastelaria ou Café, Cabeleireiro, Barbeiro, Lavandaria, Tabacaria, Sapataria, Florista

REALIMO, S.A.R.L.

Av. Eng. Duarte Pacheco, 21-3.° D. — Tel. 65 25 71
LISBOA 1



Não deixe o seu escritório ser invadido pelo calor e indolência

O calor torna as pessoas indolentes

Colocando um aparelho de ar condicionado DELCHI na sua janela, o tempo quente não o afectará. Nem sequer o barulho ou as distracções exteriores o poderão incomodar. Um DELCHI torna o seu escritório num agradável local de trabalho. Terá Primavera permanente, com DELCHI no seu escritório. A sua instalação poderá ser fixa ou portátil.

com DELCHI não há calor

Agradecemos nos enviem mais detalhes sobre os aparelhos de ar condicionado DELCHI.
Nome _____
Ramo de Negócio _____
Rua e Número _____
Localidade _____ Telef. _____

Envie este cupão para os representantes exclusivos: OLAVO CRUZ, LDA.
Departamento Industrial - Rua das Flores, 59 – Lisboa

DL /GERAL

Semana de Portugal em Barcelona

De 24 a 29 de Abril realiza-se em Barcelona, numa iniciativa da Secretaria de Estado portuguesa da Informação e Turismo com a cooperação da Fundação Gulbenkian, a «Semana de Portugal», em que participam a companhia do Teatro Experimental de Cascais, a companhia de Bailados Gulbenkian e a Orquestra Gulbenkian, figurando ainda no programa a exibição dos filmes «A Canção Da Terra», de Jorge Brun do Canto, «Verdes Anos», de Paulo Rocha, e «Uma Abelha Na Chuva», de Fernando Lopes.

MANHÃ NA PRAÇA

NA RUA PREÇOS MAIS BARATOS

. . Desta vez resolvemos deixar os mercados cobertos e percorrer as ruas à recolha dos preços, não de todos os produtos mas apenas dos que há para vender. Minimercados, canastras equilibradas no passeio, carrinhos de mão motorizados e os preços mais baixos, quase sempre a par da qualidade e quantidade do produto.

Assim hoje, na rua de S. José, apenas um preço nos alarmou pela sua exorbitância: feijão verde a 52 escudos o quilo. Pensando que era engano pedimos a confirmação.

— **Que é que quer? É novidade, vem do Algarve, não é de cá, ou melhor ser é mas faz de conta que não é.**

Passada a surpresa olhámos à volta. Pêros a 10$40 e a 11$70. Ao lado, no supermercado, a 7$80 de qualidade inferior. Laranjas a 9$10, 7$80 e a 10$40 oferecidas por um vendedor ambulante por 5 escudos o quilo, dois quilos 9$00. Nespras a 15$60 e a 9$50 no supermercado ao lado. Maçãs a 10$40, reineta 11$70 e a 9$10, bananas a 6$00, e a 12$40 no supermercado. Limões a 6$50, cenoura a 5$00, agriões a 10$00 o molho, grelos e espinafres a 5$00 o molho, favas a 3$60 e a 3$80 no supermercado, ervilhas a 8$80 e a 9$40 no supermercado, couve-flor a 4 e 5 escudos, conforme o tamanho, batatas novas a 5$50.

À volta de dois vendedores de peixe, juntavam-se as mulheres do bairro. Discutia-se o preço, como em toda a parte, vigiavam-se as pesagens. Safios a 12, cachucho a 14, sardinha a 10, pargo pequenito a 14, pescada a 15.

— ?

— **Aqui compra-se mais barato que na praça e não temos de andar muito. O peixe é bonzito, inda assim, olhe aquelas sardinhas hoje são muito frescas.**

Na outra barquinha comprava-se sardinhas a 12, peixe-espada a 24, chocos a 38, solha a 24 e polvo a 18.

Peixe espada, sardinha, chocos, polvo e solha, à mistura com safio, cachucho e pargulos — uma escolha pobre para gente pobre.

SENSACIONAL ..!

A JOVICA comunica aos seus estimados clientes que vai inaugurar mais dois estabelecimentos em duas zonas das mais movimentadas de Lisboa, indo assim ao encontro das necessidades da sua numerosa clientela.

PORTANTO: JOVICA SEMPRE A PENSAR EM SI...

A PARTIR DE HOJE: RUA GOMES FREIRE, 9-B (Junto ao Campo de Santana)

A ABRIR BREVEMENTE: ESTRADA DE BENFICA, 333-B

TELEVISORES . . . . desde 2.500$00
(Oferta de antena para os dois canais)

ESQUENTADORES . . . » 990$00

MÁQUINAS DE LAVAR » 4.500$00

ESTABELECIMENTOS DO GRUPO

JOVICA

LISBOA: Av. 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769-52670 ★ Av. Duque d'Ávila, 58 — Telef. 54892 ★ Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536-48856
VENDA NOVA: Av. Câmara Pestana, 9-A ★ Rua Elias Garcia, 13-A — Tel. 975791
CASCAIS: Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telef. 281395
ESCRITÓRIOS:
Rua Pascoal de Melo, 127-D, 1.º — LISBOA — Tel.: 563371-57172-535010-49406

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.ªs feiras.

RESTAURANTE
SANCHO
Trav. da Glória, 8-16
Telef. 369780
LISBOA

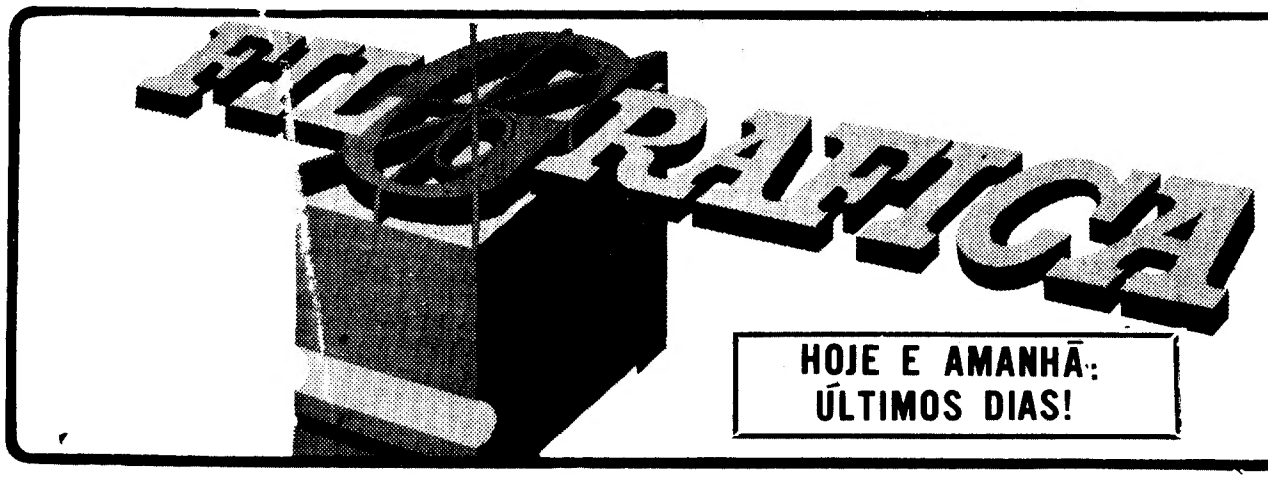
SNACK BAR ABERTO ATÉ ÀS 2 H
RESTAURANTE
O BACANO
Av. João Crisóstomo, 47-C — Telef. 53 38 59
LISBOA

RESTAURANTE
breque
R. BUENOS AIRES, 28-B-D
TELEF. 67 70 06 LISBOA
AMANHÃ
CABRITO ASSADO
2.ª FEIRA
LULAS A NAZARÉ
ENCERRADO AOS SÁBADOS

HOTEL BOTÂNICO
Rua Mãe d'Água, 16-20 • Telefs. 3 40 12 / 13
LISBOA (junto à Praça da Alegria)
O PONTO DA REUNIÃO ELEGANTE
VISITE O NOSSO BAR ONDE ENCONTRA O APERITIVO AO SEU GOSTO

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560204
AMANHÃ
Pato à colina
Aberto até às 2 horas

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ



HOJE E AMANHÃ: ÚLTIMOS DIAS!

7 a 15 ABRIL
HORÁRIO
dias úteis: das 16/23 h
sáb. e dom. das 15/23 h

SALÃO INTERNACIONAL DO LIVRO, DO PAPEL E DAS ARTES GRÁFICAS
na Feira Internacional de Lisboa

DL/GERAL

"A PÁTRIA" AUMENTOU AS RECEITAS

A receita da actividade seguradora da Companhia Alentejana de Seguros «A Pátria», ultrapassou, o ano passado, 71 mil contos, dos quais perto de 68 mil provieram do encaixe de prémios, o que corresponde a uma expansão da ordem dos 16 por cento. O significado desta expansão avulta se considerarmos que «A Pátria» recusa a aceitação de riscos subtarifados.

Apesar da cuidada selecção dos riscos assumidos, agravaram-se os custos da exploração técnica, devido ao aumento das remunerações pagas ao pessoal e ao continuado empolamento das indemnizações dos ramos automóveis e acidentes de trabalho.

Segundo afirma o relatório do conselho de administração, os prémios praticados no ramo acidentes de trabalho são insuficientes em face das disposições contidas na nova lei de acidentes de trabalho. No ramo agrícola, a empresa sofreu as consequências de um ano excepcionalmente afectado pelos incêndios nas culturas, nas alfaias e nas matas.

Depois de praticadas as amortizações e constituídas as provisões que as disposições legais impõem, a conta de ganhos e perdas dispõe de um saldo de 5061 contos, dos quais foram aplicados para dividendo ao capital 1400 contos, ou seja uma taxa de 7 por cento.

As reservas totais de «A Pátria» elevam-se, presentemente, a 118 mil contos, correspondendo 90 mil contos a reservas afectas às responsabilidades assumidas em relação aos segurados. A flutuação de valores alcançou a importância de 316 mil contos.

Tendo em vista futuras aplicações, foram efectuados volumosos investimentos na carteira de títulos durante o último exercício.

Juramento de bandeira

Na Base Aérea N.º 2 (Ota) efectuou-se a cerimónia conjunta do Dia da Unidade e juramento de bandeira dos soldados alunos recrutas especialistas.

Presidiu à cerimónia o secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Pereira do Nascimento e estiveram também presentes vários oficiais generais.

Do programa fizeram parte os seguintes actos: alocução pelo comandante da unidade; empossamento do porta-bandeira, dos porta-guiões e respectiva escolta e ainda a distribuição de prémios do concurso de tiro da Força Aérea.

O Banco de Angola apoia directamente as actividades económicas de Braga

O desenvolvimento industrial e comercial do distrito de Braga, manifestado pelos mais recentes índices económicos, levaram o Banco de Angola, a inaugurar uma nova agência no centro de Braga, na Avenida Marechal Gomes da Costa, no sentido de poder apoiar de perto os seus clientes na zona e procurando ao mesmo tempo o fomento de inúmeras actividades a quem presta o seu apoio nos diversos ramos da actividade bancária.

A nova agência, que dispõe de excelentes instalações, encontra-se desde já em condições de prestar um completo apoio bancário a todos os seus clientes.

ADM. UNIVERSIDADE

EXAMES «AD HOC» — MAIORES DE 25 ANOS

CURSOS ESPECIALMENTE ORGANIZADOS PARA O EFEITO

PREPARAÇÃO INTENSIVA

EXTERNATOS

São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 864100

Marquês de Pombal — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74/5

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

MULHER À DERIVA

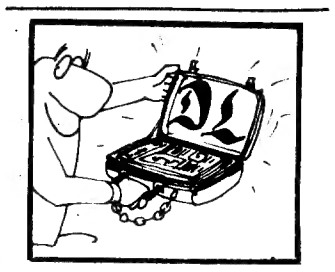
Dist. Filmitalus (Adrift)

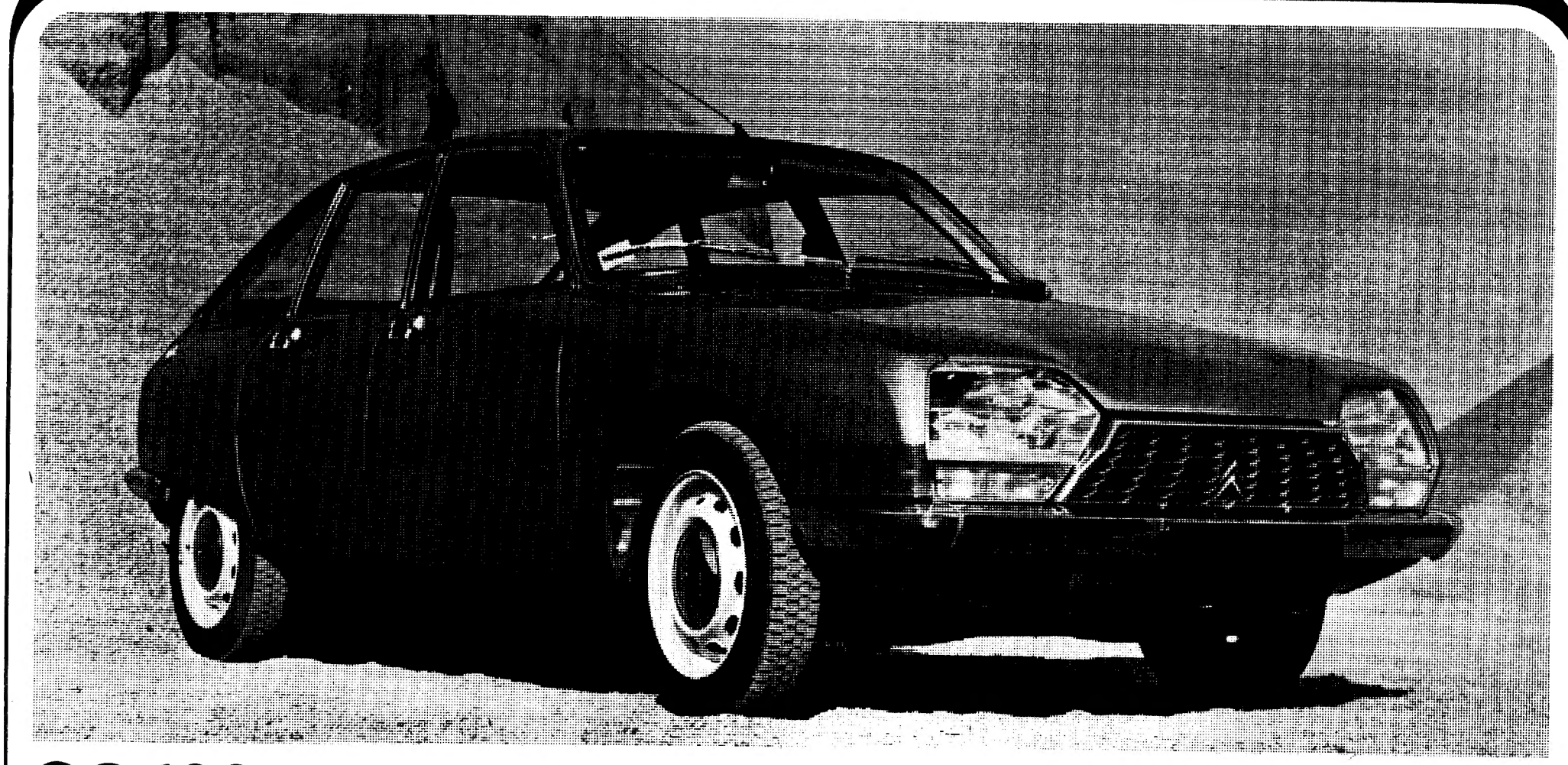
de JAN KADAR

Grupo D - 18 anos

EM EXIBIÇÃO NO

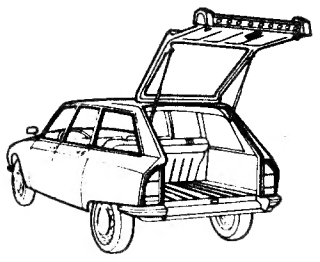
estúdio nucnuonucnu





GS 1220 mais uma razão para escolher um GS

O Citroën GS continua a proporcionar-lhe as vantagens derivadas das características técnicas que você bem conhece.
Tracção à frente; suspensão hidropneumática; 4 travões de disco em duplo circuito; distribuição automática da travagem em função da localização e peso da carga; corrector automático de alturas; motor super-quadrado; aerodinamismo apurado; direcção exclusiva, etc. . . .
Conforto, segurança, performances, estabilidade!
Mas para aqueles que, pelo seu temperamento desportivo, achavam que ao GS faltava apenas um pouco mais de «nervo» para ser o carro ideal, a Citroën propõe agora o GS 1.220, com motor maior e mais potente que faz o quilómetro de arranque em 36"8 apenas. Maiores acelerações que redobram o prazer de conduzir. E ao GS pode sempre pedir o máximo. Pedir-lhe tudo. Foi concebido para isso: para dar muito durante muito tempo.
Entre a Berline e o Break você pode continuar a escolher.
É uma questão de gosto ou do fim a que os destine. O importante é ter um GS. Agora com mais uma razão: o GS 1.220. Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro.



CITROËN GS

ARTES PLÁSTICAS

«AMIGOS DE LISBOA»

Encontra-se patente ao público, na sede do grupo de «Amigos de Lisboa», uma exposição de guaches do pintor António Cristino, que se conservará aberta todos os dias úteis, das 15 às 18 horas, até ao fim do mês.

CASA DO ALENTEJO

Está aberta na Casa do Alentejo, uma exposição bibliográfica sobre o Alentejo, que poderá ser visitada todos os dias úteis, das 18 às 23 horas. Em benefício do fundo de assistência, realiza-se amanhã, no local, uma venda de livros com sessão de autógrafos, pelas 18 horas, de escritores alentejanos: Antunes da Silva, Manuel da Fonseca, Manuel Geraldo, Manuel Manso e Urbano Tavares Rodrigues.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel José Godinho «Casa Magel». Rua de S. Pedro, 6 — MORA

MÁRIO COSTA

Na Galeria Alfageme, encontra-se patente ao público até ao próximo dia 28 uma exposição de Mário Costa.

VICENTE BESUGO

No salão de exposições das Arcadas do Parque-Estoril, está aberta ao público, até ao dia 27, entre as 10 e as 22 horas, uma exposição de Vicente Besugo, sob o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol.

EMA BRANDÃO

Até ao dia 20, das 14 às 20 horas, pode ser visitada na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição de Ema Brandão, subordinada ao tema «Arte em Madeira».

SONDAGEM

Devido ao início das férias da Páscoa, fica adiada para dia a anunciar, a sessão do ciclo «Sondagem ao mundo da arte contemporânea», organizada pelo Centro de Estudos Estéticos do Instituto de Arte e Decoração.

Entretanto, continua aberta ao público até ao fim do mês, na Galeria do IADE, a exposição de «Arte Pop Europeia», com obras de Klasen, Monory, Stampfli, Télemaque e Adami.

PINTOR FERNANDO DOS SANTOS

Faz hoje oito anos que morreu o pontor de arte Fernando dos Santos, que foi presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes e autor de vasta obra, grande parte existente em museus do País e em colecções particulares. Foi também escritor teatral de feição popular, sendo autor de mais de uma centena de operetas, revistas e comédias.

Sua viúva, a pintora Alda Machado Santos, manda celebrar missa por sua alma, na igreja do Loreto, às 12 e 20.

A pintura de António Sampaio na Galeria Diprove

. . Continua patente ao público na galeria DIPROVE, a exposição de pintura de António Sampaio, que tem sido um verdadeiro êxito, quer do ponto de vista da aquisição de quadros, quer no tocante à reacção do público perante a subtileza de meios plásticos e o cunho de evanescência e enigma lírico desta nova fase de António Sampaio, nos trilhos de uma neo figuração que passa pela experiência de arte abstracta, especialmente a de um paisagismo onírico. A tela que reproduzimos é o exemplo frisante desse carácter poético extremamente original.

REDACTOR/A

PRECISA-SE

Para Agência de Publicidade, reunindo as seguintes condições:

— frequência universitária (universidade clássica, de preferência)
— conhecimentos de inglês e francês.
— idade entre 20 e 35 anos

Resposta manuscrita, indicando «curriculum» e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 772.

em 3 linhas

Foram nomeados definitivamente técnicos de 1.ª classe do quadro da Direcção-Geral da Fazenda Pública o eng.º José Martins Carrondo e dr. Nuno Alberto de Araújo Cabral Basto.

///

O dr. José Luís de Chagas Henriques de Jesus foi nomeado, em comissão, chefe da Repartição Provincial dos Serviços de Economia de Timor.

///

Ao cabo de 35 anos de serviço no Ultramar e no respectivo Ministério, foi desligado do serviço, a seu pedido e com público louvor, para efeitos de aposentação, o inspector superior de Obras Públicas e Comunicações eng.º José Rodrigues Moutinho.

///

Podem os interessados requerer, em provimento interino, o lugar de segundo-ajudante da Conservatória do Registo Civil (2.ª classe) e Predial (3.ª classe) da Horta (Açores).

///

Foram concedidas a medalha de ouro de assiduidade de serviço no Ultramar ao primeiro-sargento Manuel dos Santos Ferreira, do Batalhão de Caçadores 19; e de prata ao sargento-ajudante José Raposo Cabral e primeiros-sargentos Carlos Pinto da Fonseca, António Augusto Martins e Serafim Lourenço Cartaxo.

///

Vem na folha oficial (3.ª série, n.º 88) a lista dos alvarás de industriais de construção civil, concedidos segundo resoluções tomadas, na sessão de 7 de Fevereiro último, pela Comissão de Inscrição e Classificação dos Empreiteiros de Obras Públicas e dos Industriais da Construção Civil.

///

O «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 88) insere a lista das nomeações de professores efectivos dos estabelecimentos de ensino dependentes da Direcção-Geral do Ensino Secundário.

CONVÍVIO COM

Vikings + Vittório Santos

AMANHÃ, das 16 às 20

no

GINÁSIO CLUBE DE CASELAS

organiza:

«THE KIDS»

Direcção de TONY

COLABORADORES

PRECISAM-SE

para Salas de Estudo, ensino primário e preparatório. Resposta a este jornal ao n.º 770.

DL/NACIONAL

Renovação da via férrea em Espinho-Ovar

. Um grupo de técnicos da comissão ferroviária de estudo de uniformização e aquisição de equipamentos ferroviários, acompanhado pelos dirigentes da C. P., deslocou-se ontem, em comboio especial, que circulou através da linha do Norte, à área de Espinho-Ovar, onde estão a decorrer os trabalhos de renovação integral da via.

No regresso, visitaram o complexo oficinal e o estaleiro de reperfilagem de carris instalados no Entroncamento.

Naturalizações

Foi concedida a nacionalidade portuguesa, por naturalização, aos cidadãos polaco Jos Ajzenberg, residente em Lisboa, e que passará a usar o nome de José Ajzenberg, e chinês Fung Poi Man, domiciliado na Beira (Moçambique), que passa a chamar-se Daniel Fung.

Operação "Stop"

Na sequência das operações «stop» que a Brigada de Trânsito da P.S.P. tem levado a efeito diariamente, os postos de fiscalização, desta vez, localizaram-se principalmente nos arredores de Lisboa. Deste modo, foram inspeccionados veículos automóveis na Amadora, Queluz — junto do Palácio e junto dos sinais luminosos — proximo da passagem de nível de Oeiras e na praça de touros de Algés, tendo sido vistoriadas 528 viaturas particulares e 40 táxis.

Das 101 autuações registadas, 6 foram por falta de apresentação da carta de condução, 23 por falta do livrete, 2 por faltar o dístico de 90 km, 1 por falta de óculos e 2 por excesso de lotação.

Nesse período foram detidos dois automobilistas por condução ilegal.

Prémios da Academia das Ciencias

Foi aberto concurso para atribuição dos seguintes prémios da Academia das Ciências de Lisboa, para os quais as obras concorrentes deverão ser originais e escritas em língua portuguesa:

1.º, Prémio Ricardo Malheiros, no valor de 5000$00, destinado a obra impressa de qualquer dos géneros romance, novela ou conto, publicada durante o ano de 1973.

2.º Prémio Artur Malheiros, no valor de 10.000$00, destinado a obra inédita sobre ciências naturais;

3.º, Prémio Artur Malheiros, no valor de 10.000$00, destinado a obra inédita sobre ciências médicas;

4.º, Prémio Ramos Paz, no valor de 10.000$00, destinado a obra inédita sobre qualquer aspecto da literatura brasileira ou das relações literárias luso-brasileiras;

5.º, Prémio Abílio Lopes do Rego, no valor de 40.000$00, destinado a obra impressa publicada durante o ano de 1973, ou obra inédita sobre qualquer tema da ciência da colonização ou qualquer problema concreto que diga directamente respeito à administração ultramarina portuguesa, ou qualquer estudo de ciências humanas de interesse directo e imediato para a administração ultramarina portuguesa;

6.º, Prémio General Casimiro Dantas, no valor de 8000$00, destinado a obra impressa de qualquer dos géneros de poesia, teatro ou ensaio, publicada durante o biénio de 1972/1973.

"Filgráfica—2" só até domingo

Um grupo de trabalho do Fundo de Fomento de Exportação, que se ocupa do sector do papel e artes gráficas, visitou a Filgráfica-2 para estabelecer contactos com os expositores.

Tendo em atenção que neste momento estão no nosso País várias missões de compradores estrangeiros de trabalhos gráficos, este encontro revestiu-se da maior oportunidade, permitindo o esclarecimento dos industriais presentes acerca dos principais mercados importadores, tais como a França, Grã-Bretanha, Suécia, Noruega, Alemanha, Espanha e Bélgica.

À noite realizaram-se duas palestras sobre a «Classificação Nacional de Profissões» promovidas pelo Serviço Nacional de Emprego e foi apresentada uma comunicação por uma importante empresa expositora. A Filgráfica-2 encerra no domingo.

MULHER À DERIVA

Dist. Filmitalus (Adrift)
de JAN KADAR
Grupo D 18 anos

EM EXIBIÇÃO NO

estúdio nucnuanucnu

DINHEIRO

Emprestam-se rapidamente em boas condições 100 a 2 500 contos sobre hipoteca de prédios, partes de prédios ou construção, moradias e quintas.
Trata
AGÊNCIA PREDIAL DA MADALENA
(Mediadora Autorizada)
Rua da Madalena, n.º 182-1.º Dt.º (A Santa Justa)
Telefs.: 86 75 46 - 87 24 18

AUSTIN MAXI 1750
AS VANTAGENS SALTAM À VISTA
MAXI versatilidade, espaço, conforto e segurança.
MAXI a solução para os que desejam um conjunto de características que só encontram isola das noutros carros.
MAXI: O SEU FIEL MAXI
À venda nos Concessionários AUSTIN em todo o País
DISTRIBUIDORES: BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL – AUTOMÓVEIS, LDA.

73 am x 12

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

EM OBSERVÂNCIA DE UMA NORMA QUE REGULARMENTE VEM SENDO PRATICADA DESDE O INÍCIO DA FUNDAÇÃO, PUBLICA$SE EM SEGUIDA UM RESUMO DAS SUAS PRINCIPAIS ACTIVIDADES DURANTE O ANO DE 1972.

A) — PORTUGAL

I — ARTE

a) SUBSÍDIOS

1. — Para aquisição de obras de arte, exposições, edições de arte, viagens de estudo e outras formas de fomento de actividade artística nos sectores das artes plásticas, teatro e cinema, subsídios no valor total de 5 613 940$30.

2. — Para comparticipação em obras de conservação e restauro de edifícios e espécies destinadas a museus, manutenção de centros de educação artística infantil e aquisição de equipamento para os mesmos, e para assegurar o prosseguimento de trabalhos arqueológicos, subsídios no valor total de 1 858 237$20.

3. — O **Serviço de Belas-Artes** concedeu 81 bolsas para estudo no País e no estrangeiro, com o encargo total de 2 613 014$70.

4. — A diversos estabelecimentos de ensino de música, sociedades promotoras de concertos, bandas de música civis e grupos corais de amadores, e, ainda, a outras instituições, para fins de educação, cultura e difusão musical, subsídios totalizando 2 041 944$00.

5. — O **Serviço de Música** concedeu 93 bolsas para estudo no País e no estrangeiro, com o encargo total de 1 487 681$00.

b) INICIATIVAS PRÓPRIAS

1. — A Fundação, por intermédio dos seus **Serviços de Belas-Artes**, de **Exposições e Museografia** e do seu **Centro Cultural Português**, de Paris, promoveu a realização de diversas exposições, de entre as quais avultam as seguintes: Em Lisboa, «Naum Gabo»; «Arpad Szenes»; «Sonia e Robert Delaunay em Portugal»; «Francis Smith»; «Paul Klee»; «13 Quadros de Alice Jorge»; «Bertina Lopes», «Hein Semke — 40 Anos de Actividade em Portugal»; «Vidro Manual» e «Aspectos da Arquitectura Barroca Luso-Brasileira»; em Lisboa e Porto, «Dada 1916-1966», apresentada em colaboração com o Instituto Alemão em Lisboa.

Em Viana do Castelo, Póvoa do Varzim, Espinho, Aveiro, Figueira da Foz, Leiria, Caldas da Rainha e Vila Franca de Xira, a exposição itinerante «A Paisagem», com obras de pintura da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da própria Fundação; no Barreiro, as exposições «Gravuras Contemporâneas Portuguesas das Colecções da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Fundação Calouste Gulbenkian» e «Alguns Caminhos da Pintura Portuguesa Contemporânea das Colecções da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Fundação Calouste Gulbenkian»; em Paris, exposições de pintura dos artistas Nikias Skapinakis e Manuel Cargaleiro.

2. — Organizou, com a colaboração da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, da Sociedade Nacional de Belas-Artes, da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses — «Gravura» e da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte, a representação portuguesa à «III Bienal Internacional de Gravura» de Florença, e, no âmbito das Comemorações do 2 500º Aniversário da Fundação da Monarquia do Irão, a exposição «Portugal e a Pérsia».

3. — A Fundação promoveu o III Ciclo Gulbenkian de Teatro, realizando, em 79 localidades, 142 espectáculos; apresentou, em Lisboa, a «Piccola Brigata» de L'Aquila, com a tragédia pastoral «La Fiaccola Sotto il Moggio» e um recital intitulado «Desde Pirandello até hoje»; sob o alto patrocínio da Embaixada dos Estados Unidos da América, levou a efeito, o espectáculo «Gertrude Stein's Gertrude Stein»; em colaboração com o Instituto Britânico em Portugal, exibiu os últimos seis filmes de série a cores «Civilização»; sob o alto patrocínio da Embaixada do Canadá e em colaboração com o «Office National du Film du Canada», efectuou cinco sessões dedicadas ao Novo Cinema Português, com a apresentação em ante-estreia, dos filmes «Pousada das Chagas», de Paulo Rocha e o «Passado e o Presente», de Manuel de Oliveira, subsidiados pela própria Fundação; exibiu o filme «Blanche» de Valerian Borowiczyk e, sob o alto patrocínio da Embaixada de França, em sessão de gala, o filme «Dieu a choisi Paris» de Gilbert Proteau; prosseguiram os trabalhos de recolha e selecção de documentos destinados à colectânea «Documentos para a História de Arte em Portugal», tendo ficado concluída a impressão do IX, X, XI, XII volumes; ficou igualmente concluída a edição das obras «O Apocalipse do Lorvão» de Anne de Egry e «Frei José de Santo António Ferreira Vilaça» de Robert C. Smith.

4. — Publicaram-se seis números da revista **«Colóquio/Letras»** e cinco da revista **«Colóquio/Artes»**.

5. — O **Serviço do Museu**, no **Sector da Investigação** prosseguiu os trabalhos de revisão, organização e actualização documental das obras de arte das colecções, de recolha de novos elementos documentais e referências bibliográficas a intensificou as relações culturais com os museus e instituições afins; no **Sector da Conservação e Restauro**, continuou o restauro das peças do Museu danificadas pelas inundações de 1967 e o tratamento dos manuscritos e iluminados da Colecção; e no **Sector de Extensão Cultural**, colaborou na organização e funcionamento do V Congresso Internacional do «International Institute por Conservation» e na exposição «Portugal e a Pérsia»; editou o album «Persian Art», a separata «René Lalique at the Calouste Gulbekian Museum, Lisbon», um catálogo da «Oficina de Restauro do Livro»; promoveu duas conferências do prof. Richard Ettinghausen, do «The Metropolitan Museum of Art», de Nova Iorque, e, com a colaboração do Serviço de Música, sete concertos tendentes a integrar as obras de arte expostas no Museu no ambiente musical próprio das épocas que representam; participou na exposição «Les Cultures du Monde e de l'Art Moderne», em Munique, e no 6.º Congresso de Arte e Arqueologia Iraniana, realizado em Oxford.

No ano de 1972, o Museu Calouste Gulbenkian registou a frequência de 78 046 visitantes e organizou 171 visitas guiadas para o público.

6. — O **Serviço de Exposições e Museografia**, além de ter colaborado na montagem das exposições referidas em b) 1 e b) 2, ultimou, em colaboração com o de Belas-Artes, os trabalhos relativos à Casa do Bocage e Casa-Museu Abel Salazar e deu apoio aos que se encontram em curso no Museu Municipal da Figueira da Foz, Museu do Tesouro da Sé de Lisboa, Museu de instrumentos do Conservatório Nacional no Palácio Pimenta da Câmara Municipal.

7. — **A Orquestra Gulbenkian** efectuou, no Grande Auditório da Fundação, as habituais séries de concertos de Janeiro a Março e de Outubro a Dezembro, apresentou-se, também em Lisboa, na Igreja da Graça e de S. Vicente de Fora, e na Reitoria da Universidade Clássica, nas Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Coimbra, Aveiro, Porto, Braga, Tomar, Abrantes, Castelo Branco, Covilhã e Portalegre, deslocou-se à Andaluzia para realizar concertos em Sevilha, Cádiz, Málaga, Granada, Córdova e Badajoz, com o patrocínio do Comissariado Nacional de Música de Espanha, e efectuou ainda uma digressão por África, que compreendeu um total de 22 concertos, em Angola, Moçambique, África do Sul, Malawi e Rodésia.

8. — **O Grupo Gulbenkian de Bailado** levou a efeito, no decurso da sua temporada habitual no Grande Auditório da Fundação, 25 espectáculos com 5 programas diferentes; visitou também Coimbra, Aveiro, Porto, Espinho, Braga e Viana do Castelo; realizou uma digressão de 25 espectáculos pelo Brasil, que abrangeu as cidades de Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, São Salvador e Recife, e ainda uma actuação para a TV Globo.

Foi contratado como «maitre de ballet» do Grupo o professor e coreógrafo cubano Jorge Garcia.

Foram estreados bailados de Milko Sparemblek, John Butler, Norman Walker, Águeda Sena e Carlos Trincheiras.

9. — **O Coro Gulbenkian,** além de colaborar nas séries regulares de concertos da Orquestra da Fundação, fez-se ouvir em Santo Tirso, Ovar e Açores (Ilhas de Santa Maria, Terceira e São Miguel), bem como no Festival de Sintra.

10. — No decurso de 1972, realizaram-se ainda: em diversas instituições escolares do País, 10 concertos por bolseiros e ex-bolseiros da Fundação; em Lisboa, de Janeiro a Março, e de Outubro a Dezembro, 23 recitais e concertos de música de câmara, bem como uma série de encontros-debate sobre temas de Música e Bailado; durante os meses de Abril a Julho, 7 concertos orquestrais, 5 concertos de coro e orquestra, 5 concertos corais, 4 concertos de música de câmara, 15 recitais, 11 concertos de música contemporânea, 13 espectáculos de dança e bailado, em que colaboraram, além da Orquestra Gulbenkian, as Orquestras Sinfónica da Emissora Nacional e Filarmónica de Lisboa, Philadelphia String Quartet, New Phonic Art, London Sinfonietta, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Heinrich Schütz Choir, The Swingle Singers, Murray Louis Dance Company e Dance Theatre of Harlem; sob os auspícios do Conselho Internacional de Música (UNESCO), um Colóquio sobre «A música e os meios técnicos do século XX», em que participaram trinta especialistas de onze países. No programa dos concertos figuraram algumas obras extremamente importantes de grandes compositores do nosso tempo, designadamente: **Pierrot Lunaire,** de Schönberg, **Mantra** de Stockhausen, **Laborintus II** e **Sinfonia** de Luciano Berio, e toda a obra para quarteto de cordas de Webern. Em primeira audição absoluta, foram interpretadas três obras encomendadas pela Fundação: **Recital,** de Berio, **Cantata Elegíaca,** sobre poema de Camões, de Claudio Santoro e **Incisions** de André Almuro. Foi reservado um lugar de destaque para as comemorações do terceiro centenário da morte de Heinrich Schütz, mediante a realização de um ciclo de três concertos.

Dentro do plano de Ressurgimento da Cultura Organística em Portugal, efectuaram-se dez concertos no Grande Auditório da Fundação, e na Sé Patriarcal. A Fundação promoveu também a apresentação da Murray Louis Dance Company no Porto e em Coimbra, e do conjunto The Swingle Singers no Porto.

11. — Em colaboração com a firma Erato, procedeu-se à gravação de quatro discos, com obras de Carissimi, Marc-Antoine Charpentier e Mozart, interpretadas pelo Coro e Orquestra Gulbenkian sob a direcção dos Maestros Michel Corboz e Theodor Guschlbauer, e com a participação da pianista Maria João Pires.

12. — Prosseguiram os trabalhos de inventariação e catalogação dos fundos musicais das Biblioteca Nacional e da Ajuda em Lisboa, Biblioteca Municipal de Evora, Universidade de Coimbra, e Arquivos das Sés de Lisboa e Evora. Foi publicado o volume XXI da Colecção «Portugaliae Musica»: **Motectorum Liber Primus** de Estevão de Brito.

13. — Além dos Cursos de Iniciação Musical Infantil, de Iniciação Instrumental e de Educação e Didáctica Musical que se realizam ao longo do ano lectivo na sua Sede, a Fundação organizou três cursos intensivos de aperfeiçoamento para professores: Curso de Verão de Educação Musical pelo Método Edgar Willems, VII Curso de Verão «Orff-Schulwerk» e Curso para professores de bailado orientado por René Bon

II — CIÊNCIA

a) SUBSÍDIOS

1 — A diversos centros do Instituto de Alta Cultura para programas de investigação, subsídios totalizando 1.262.450$00.

2. — Às Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra para equipamento, bolsas, bibliografia e material de consumo, subsídios totalizando 1.837.876$00.

3. — À Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, para aquisição de mobiliário e equipamento destinados às suas novas instalações, um subsídio no valor de 708.000$00.

4. — À Escola Náutica Infante D. Henrique, do Ministério da Marinha, para aquisição de postos laboratoriais destinados ao ensino de radiotecnia, um subsídio no valor de 427.050$00.

5. — Ao «Grupo de Física de Transformações de Fases nos Minerais» no Laboratório de Técnicas Físico-Químicas Aplicadas à Mineralogia e Petrologia da Junta de Investigações do Ultramar, para **bolsas, bibliografia** e **material de consumo,** um subsídio no valor de 135.800$00.

6. — Ao «Grupo Interdisciplinar de Trabalho para o Estudo Cooperativo de Membranas Biológicas», programa a empreender em colaboração entre instituições científicas de diversos países e o Centro de Biologia do Instituto Gulbenkian de Ciência, um subsídio no valor de 184.000$00.

7. — Ao «Grupo de Matemáticas Aplicadas à Engenharia Civil», do I.S.T., programa a empreender em colaboração com o Centro de Calculo Científico do Instituto Gulbenkian de Ciência, subsídio no valor de 190.000$00

8. — A diversas sociedades científicas, serviços hospitalares e universitários, grupos de trabalho e investigadores independentes para a organização de congressos e frequência de cursos, participações em reuniões científicas, actualização de bibliotecas, equipamento e edição de trabalhos e estágios nos Centros do Instituto Gulbenkian de Ciência, além de outros fins de carácter científico, subsídios totalizando 3.310.930$80.

B) INICIATIVAS PRÓPRIAS

(Instituto Gulbenkian de Ciência)

1. — O **Centro de Estudos de Economia Agrária** durante o ano de 1972, publicou os seguintes trabalhos: «Amortização dos capitais da Empresa Agrícola», «Aspectos recentes da evolução do Mercado do Caminho Crítico e suas aplicações em Agricultura», Alguns aspectos do Mercado de Frutas Frescas no Continente; — 1.ª Parte»; concluiu os trabalhos: «Participação dos Agricultores na Gestão das Cooperativas», «O Mercado das Frutas Frescas no Continente; — 2.ª Parte»; «Programação de modelos de exploração agrícola para a região da Beira Litoral»; organizou um Curso de Formação post-universitário sobre Planeamento em Agricultura e prestou colaboração técnica a diversos serviços públicos e a entidades científicas nacionais e estrangeiras; e, por intermédio de alguns dos seus componentes, participou em diversas reuniões científicas e cursos de especialidade.

2. — O **Centro de Cálculo Científico** prosseguiu o trabalho iniciado em anos anteriores, começando a abordar-se o problema da Gestão de Investimentos; em outras zonas de actividade procurou-se a generalização do método PERT, a exploração das possibilidades do computador não numérico aplicado ao desenho e construir programas que permitam compensar qualquer tipo de Rede Geodésica; como resultado do trabalho no domínio da Geodesia foi publicado o livro «Three Problems in Geodetic Simulation»; no domínio da Algebra Linear foram abordados o problema da determinação de valores, e vectores próprios de matrizes, aspectos de Análise Numérica e programação de algoritmos; procurou-se a adaptação ao Computador ICL-4 130 de algoritmos originariamente destinados a outros sistemas e criaram-se novos programas no campo da Taxonomia Numérica e da Biometria; a vários níveis de intervenção continuou a prestar auxílio a diversas entidades; organizou dois cursos de Matemáticas Aplicadas à Investigação Operacional, dos quais beneficiaram cerca de 40 alunos, recém-licenciados ou já em plena carreira profissional; e continuou a receber em regime de ensino tutorial, bolseiros e estagiários.

3. — O **Centro de Biologia**, por intermédio dos seus quatro laboratórios — de Microbiologia, Biologia Celular, Fisiologia e Farmacologia — prosseguiu os respectivos projectos de investigação tendo sido publicados ou entregues para publicação 40 trabalhos em livros e revistas da especialidade e apresentadas 65 comunicações em reuniões científicas realizadas em Portugal e no estrangeiro. Frequentaram os quatro Laboratórios 59 estagiários de diversas instituições ou escolas nacionais e estrangeiras.

O Centro organizou os seguintes cursos e reuniões científicas: VII Reunião Anual da Sociedade Portuguesa de Microscopia Electrónica; Curso de Ultramicrotomia; Curso de Histoquímica; 1.º Simpósio Internacional de Adaptação Salina; 1.ª Reunião do Grupo Interdisciplinar para o Estudo de Membranas Biológicas; Curso de novos métodos e técnicas do ensino de Biologia; Curso Básico de Imunologia; 2.ª Reunião Nacional de Imunologia; 1.º Simpósio Europeu de Transformação Bacteriana.

Os **Estudos Avançados de Oeiras** ofereceram cinco cursos monográficos sobre Electrónica para Cientistas, Fisiologia Celular, Fotossíntese, Biometria e Cromossomas, regidos por especialistas nacionais e estrangeiros, cada um com a duração de 4 a 6 semanas em regime de tempo integral e na preparação e execução do respectivo programa tiveram a colaboração dos Centros de Biologia e de Cálculo Científico e do Departamento de Fisiologia Vegetal da Estação Agronómica Nacional. Os cursos foram frequentados por doutorandos e licenciados de Portugal (53), Espanha (26), Brasil (4), Comunidades Arménias (5) e outros países (7).

4. — O **Centro de Investigação Pedagógica**, no seu **Departamento de Psicopedagogia**, continuou os trabalhos de construção e validação de técnicas psicológicas e psicopedagógicas e os diferentes estudos da especialidade que vinham do ano precedente; no Sector da Orientação Vocacional realizou exames psicológicos de orientação a algumas centenas de crianças e adolescentes; assistiu em sessões de reeducação, às que revelaram sintomatologia disléxica ou deficiências instrumentais e manteve a assistência psicológica e psicopedagógica dada a diversos estabelecimentos de ensino e a outras instituições. O seu **Departamento de Pedagogia** prosseguiu os estudos de teoria e história da educação e do ensino em Portugal, tendo publicado um estudo sobre didáctica da Filosofia; continuou as pesquisas monográficas sobre a evolução recente do ensino primário português e finalizou a terceira parte do respectivo projecto (1955/1969); no âmbito do ensaio de modernização da iniciação matemática no ensino primário realizou cursos de apoio aos professores que se ocupam de classes experimentais e diversos encontros para análise dos problemas resultantes da aplicação das didácticas preconizadas; publicou, em 2.ª edição, revista e actualizada, uma gramática simbólica do português; terminou as investigações sobre a aquisição de vocabulário e seus factores psicolonguísticos e elaborou mapas estatísticos referentes aos resultados obtidos; continuou as investigações sobre os interesses culturais dos alunos dos grupos etários compreendidos entre os 13 e 17 anos e recolheu elementos de análise nas redacções de tema livre, para um estudo sobre as crianças que frequentam o Ciclo Preparatório; e, por intermédio de alguns dos seus componentes, colaborou e participou na elaboração de um projecto de programa para os dois últimos anos da escolaridade básica; de um grupo de trabalhos encarregado de estudar a reestruturação do ensino secundário; no «Siecial Management Seminar» e na reunião internacional sobre a reforma do sistema escolar português, promovida pela Fundação e pelo Institute of International Education de Nova Iorque.

O **Departamento de Documentação e Informação** fez a análise, selecção e classificação de 975 livros, 2 369 números de periódicos e 5 616 artigos de revistas, manteve a actualização dos diversos ficheiros analíticos e sinaléticos de documentação e continuou a elaboração da «Bibliografia Pedagógica Portuguesa». Foram publicados 2 números do boletim «Bibliografia e Informação» e 9 números da «Informação Bibliográfica Mensal».

NOTA — O **Centro de Economia e Finanças** foi extinto e criado, em sua substituição, um novo Serviço, denominado «Serviço de Investimentos», que passou a funcionar em directa colaboração com o Serviço de Finanças da Fundação.

III — EDUCAÇÃO

A) SUBSÍDIOS

1. — A estabelecimentos de ensino superior para aquisição de material didáctico e de bibliografia, realização de projectos de investigação científica, bem assim como para a publicação de dissertações de doutoramento e realização de um Colóquio Internacional sobre a Projectada Reforma do Ensino Superior em Portugal, subsídios no total de 4 097 669$20.

2. — A estabelecimentos de ensino básico e secundário, pertença de pessoas colectivas de fim ideal, para aquisição de mobiliário, material didáctico e apetrechamento de bibliotecas; a outros estabelecimentos oficiais do mesmo tipo, para apetrechamento de bibliotecas e de salas de apoio ao ensino integrado de invisuais e comparticipações na aquisição de viaturas destinadas ao transporte domiciliário de alunos do ensino preparatório, subsídios no valor de 1 734 186$60.

3. — A instituições que prosseguem programas de educação pré-escolar para aquisição de mobiliário e material didáctico, construção de instalações escolares adequadas e, ainda, para manutenção de um Grupo de Trabalho que tem por objectivo o estudo da educação infantil em Portugal, subsídios que totalizam 4 530 695$90.

4. — A diversas autarquias locais subsídios para a construção de Escolas do Ciclo Preparatório, no valor de 1 215 100$00.

5. — Para a efectivação de programas denominados «Conversão de Regentes Escolares», «Estágios no Estrangeiro para Professores de Línguas Vivas», «Curso de Actualização para Professores de Biologia», «Subsídios de Estudo para Invisuais Reabilitados pela Fundação Raquel e Martin Sain», «Colecção de Diapositivos: Portugal — A Terra e o Homem», verbas no total de 1 717 500$00.

6. — A diversas associações e organismos académicos, para intensificação das suas actividades, especialmente as culturais e artísticas, subsídios no total de 2 361 567$00.

7. — A várias instituições para a prossecução de diversos programas de promoção cultural e, ainda, a certos indivíduos, para a realização de estudos de interesse cultural, subsídios no total de 2 361 567$00.

8. — A estudantes do ensino superior, secundário e equiparado, e a diplomados, foram concedidas 1 082 bolsas de estudo e atribuídos 27 subsídios de viagem, com o encargo total de 17 212 190$30.

b) INICIATIVAS PRÓPRIAS

1. — O **Serviço de Bibliotecas** continuou a ampliar a área da sua actuação, estando presentemente em funcionamento, no Continente e nas Ilhas Adjacentes (Madeira e Açores), 62 bibliotecas móveis e 169 bibliotecas fixas que, no seu conjunto, servem 3 871 localidades, com uma população superior a 5 147 859 habitantes. O número de leitores atendidos em 1972 foi de 1 682 607, tendo sido requisitados mais de 5 919 978 livros; também no decurso do ano findo, e no seguimento da sua actividade cultural e de promoção social o Serviço de Bibliotecas emprestou mais de 121 240 livros escolares; por intermédio da sua biblioteca Central de Empréstimo, que se destina especialmente a fornecer livros de cultura superior a leitores mais evoluídos, foram emprestadas 4 073 obras; durante o mesmo período foram publicados mais 2 números do Boletim Informativo, publicação que é distribuída gratuitamente.

A Comissão de Leitura apreciou 694 livros e originais.

2. — Prosseguiu durante o ano de 1972 o programa de edições em curso no Serviço de Educação: na série de «Manuais Universitários» foram publicados 13 novas obras e reeditadas 7 e na série «Textos Clássicos» foi publicada 1 nova obra.

IV — SAÚDE E PROTECÇÃO SOCIAL

SUBSÍDIOS

1. — A diversas instituições hos-

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

pitalares e centros de saúde para construção de novos edifícios, aquisição de mobiliário e equipamento especializado, instalação de serviços, obras de reparação, ampliação, remodelação e prosseguimento das actividades assistenciais, subsídios totalizando 40 133 251$30.

2. — A diversas instituições de assistência infantil para prosseguimento das actividades assistenciais, comparticipação em obras de melhoramentos, construções de creches e jardins infantis, além de comparticipação nas despesas de funcionamento de 75 colónias de férias em que tomaram parte cerca de 11 000 crianças, subsídios totalizando 4 789 403$70.

3. — A diversas instituições de assistência na velhice e na invalidez para compra de equipamento e mobiliário e comparticipação em obras de ampliação e remodelação, subsídios totalizando 927 262$00.

4. — A várias instituições de assistência social para construção de casas para pobres, comparticipação em obras de ampliação e reparação de edifícios, compra de equipamento, ambulâncias e distribuição de donativos, subsídios totalizando 12 887 108$70.

V — ULTRAMAR PORTUGUÊS

SUBSÍDIOS

1. — Para a construção de uma enfermaria-abrigo para a luta anti-tuberculose, anexa ao Hospital Central da Beira, de um posto sanitário polivalente na Missão de Santa Maria de Mocodoene, de uma maternidade na Missão de São Mateus do Mirrote, apetrechamento da escola de enfermagem da Missão Evangélica Filafricana de Caluquembe, do Hospital Missionário do Planalto, em Vouga, da Missão Católica Feminina do Cuando, em Nova Lisboa, prosseguimento da Campanha contra a Cegueira Curável a Sul do Save, uma ambulância para a Delegação em Lourenço Marques da Cruz Vermelha Portuguesa, organização pela mesma instituição de um curso de socorrismo e outras finalidades de Saúde 3 943 254$70.

2. — Para um auto-tanque destinado aos Bombeiros Voluntários de Bissau e para a realização de outros projectos sociais, designadamente na Província de Cabo Verde 1 685 931$00.

3. — Para finalidades artísticas, incluindo a deslocação a Angola e Moçambique da Orquestra Gulbenkian 1 251 706$30.

4. — Para construção de um lar de estudantes na Beira, de 5 pavilhões desmontáveis para o Serviço Extra-Escolar de Moçambique, de mais um andar do Lar de Estudantes de Montepuez, de um corpo escolar no Centro Anglicano de Chamanculo, de uma escola de formação feminina em Quipeio, equipamento do Lar de Raparigas de Porto Amélia, do circuito da Telescola de S. Tomé, da Escola de Habilitação de Professores de Posto de Salazar, de postos do Serviço Extra-Escolar de Moçambique, do Colégio da Vila de Maxixe, biblioteca itinerante da Câmara Municipal de Luanda, livros para a sede e delegações do Clube Ferroviário de Moçambique e outros fins de Educação 10 796 499$00

5. — Para bolsas de estudo, em número de 85, na Metrópole e no estrangeiro, a estudantes e diplomados 2 631 256$00.

6. — Para o projecto de investigação científica sobre Cabora Bassa, nos anos de 1972 e 1973, sector de Ecologia Integrada 4 800 000$00.

VI — BIBLIOTECA GERAL

A biblioteca geral prosseguiu a catalogação dos seus fundos, que foram acrescidos com a compra da Biblioteca de Luís Reis Santos, a incorporação de obras e de revistas enviadas por vários Serviços da Fundação e a aquisição de 3 938 obras seleccionadas e de 70 periódicos por assinatura, respeitantes a Arte, Literatura, História e Cultura Portuguesa, publicados tanto em Portugal como no estrangeiro. O conjunto dos diferentes fundos da Biblioteca Geral eleva-se presentemente a 80 000 espécies. No decurso de 1972 inscreveram-se 1.518 novos leitores. A Biblioteca foi frequentada por 6 795 leitores, que consultaram 9 250 espécies o que representa um aumento de cerca de 70 por cento em relação ao ano anterior.

Realizaram-se ao longo do ano exposições quinzenais para informação permanente do público.

VII — PROJECTOS E OBRAS

O Serviço de Projectos e Obras prosseguiu os estudos e obras para a instalação, na zona de Oeiras, dos Serviços e Centros que constituem o Instituto Gulbenkian de Ciência, e apoiou ainda tècnicamente as múltiplas actividades culturais da Fundação, projectou, dirigiu ou simplesmente acompanhou as obras da mesma, ou por ela subsidiadas, tais como as dos Conservatórios Regionais de Música de Aveiro, Braga e Covilhã, Casa-Museu Abel Salazar, Centro Cultural e de Actividades Económicas de Montemor-o-Novo, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Escola de Enfermagem e Lar das Alunas Enfermeiras de Viseu e Lar de Santa Maria — Obra do Apostolado do Mar — Peniche.

B) — ESTRANGEIRO REINO UNIDO E COMUNIDADE BRITÂNICA

(Delegação em Londres da Fundação)

SUBSÍDIOS

Foram concedidos subsídios para fins artísticos, educativos e beneficentes, no valor total de 769,610.

II — MÉDIO ORIENTE

SUBSÍDIOS

A diversas instituições do Iraque e de outros países do Médio Oriente, para fins educativos, artísticos, beneficentes e científicos, atribuição de bolsas de estudo, foram concedidos subsídios no valor de U.S.$ 1.731.975.

III — COMUNIDADES ARMÉNIAS NO MUNDO

SUBSÍDIOS

Com vista ao desenvolvimento cultural, educativo e artístico das Comunidades Arménias espalhadas pelo Mundo, e também para fins científicos e de assistência, foram atribuídos subsídios que atingiram U.S.$ 1.544.970.

IV — OUTROS PAÍSES

a) SUBSÍDIOS

1. — Para auxílio de projectos de intercâmbio cultural; oferta de bibliotecas, reuniões e missões internacionais; auxílio a instituições de ensino médio e superior, subsídios no valor de 8 895 908$40.

2. — Bolsas de estudo a estrangeiros para a execução de programas científicos ou literários; auxílio eventual para a publicação de teses em Portugal ou no estrangeiro; bolsas de estudo também a estrangeiros para frequência de cursos em Portugal de nível universitário, incluíndo cursos de férias nas Universidades de Lisboa e de Coimbra, subsídios no valor de 8 767 490$00.

3. — À Fundação Europeia da Cultura — «Plano Europa 2 000», para promoção de estudos básicos à escala continental, relativos a alguns grandes problemas que se apresentarão à Sociedade no futuro, um novo subsídio de 911 250$00.

4. — À Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro, para comparticipação nas despesas com as obras de restauro e adaptação de um edifício histórico, onde ficará instalado um «Instituto Internacional de Cultura», um subsídio de 409 500$00.

5. — Ao Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a aquisição de equipamento destinado à Universidade de Microscopia Electrónica do Instituto, um subsídio de 382 200$00.

6. — Ao Instituto Internacional de Música Comparada de Veneza, para comparticipação na organização de uma colecção de discos intitulada «Atlas Musical», um subsídio de 614 250$00.

7. — À Comunidade Portuguesa de Pretória para comparticipação na construção de um Centro Social a erigir integrado na Igreja de Santa Maria dos Portugueses em Pretória, um subsídio de 500 000$00.

NOTA — Dos subsídios referidos nos n.os 1 e 2 desta alínea a) beneficiaram pessoas, singulares e colectivas dos seguintes países: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bermudas, Brasil, Canadá, China, Chipre, Coreia, Costa do Marfim, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, Finlândia, França Holanda, Indonésia, Itália, Japão, Luxemburgo, Madagascar, México, Noruega, Perú, República do Zaire, Rodésia, Senegal, Suécia, Suiça, Turquia Uruguai e Venezuela.

b) INICIATIVAS PRÓPRIAS

1. — No decurso do ano de 1972, foram publicados o n.º 4 do vol. XII (1971) e os três primeiros números do vol. XIII (1972) do **«Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira»**.

2. — Em colaboração com a Embaixada de Portugal em Madrid, a Fundação levou a efeito na Biblioteca Nacional de Madrid uma exposição bibliográfica comemorativa do 4.º Centenário da Publicação de «Os Lusíadas».

3. — Das conferências levadas a efeito nos Auditórios Gulbenkian, distinguiram-se as que, em colaboração com as Embaixadas de Espanha e da França, em Lisboa, e integradas nos planos de intercâmbio cultural luso-espanhol e luso-francês, foram proferidas, no decurso do ano findo, pelos Senhores Alfonso Sanchez, Xavier de Salas, Joaquim Calvo Sotelo, prof. Lopez Ibor, porf. dr. Eugénio Ascensio Barbarín, prof. dr. Julián Gallego, Roger Caillois, Claude-Michel Cluny, Jacques Chailley, prof. Jean Piveteau, prof. Maurice Descortes e Jacques Coelle.

De referir ainda as conferências proferidas pelos Senhores prof. Jorge Romero Brest e prof. Michelangelo Murano.

4. — O **Centro Cultural Português de Paris** continuou a desenvolver as suas actividades, tendo organizado: 12 conferências sobre vários temas da história, da música, do direito e da literatura portuguesa, 1 concerto, 6 recitais de música, 1 recital de poesia, 2 exposições de pintura e 1 exposição bibliográfica e iconográfica comemorativa do IV Centenário de «Os Lusíadas»; no domínio editorial publicou as seguintes obras: **«Arquivos do Centro Cultural Português»**, Vol. V; **na série «Memórias e documentos para a História luso-francesa»**, Documentos do Arquivo Histórico de Vincennes referentes a Portugal (1803-1806); **na série «História e Literária»**, «Visages de Luís de Camões», «Humanisme et Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI»; **na série «Publications du Centre Cultural Portugais»**, «Notes Dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818», «Correspondance de quatre artistes portugais»; **na série «Poétes et Prosateus du Portugal»**, «Frei Luís de Sousa»; finalmente, na série «Fontes Documentais Portuguesas», «Inventário dos Processos da Inquisição de Coimbra (1541-1820), e «Notes sur l'architecture et le décor dans les abbayes cisterciennes du Portugal». Durante o mesmo período, a Biblioteca do Centro e teve uma frequência de 2 126 leitores, com um movimento total de livros de 5 343 e 1 356 empréstimo ao domicílio.

5. — Na **Casa dos Estudantes Portugueses** na Cidade Internacional da Universidade de Paris, construída e mantida pela Fundação, realizaram-se dois concertos de música clássica, dois outros espectáculos para divulgação de obras portuguesas de poesia e teatro, e visitas guiadas a instituições de interesse cultural e científico, tendo funcionado normalmente os cursos audo-visuais de línguas e o laboratório de fotografia.

Entrega de mais um automóvel dos sorteios quinzenais

. Teve lugar em 27 de Março de 1973 no Salão de Exposição da FIAT PORTUGUESA, S. A. R. L., a entrega das chaves de um automóvel ligeiro modelo 600 D desta marca ao Exmo. Senhor Abílio Oliveira António, residente em Serra da Luz, Odivelas, com que este Senhor foi contemplado no sorteio do referido concurso realizado em 5 de Março último pela compra de um artigo com garantia OCL.

Entre as pessoas presentes contava-se o Exmo. Senhor Acácio Lopes de Almeida, sócio-gerente da firma REVIÇA, LDA, agente em Lisboa da firma promotora do concurso Olavo Cruz, Lda, que emitiu o certificado de garantia.

O artigo comprado que proporcionou este valioso prémio foi um frigorífico da marca INDESIT com garantia OCL.

Pede emprego aos 112

. Com 112 anos de idade, quer um emprego. Chama-se Maria Paula Oliveira, é viúva desde há 40 anos e vive em Vale de Telhas, uma aldeia muito antiga encravada nas asperezas transmontanas, perto de Miranda. Apesar de tão avançada idade, lê e costura sem a ajuda de óculos, pois vê perfeitamente, assim como se move com solicitude e desembaraço. Casou ainda não tinha quinze anos e teve uma descendência constituída por nove filhos, 20 netos, 36 bisnetos e 11 tetranetos. Faz excelentes cozinhados na altura das festas da aldeia e recorda facilmente alguns dos acontecimentos mais importantes a que assistiu nos tempos de menina e moça. Agora quer um emprego, afirmando-se muito capaz de cumprir bem e desejando assim não ter que recorrer às **sopas da família.**

O acordo colectivo da TAP na fase de arbitragem

. Os trabalhadores da TAP tomaram conhecimento, no decorrer de uma recente reunião sindical encarregada de negociar a revisão do acordo colectivo de trabalho actualmente em vigor entre aquela empresa de transportes aéreos e diversos sindicatos, das diligências até aqui feitas e que levaram a que os sindicatos decidissem recorrer à arbitragem, como já noticiámos.

O pedido de revisão foi apresentado pela comissão sindical à empresa em 26 de Abril do ano transacto, tendo a TAP apresentado uma contraproposta que não foi aceite por ter sido entregue fora do prazo legal. Após se terem frustrado diversas reuniões para a tentativa de conciliação, efectuou-se em 23 de Março a primeira e única entre os representantes dos sindicatos e da empresa, tendo-se verificado total desacordo. Assim, no passado dia 11 a comissão sindical comunicou à TAP que nomeara seu representante na arbitragem o dr. Jorge Sampaio, o qual será coadjuvado pelo prof. Francisco Pereira de Moura, na qualidade de perito económico. A TAP dispõe de quinze dias para nomear o seu árbitro, prazo após o qual as duas partes interessadas deverão solicitar ao Ministério das Corporações a nomeação do árbitro presidente.

. Entretanto, a comissão sindical irá promover em breve nova reunião com os trabalhadores para prosseguimento dos trabalhos interrompidos na reunião anterior devido ao limite de horas estabelecido para o seu termo.

DL/NACIONAL

ORA DIGA-NOS:

VAI VOLTAR À COSTA DO SOL?

Segundo toda a Imprensa noticiou, os esgotos da Costa do Sol vão deixar de constituir problema. O ministro Rui Sanches visitou as obras em curso. Obras que se destinam a travar a deterioração das condições sanitárias da Costa do Sol, através de um tipo de actuação com o fim de assegurar não só a libertação imediata das praias da actual poluição por esgotos urbanos, mas também a instalação de um sistema capaz de satisfazer a longo prazo as progressivas necessidades de drenagem da região. Assim, parecem estar em fase de construção três colectores submarinos que vão descarregar os esgotos em regiões de corrente acentuadamente paralela à margem.

Um dos assuntos mais falados, a poluição das praías da linha que, fala-se também, o Verão passado afuguentou para outras paragens ou para casa, muitas centenas de pessoas para quem o sol e o mar constituem um dos divertimentos saudáveis preferidos, tentámos saber se esta hipótese de praias mais limpas devolveria aos seus desertores o interesse pela Costa do Sol.

O resultado foi surpreendente.

— **Eu há vários que não vou para lá. Vou para a Costa.**

— Por alguma razão especial?

— **Moro no Barreiro.**

Mas o que acha da possibilidades de termos, ao pé de Lisboa, praias não poluidas?

— **Não sei se é possível, mas era muito importante.**

Chama-se Alice Rosa e trabalha nos CTT. Interrompemos em seguida o caminho de uma senhora, empregada de balcão, Fernanda Santos.

ALICE ROCHA: «era muito importante»

Fernanda Santos: «vou voltar para Carcavelos»

ANGELO JOÃO: «vou com os meus colegas para o Estoril»

— **Costumava ir para Carcavelos mas o ano passado arranjei casa na Costa.**

— Este ano?

— **Vou outra vez para Carcavelos com os meus dois filhos. Essa história da poluição, sabe, não me tem preocupado, não se pode acreditar em tudo o que dizem. O mesmo em relação a essa possibilidade de «limparem» as praias.**

Depois de uma tampa, que não frequentava a linha do Estoril nem nenhuma outra pois não gostava de praia, foi a vez de Ângelo João de 17 anos, desenhador.

— **Costumo ir para o Estoril. Já confirmei com os meus próprios olhos a poluição da praia mas nunca liguei. Vou com os meus colégas e como eles vão para lá eu não ia para outro sítio sózinho. Mas acho muito bem que as purifiquem, não acredito é muito.**

Por último, Gumercinda Rocha, ajudante de farmácia.

— **Ùltimamente não tenho ido, mas dantes ía e nessa altura não havia nada disso, não se falava nos esgotos nem na nafta. Existiam impurezas na água, apesar disso, sobretudo das embarcações. Hoje então, para cá da Cruz Quebrada, a água até cheira mal, é impressionante. Se vão limpar a água, purificar os esgotos ou descarregá-los noutro local muito bem. A praia faz muita falta à saude. Já o deviam era ter feito há muito tempo.**

GUMERCINDA ROCHA: recordações do tempo em que não se falava em esgotos e em nafta

Posse dos corpos gerentes do G.I.T.A.

Decorre na próxima segunda-feira, às 15 horas, na sede do G.I.T.A. — Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis —, a cerimónia de posse dos corpos gerentes do organismo para o triénio 1973-75.

A direcção passa a ser presidida pelo eng.º António Jorge da Silva Brás Frade e composta por Fernando Vicente, Fernando Gallis, José Alberto Cortes Rosa, António José Saraiva, dr. José Machado Costa Leite e António Manuel da Silva Belo.

que significa para si uma marina e um casino em Vilamoura?

a oportunidade de um bom investimento

A marina de Vilamoura, o primeiro porto de recreio em Portugal, será inaugurada em Junho de 1974. E prevê-se que o seu casino abra em Junho de 1973.

Atractivos que vão juntar-se aos dois campos de golf, centro hípico, courts de ténis e unidades hoteleiras. Dando a Vilamoura posição de prestígio no turismo europeu.

Beneficie do crescimento de Vilamoura. Aproveitando as oportunidades de investimentos em moradias, apartamentos e hotéis, com todas as infra-estruturas asseguradas.

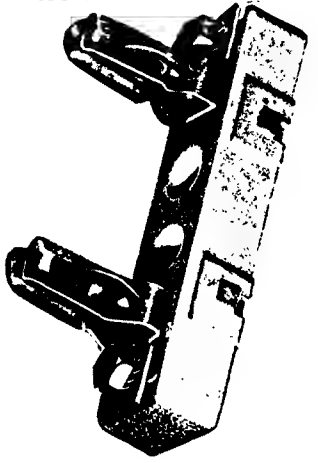
Consulte-nos

VILAMOURA empreendimento turístico de dimensão internacional

LUSOTUR
Rua Tomás Ribeiro, 50 - 2. — Telefs. 53 70 57/8/9/0 — Lisboa
Vilamoura — Telefs. — 6 52 72/3/4 — Algarve

FUSÍVEIS

BASES PARA FUSÍVEIS NORMA EUROPEIA



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

MERGULHÃO
As mais lindas pratas
Rua de S. Paulo, 162
Telef. 30013

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

Viagens apolo 73
8 DIAS EM LONDRES
VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FRETADO
Partidas todas as 5.ºs Feiras durante todo o ano.
PREÇOS A PARTIR DE 2.990,00
Estadia com pequeno almoço. VISITA DA CIDADE ACOMPANHADA POR GUIA-INTERPRETE. Transporte Aeroporto--Hotel -Aeroporto.
CONSULTE A SUA AGÊNCIA HABITUAL

O caso da herança Sommer

A QUESTÃO PODIA SER CÍVEL MAS NUNCA CRIMINAL

Decorreu a 406.ª sessão do julgamento de António Champalimaud, mantendo-se o mesmo elevado nível de interesse que tem rodeado as últimas sessões deste sensacional pleito.

Continuou no uso da palavra o dr. Manuel João da Palma Carlos, defensor de António Champalimaud, que com o mesmo brilhantismo das sessões anteriores, entrou na análise dos problemas de facto que constituem a questão propriamente dita da «Herança Sommer».

Nas sessões anteriores, o causídico desenhara o quadro circunstancial em que decorreu a instrução preparatória do processo, a pronúncia de António Champalimaud e o próprio julgamento, apontando como causa fundamental da que considerou injustíssima pronúncia do seu consituinte, a ingerência de autoridades administrativas no livre exercício do poder judicial, e ainda a inépcia manifesta do perito da Polícia Judiciária, dr. José Francisco Viegas e do inspector dr. Manuel Fernandes que orientaram a investigação, não no sentido de averiguação da verdade, mas sim num sentido deliberadamente persecutório de António Champalimaud.

Certo é que o crescente interesse provocado pelas alegações do dr. Palma Carlos — que tiveram grande impacto na opinião pública — conduziram à sala de audiências grande afluência de público, entre o qual numerosas figuras de foro, esgotando todos os lugares diponíveis.

OS FACTOS DA PRONÚNCIA

Terminadas as considerações que ontem deixei produzidas, quanto a vícios, que manifestamente enfermaram a instrução e o próprio julgamento, abordarei agora de frente os termos da pronúncia e a matéria factual do processo.

Segundo a pronúncia deduzida, António Champalimaud teria praticado vários crimes de abuso de confiança, sendo um deles respeitante ao chamado processo Transfomal, de que me não vou ocupar.

No tocante ao denominado «processo herança», pronunciar-se-ia António Champalimaud, nas condições já referi e também referi certa maneira nas doutras alegações do Ministério Público, pela prática de quatro crimes de abuso de confiança, com cujo cometimento teriam sido ofendidos, seus irmãos Henrique Champalimaud, Carlos e Maria Ana Champalimaud e sua prima Maria Helena Brazão de Sommer.

Tratar-se-ía de quatro crimes? Tratar-se-ía de um só crime — um único facto criminoso —, cuja prática haveria lesado 4 ofendidos?

O ilustre Magistrado do Ministério Público, o ilustre Adjunto do Procurador da República, deixou o problema em suspenso.

O distinto advogado dos Assistentes nem o abordou.

O problema não me interessa não me interessa a mim na medida em que António Champalimaud não cometeu, na verdade, crime nenhum.

Numa, ou noutra hipótese porém — lembrarei que um dos pretenses ofendidos, nunca como tal se considerou exactamente D. Maria Helena Brazão de Sommer.

Sempre aceitou, defendeu e proclamou, não ter herdado nenhumas acções da Empresa de Cimentos de Leiria de Henrique Sommer.

Sempre reconheceu, e aceitou, que as acções de Henrique Sommer passarem para a propriedade de suas tias as Sras. D. Maria Luísa e D. Albana.

Os que se proclamaram ofendidos, foram somente e apenas os próprios irmãos de António Champalimaud.

Seus irmãos Carlos, Henrique e Maria Ana.

Os factos que a pronúncia arquivou podem resumir-se nos termos seguintes:

Em 28/3/1944 faleceu Henrique Araújo Sommer, com testamento lavrado em 18/1/1943; designando nesse testamento como herdeiros os seus cinco sobrinhos António, Henrique, Carlos e Maria Ana Champalimaud, e Maria Helena Brazão de Sommer. A eles segundo a pronúncia, além de lhes deixar em partes iguais a quota que possuía em Sommer Ca., Lda., lhes atribuíu o remanescente da sua herança, do qual faziam parte, entre outros valores, 9996 acções da Empresa de Cimentos de Leiria (artºs. 1.º a 5.º da Pronúncia). (Eu estou a fazer o meu próprio resumo da pronúncia e não a ler o contexto exacto do despacho de pronúncia.

Até à sua morte, Henrique Sommer fora sempre o orientador indiscutido e indiscutível de todo o seu agregado familiar, nas suas projecções societárias e económicas, tendo, paulatinamente, centralizado em si os poderes de administração e gestão referentes aos interesses patrimoniais dos seus familiares, interesses consubstanciais em diversas empresas vulgarmente designadas por grupo «Sommer Champalimaud» (artºs. 6.º e 7.º da pronúncia).

Pela sua morte, teria sucedodo a Henrique Sommer — na chefia do agregado familiar — António Champalimaud (art.ºs. 8.º e 9.º e 10.º da pronúncia).

Tal como dantes, todos os membros do agregado familiar — mãe, irmãos e parentes próximos — teriam entregado a António Champalimaud uma absoluta e total confiança (art.º 11.º)

Dentro desta ambiência, teria começado António Champalimaud a administrar, com a aquiescência dos demais interessados, os interesses sociais e económicos de seu tio havidos, cuja medida só ele conheceria com amplitude e exactidão (art.ºs. 12.º, 13.º e 14.º).

Tendo sido instaurado inventário orfanológico por morte de Henrique Sommer, nele foram relacionadas pela cabeça de casal, viúva de Henrique Sommer, D. Palmira tão somente 6046 dessas acções, e só esse número de títulos veio a ser descrito e partilhado — sendo porém certo que, não obstante o testamento e a sentença adjudicatória da partilha, nenhum dos herdeiros à excepção de António Champalimaud, chegou a ver o seu património integrado pelas acções da Empresa de Cimentos de Leiria, integradoras do romanes cente da herança. (art.ºs. 22.º a 25.º, e 29.º a 38.º da pronúncia).

É António Champalimaud prossegue a pronúncia quem, a partir de 28/3/1944 — data da morte de Henrique Sommer — teria passado a dispor dos bens de todo o agregado familiar e a dispor materialmente das acções da Empresa de Cimentos de Leiria integradoras da «Herança» (at.º 15.º), utilizando-as como muito bem quis e entendeu: empenhando-as em Bancos, cobrando dividendos delas, averbando as acções nominativas em seu nome, etc, etc,, é matéria dos art.ºs. 39.º e 56.º a 85.º).

Enquanto António Champalimaud assim livremente administrava as acções, os restantes herdeiros estariam convencidos de que ele era mero administrador delas, e de que ele lhas restituiria logo que eles lhas pedissem (ar.º 40.º, 41.º e 42.º).

Em 1957, após uma assembleia de Sommer e Ca. Lda., surgem dissidências entre António Champalimaud e alguns familiares, sobretudo Carlos Champalimaud.

A partir de fins de Março de 1957 teria sido solicitada a António Champalimaud a entrega das acções da Empresa de Cimentos de Leiria, que haviam pertencido a Henrique Sommer. António Champalimaud teria dito que as acções não pertenciam aos herdeiros de Henrique Sommer, mas sim às irmãs deste, D. Maria Luísa Araújo de Sommer e D. Albana de Sommer Osório.

Deste modo, o chefe do clã teria cometido um crime de abuso de confiança, em relação a cada um dos herdeiros de Henrique Sommer, como proprietários que serial das acções, porque se recusou a entregar as acções aos herdeiros de Henrique Sommer, com a alegação de que pertenciam a suas referidas duas tias e consequentemente pertencendo a suas duas tias não pertenciam a eles todos (art.º 43.º, 44.º, 45.º, e 87.º).

A POSIÇÃO DO MINISTERIO PUBLICO

Parte desta factualidade — que acabo de descrever e sintetizar, de harmonia com a minha própria orientação, de harmonia com a síntese que entendi dever imprimir, — parte desta factualidade, dizia eu, seria rejeitada pelo Ministério Público, por inexacta, nas suas alegações orais produzidas no final deste julgamento.

Ou melhor, **reconheceria Sua Exa. não ser exacta a quase totalidade dos pontos de facto** em que a incriminação se fomenta.

Se bem alcancei e entendi o conteúdo exacto das alegações do Ex.º sr. dr. Monteiro Dinis, ele terá reconhecido:

1.º — Que Henrique Sommer não deteve os poderes que lhe eram atribuídos nos artigos 6.º e 7.º da pronúncia, designadamente no tocante às empresas de que fora sócio maioritário o dr. Carlos Champalimaud, e que consequentemente António Champalimaud não sucedeu, nem podia ter sucedido a Henrique Sommer em tal posição, que o próprio Henrique Sommer nunca teve.

2.º — Não existiu o grupo empresarial Sommer Champalimaud, mormente com a configuração que lhe foi dada no art.º 7.º da pronúncia, única aliás que a pronúncia abarcava e que poderia estar em causa neste julgamento. Este resumo é meu;

3.º — Que António Champalimaud, não «começou a administrar, com a aquiescência dos de mais interessados, os interesses sociais e económicos de seu tio havidos»;

4.º — Considerou mais, o Ex.m.º sr. dr. Monteiro Diniz que, ao contrário do que se havia afirmado na pronúncia, seus irmãos e demais parentes próximos — não ignoravam a substância e delimitação dos bens deixados por Henrique Sommer —, nem António Champalimaud exerceu outra actividade que não fosse a inerente à sua actividade de grande empresário, administrador das empresas em que tinha funções de direcção, não sendo exacto António Champalimaud houvesse disposto dos bens de todo o agregado familiar, como infundadamente se afirmara no art.º 39.º da pronúncia;

5.º — Que António Champalimaud não passou a dispor materialmente das acções da Empresa de Cimentos de Leiria que haviam pertencido a Henrique Sommer (art.º 15.º, e que as mesmas haviam passado sim, para a posse de suas irmãs, que em relação a tais acções praticaram os actos descritos na contestação nos art.ºs 13.º a 24.º, ou seja, cobrança de dividendos, depósitos (para efeitos de assembleia geral e da 8.ª emissão), averbamentos, etc.

6.º — Que nenhum dos seus irmãos de António Champalimaud, nem sua prima, estavam convencidos de que as acções lhes pertenciam, antes tendo a convicção que as mesmas haviam sido transmitidas a D. Maria Luísa e D. Albana — o que infirmaria consequentemente o constante nos art.ºs 40 a 42.º da pronúncia;

7.º — Que nunca seus irmãos de António Champalimaud levantaram o problema da propriedade das acções de Henrique de Sommer a não ser a 8 de Novembro de 1958, com o requerimento que apresentaram nessa data no processo de inventário por óbito de Henrique de Sommer.

São estes pontos que deixo enumerados e que acabo de referir, que me interessa registar.

São estes os pontos essenciais que queria neste momento deixar bem vincados, já que do reconhecimento e fixação deles pelo ilustre magistrado do Ministério Público, teria, necessariamente, que concluir-se pelo pedido de absolvição, como foi feito e dito, de António Champalimaud.

Para além do reconhecimento da não exactidão dos referidos factos que eram fundamentalmente aqueles em que a pronúncia se baseava e através dos quais o meu constituinte pôde ser pronunciado.

O distinto magistrado do Ministério Público parece ter reconhecido, ou reconheceu efectivamente, como exactos, outros numerosos factos, expressamente articulados por António Champalimaud na sua contestação, e que são os seguintes:

1 — Que as acções da Empresa de Cimentos de Leiria em causa em seguida á morte de Henrique Sommer, se transmitiram materialmente para as senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, como se alegara nos art.ºs 13.º a 26.º da contestação. E pelo menos a conclusão que tem a extrair-se das afirmações produzidas pelo Ex.º dr. adjunto do procurador da República;

2 — Que em fins de Novembro de 1945, as senhoras D. Maria Luísa e D. Albana emprestaram as acções a António Champalimaud, as acções em causa, para integrarem o montante daquelas com que António Champalimaud c aucionou o empréstimo por ele contraido nessa data, fins de Novembro de 1945, na casa José Henriques Totta (matéria do art.º 38.º da contestação;

3 — Que durante todo o tempo da duração do empréstimo e caução do Totta, António Champalimaud pagou sempre a suas tias os dividendos correspondentes às acções que elas lhes haviam emprestado (matéria do art.º 41.º da contestação);

4 — Que em Dezembro de 1956, todas as acções ao portador, na situação referida, foram registadas por cada uma das senhoras, para efeitos de imposto complementa e em partes iguais (matéria do art.º 43.º da contestação);

5 — Que finalmente, liquidado o empréstimo que haviam contraido no Banco Totta, e levantadas as acções, António Champalimaud fez devolução às senhoras da quantidade delas que cada uma exactamente lhe havia emprestado (art.º 47.º da contestação);

6 — Que António Champalimaud perfilhou convicção igual à de seus irmãos e de sua prima, quanto à titularidade das acções por parte das senhoras D. Maria Luísa e D. Albana.

Em face da matéria de facto, por cuja exactidão e veracidade se concluira, não teria sido possível, na verdade, ao ilustre magistrado, concluir de maneira diferente daquela por que concluiu as suas doutas alegações.

É que, na verdade, o crime de abuso de confiança exige e contém a existência de alguns elementos essencialmente constitutivos.

Efectivamente, nós temos como elementos integradores de um crime de abuso de confiança:

— uma entrega de bens ao agente do crime;

— a apropriação dos bens recebidos, por parte do agente do crime;

— prejuízo ou pelo menos a sua eventualidade para o proprietário dos bens;

— finalmente, que o agente do crime tenha actuado com dolo.

Os factos dados como assentes e já atrás descritos, excluiam a existência não só de apenas um, mas de todos os elementos do crime, ou dos crimes, imputados a António Champalimaud.

É evidente que estas conclusões fixadas pelo ilustre magistrado do Ministério Público tornariam até eventualmente desnecessária a apreciação e o estudo de muitos outros problemas que S. Ex.ª também equacionou, em autêntica «suspense».

Continua na pág. 18

DL/ESTRANGEIRO

Guerrilheiros urbanos rejeitam a trégua pedida por Campora

BUENOS AIRES, 14 (R.) — O presidente eleito da Argentina, o peronista Hector Campora, enfrenta hoje virtualmente uma declaração de guerra da organização de guerrilheiros urbanos mais activa do país.

Um comunicado do Exército Revolucionário do Povo (ERP), uma organização marxista, foi enviado ontem, à noite, aos jornais desta capital e rejeitava uma «trégua» pedida pelo dr. Campora.

O Governo peronista deverá assumir o seu mandato em 25 de Maio, acabando com quase sete anos de ditadura militar. O ERP asseverou que continuaria as suas operações após essa data.

Avisava, porém, o dr. Campora, a quem era dirigido, que o ERP «não atacará o novo Governo desde que ele não ataque o povo ou os guerrilheiros».

Entretanto, Francis Brimicombe, de 57 anos, um negociante britânico presidente de uma firma de tabaco, que se crê ter sido raptado por guerrilheiros, foi libertado a noite passada em Buenos Aires, segundo afirmaram fontes afectas à família.

SEGUNDO ESCRUTÍNIO

Campora, de 64 anos, foi eleito presidente na consulta às urnas no mês passado. Candidatos para cargos menos importantes que não conseguiram maiorias absolutas, têm que disputar amanhã um segundo escrutínio em muitas partes da Argentina.

Entretanto, milhares de soldados e de Polícias, estão empenhados numa caçada a guerrilheiros urbanos em todo o país. Os guerrilheiros são considerados culpados de uma onda de violência política desde o primeiro escrutínio eleitoral.

SILÊNCIO BRASILEIRO

BRASÍLIA, 14 (EFE-ANI) — O Ministério das relações exteriores do Brasil manteve absoluto silêncio em relação às declarações do presidente eleito da Argentina, Hector Campora, com o convite ao Brasil a «alinhar» com os países do chamado «terceiro mundo».

O silêncio brasileiro é interpretado pelos observadores como uma clara resposta negativa à Argentina, pois o Brasil defende a tese da inexistência do chamado «terceiro mundo», como declarou recentemente o chanceler Mario Gibson Barbosa.

Os comentadores sublinham que a explicação também poderia estar no facto de o Brasil buscar um caminho próprio, sem se unir a qualquer outro país ou a um determinado bloco, o que o levaria a uma posição de conciliação e de diálogo continental.

Reacção anti-fascista em Itália

MILÃO, 14 — (FP) — A cidade de Milão rendeu ontem uma última homenagem ao jovem polícia Antonio Marino, morto nas manifestações da extrema-direita de quinta-feira. O funeral de Antonio Marino só terá lugar esta tarde, mas desde ontem que as pessoas começaram a depositar flores no meio da Rua Felice Bellotti junto de uma mancha de sangue que marca o local onde o jovem polícia foi atingido pela explosão de uma granada.

A primeira coroa, de rosas vermelhas, foi colocada por um anónimo. Durante o dia, os automóveis passavam a velocidade reduzida junto do amontoado de flores. Habitualmente a circulação é muito rápida nesta rua.

Por outro lado, as reacções aos incidentes de quinta-feira à noite são cada vez mais vivas nos meios políticos italianos.

A direcção regional do Movimento Social Italiano (neofascista) afirmou que os incidentes foram levados a cabo por «agentes provocadores e esquerdistas» e ofereceu cinco milhões de liras de recompensa à pessoa que permita identificar os culpados mas, o prefeito da Polícia de Milão, numa conferência de Imprensa disse por seu turno: «Segundo os primeiros elementos do inquérito, não se encontraram vestígios da presença de grupos da esquerda no princípio e durante os incidentes. Em contrapartida, era evidente que os manifestantes procuravam o confronto».

O inquérito da Polícia continua com os interrogatórios das 71 pessoas presas na quinta-feira à noite. Sessenta e quatro saíram em liberdade provisória e outras sete foram pronunciadas por violências, resistência às forças da ordem, porte de armas abusivo e ofensas a agentes.

Em toda a Itália registaram-se muitas reacções antifascistas.

Na capital italiana, um agente ficou ligeiramente ferido quando as forças da ordem tentavam entrepor-se entre manifestantes da esquerda e da direita. Foram presos três jovens.

TRIPLO CRIME EM WORCESTER

WORCESTER (INGLATERRA), 14 (R) — Um garoto de 4 anos e as duas irmãs, ainda bebés, foram encontradas às primeiras horas de hoje selvaticamente assassinados a pouca distância da sua residência nesta cidade dos Midlands.

«Nunca soube de um crime mais brutal na minha vida nem conheço que qualquer investigador tenha deparado com um assassínio mais bestial», observou o superintendente-chefe dos detectives Robert Booth, que dirige as investigações.

O assassino maníaco levou as crianças da residência quando o pai, Clive Ralph, de 29 anos, foi buscar a mulher a um bar próximo, onde trabalha como empregada de mesa. Quando regressou as crianças tinham desaparecido. Os seus corpos mutilados foram encontrados na casa de um jardim apenas a 200 metros de distância.

Verbo
NOVIDADES
Abril

BIBLIOTECA INTEGRAL VERBO
*Eurípides I
Alceste, Andrómaca, Ion e As Bacantes
Com prefácio e notas
por professores universitários 120$00

BIBLIOTECA ILUSTRADA
DO CONHECIMENTO CIENTIFICO
Os Planetas e a Vida
de P. H. A. SNEATH
As mais recentes teorias dos cientistas acerca da possibilidade da vida noutros planetas 80$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA EUROPA
*A Economia na Europa Medieval
de ROBERT-HENRI BAUTIER
Uma perspectiva actual dos factores que contribuiram para a formação da Europa moderna 75$00

COLECÇÃO SAFARI
A Pulseira Misteriosa
de SERGE DALENS
As aventuras vividas num acampamento de escuteiros e o porquê da pulseira gravada de Eric 40$00

Xeque ao Rei
de JEAN VALBERT
Arriscada missão confiada a dois jovens que procuram salvar uma cidade sitiada 40$00

HISTORIA MUNDI
*Portugal Romano
de JORGE ALARCÃO
Obra profusamente ilustrada com fotografias, desenhos e mapas 60$00

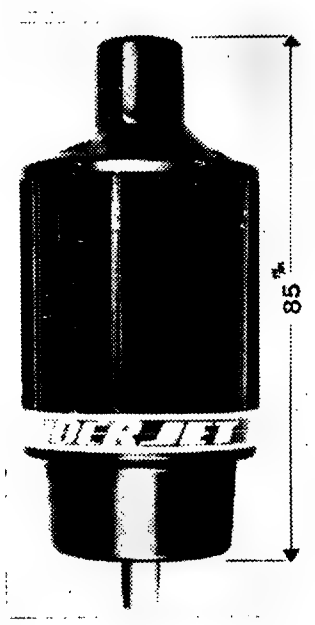
GRANDES ARTISTAS
*Renoir
de FRANÇOIS FOSCA
A vida e a obra do grande pintor francês documentadas com a reprodução de 159 obras-primas 100$00

COLECÇÃO CAVALINHO
A Torta de Nozes
Popsi, o Esquilo
Dois livros cheios de divertidas aventuras Para crianças a partir dos 5 anos — Cada vol: vol 25$00

VERBO INFANTIL
Kalu, o Canguru
O Pequeno Explorador
Histórias atraentes em linguagem acessível Livros simultâneamente educativos e recreativos — Cada vol. 25$00

* À venda a partir do dia 21

VERBO edições melhores



É JAPONÊS E CHAMA-SE THUNDER-JET

É um sistema de ignição electrónica aplicável em todos os automóveis, e qualquer pessoa o pode montar em 1 minuto.

Além de outras vantagens, pode oferecer aumento de 30%, potência, e economia de 20% gasolina custa só 280$00

Vende-se nas casas de especialidade ou na

SEFIREX
Rua Voz do Operário, 64-1.º — LISBOA — Telef. 871976

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES
Avião a Jacto. Acompanhadas por Delegado abreu
Hotéis de 1.ª classe e luxo

ÁFRICA — ÁFRICA DO SUL - MOÇAMBIQUE RODÉSIA - ANGOLA. Este ano enriquecida com VICTÓRIA FALLS.
Partidas: 21,5; 12,7; 6,9.
21 dias de viagem. Preço: 33.800$

JAPÃO — "O SONHO DO JAPÃO" JAPÃO - TAILÂNDIA - HONG-KONG MACAU - FILIPINAS - PÉRSIA.
Partidas: 20/3; 15/7; 5/8; 2/9.
21 dias de viagem. Preço: 37.900$

abreu desde 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 320021 - PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 37921 - COIMBRA - R. Sota, 2 - Tel. 27011

APARTAMENTO — ALGARVE
Na Praia da D. Ana. Magnífica Panorâmica
VENDE: Robusta — Emp. Tur. Lda. Telef. 62165—Lagos

Conselho de Segurança

Os EUA poderão vetar a condenação de Israel

WASHINGTON, 14 — (UPI-ANI) — Prevê-se que os Estados Unidos usem o seu direito de veto para impedir que uma moção árabe apresentada ao Conselho de Segurança das Nações Unidas censure Israel pelo ataque de comandos a Beirute, sem condenar também os terroristas árabes — afirma-se em círculos ligados ao Governo norte-americano.

Acrescenta-se nos mesmos círculos que os Estados Unidos têm esperança de que se dissipe a ira provocada pelo ataque israelita, de modo a permitir que os Estados Unidos renovem os seus esforços para conseguir que Israel e o Egipto iniciem negociações de paz.

EL-ZAYYAT NA ONU

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 14 — (R.) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, dr. Mohammed Hassan El-Zayyat, chegou de avião a Nova Iorque durante a noite, a fim de coordenar a política árabe no debate de emergência do Conselho de Segurança sobre os ataques israelitas contra Beirute e Sidon, começando quase imediatamente consultas com outros diplomatas árabes.

O Conselho convocou uma sessão especial para sábado prevendo a hipótese do dr. El-Zayyat desejar discursar no organismo de 15 nações. Contudo, após o ministro egípcio ter chegado ontem à noite, o debate foi cancelado e marcado para recomeçar na segunda-feira.

O dr. El-Zayyat encontrou-se rapidamente com jornalistas no aeroporto e estava bem disposto, a despeito da demorada viagem desde o Cairo, via Londres. Não revelou qual a acção específica que pediria ao Conselho, que a noite passada ouviu a União Soviética exigir sanções contra Israel e a sua expulsão das Nações Unidas.

O ministro egípcio, que se avistou com funcionários britânicos em Londres, durante uma breve escala, deve conferenciar, segundo se espera, com o secretário de Estado americano, William Rogers, enquanto estiver nos Estados Unidos.

Aguarda-se que a chegada do ministro egípcio amplie o âmbito do debate, transformando-o num exame em grande escala de todo o problema do Médio Oriente.

Algumas fontes afirmaram que o dr. Zayyat poderia aproveitar a oportunidade para apresentar um ultimato virtual de que, a não ser que o Conselho de Segurança e principalmente as grandes potências agissem resolutamente, a tendência violenta na área poderia conduzir a grave conflito militar.

As diligências da ONU para estabelecer a paz não têm tido êxito e os Estados Unidos não conseguiram até agora fazer com que iniciativas independentes, previstas pelos árabes, convençam Israel a dar concessões, incluindo o recomeço da retirada dos territórios ocupados.

O secretário-geral Kurt Waldheim, que se encontra na Europa desde segunda-feira, deverá regressar a Nova Iorque durante o fim de semana. Tem estado a ponderar se deve intervir pessoalmente na crise do Médio Oriente, embora se saiba que foi avisado para não o fazer, pelo menos, num futuro imediato.

o embaixador soviético nas Nações Unidas Yakov Malik quando, no Conselho de Segurança, pedia a exclusão de Israel da organização internacional. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

As cinzas de Montheerland dispersas em Roma

PARIS, 14 — (FP) — Nada mais resta de Henry de Montherland. Os restos mortais do célebre homem de letras, incinerado no Père Lachaise foram dispersos em Roma, na noite de 21 a 22 de Março por Jean Claude Barat, seu único herdeiro e executor testamentário que era acompanhado pelo escritor Gabriel Matzneff.

Este no «Figaro Literário» de hoje publica o relato desta «estranha viagem participando simultaneamente da peregrinação e da missão secreta».

Foi em 20 de Março que os dois homens, levando numa mala a urna funerária saíram de Paris pelo comboio de Roma, tendo antes, porém, conseguido do Ministério dos Estrangeiros e da prefeitura da Polícia a autorização para as cinzas de Montherland serem levadas para o estrangeiro. Chegado a Roma em 21 e portanto «seis meses, dia por dia, depois da morte de Montherland em 21 de Setembro de 1972» Barat e Matzneff foram recebidos por um alto funcionário romano que lhes disse ser preciso que tudo se passasse em segredo.

Num quarto de hotel onde se hospedaram os dois protagonistas da missão retiraram a urna da mala. As cinzas de Montherland apareceram. «O nosso amigo, o nosso mestre, aqui está, nesta areia amarela nestes flocos de aveia, nestas aparas de madeira clara, nestas conchas fossilizadas.

Matzneff e Barat descobrem entre as cinzas de Montherland pedaços de metal, pregos do caixão restos da bala que Montherland disparou na cabeça.

Depois de várias voltas por Roma, os dois acabam por assentar em dispersar as cinzas de Henry de Montherland no recinto da Roma histórica que ele amou. Uma parte das cinzas foi dispersa perto do templo da Fortuna e a outra atirada ao Tibre, perto do Monte de Emilius.

Congresso do SPD: alargamento da ala esquerda

HANOVER, 14 — (FP) — O Congresso de SPD que ontem triunfalmente confirmou Willy Brandt como chefe incontestado do Movimento Social-Democrático alemão deu porém surpresas com a renovação do directório (32 componentes). O resultado das votações para o efeito deram um alargamento das posições da ala esquerda do Movimento e os seus representantes no Directório passaram de dois para nove, contando-se entre estes Wolfgang Roth, chefe dos turbulentos «Jusos» (Juventudes Socialistas). Herbert Wehner, 67 anos, foi eleito para o Directório por 419 votos, 15 mais do que Brandt teve, mas tratou-se visivelmente de uma homenagem ao velho militante. Facto saliente, foi o da eliminação de vários dirigentes antigos do Partido. Entre estes os mais conhecidos são a sr.ª Kaete Strobel, antigo ministro de saúde, Carlo Schmid, coordenador para a cooperação franco-alemã, Egon Franke, ministro dos Assuntos Inter-Alemães e Jockel Fuchs — governador de Mogúncia.

Por outro lado entre os nove da Ala Esquerda figuram além de Roth, Matthoefer, secretário do Estado Parlamentar, Peter Von Oertzen, ministro dos Cultos da Baixa Saxónia, Rudi Arndt governador de Frankfurt e Friedel Laepple, presidente do SPD do Sarre.

Lulu divorcia-se

LONDRES, 14 (EFE-ANI) — A cançonetista «pop» escocesa Lulu anunciou ter-se separado do marido, Maurice Bigg, e que vai pedir o divórcio.

Maurice Bigg, que actua no grupo «The Bee Gees» e Lulu casaram-se há quatro anos.

já precisa de produzir 2,5 milhões de contos em metalo-mecânicas por ano

Um recado de Angola para o industrial.

Continuação do recado:
Angola produziu apenas o equivalente a 280 mil contos, ou seja um décimo do consumo total, em 1971.
Importou o "resto". No entanto, esta indústria é das de maior futuro em Angola.
Foram criadas fortes restrições à importação, a vigorar a partir de 1972, e que se irão agravando.
É a altura de instalar a sua indústria de metalo-mecânicas em Angola. Aqui tem parte da nossa proposta:
Um mercado aberto: seis milhões de pessoas, infra-estruturas preparadas, fácil acesso à mão-de-obra, recursos naturais inexplorados e mercados limítrofes compradores.
Importantes facilidades: isenções e redução de impostos industriais, sobre a aplicação de capitais e complementares; importação automática de bens de equipamento e de matérias-primas; redução nas tarifas de energia e nos preços de combustíveis; garantia de repatriamento de uma percentagem de capitais; crédito a médio e a longo prazo em condições excepcionais; em certos casos, redução de emolumentos alfandegários.
Estas são condições gerais. Há outras, específicas, que acertará connosco.

Que mais precisa para ser industrial de metalo-mecânicas em Angola? Estamos prontos a ouvi-lo.

Somos o Serviço de Promoção Industrial da Direcção dos Serviços de Indústria de Angola

Continuação da pág. 15

no decurso das suas subsequentes alegações.

O CASO DA HERANÇA SOMMER

ALEGAÇÕES DO MINISTÉRIO PÚBLICO — VERDADEIRA «SUSPENSE»

Dirigindo-se ao dr. Monteiro Dinis, o dr. Palma Carlos afirmou:

«V. Ex.ª revelou-se, efectivamente, pelo método que imprimiu às suas alegações, pela construção lógica da apreciação do processo, pela análise sequente dos factos, pelo estudo dos problemas dele emanantes, V. Ex.ª conseguiu imprimir às alegações, além do carácter sério e profundo, também um carácter de «suspense», verdadeiramente digno até de autor. Nós até ao último momento, estávamos efectivamente ansiosos, embora pudéssemos acompanhar o raciocínio de V. Ex.ª, por vê-lo definir a sua posição final quanto às acusações de que Antonio Champalimaud tinha sido alvo.

Mas dizia eu, que a simples constatação destes factos, só por si seria suficiente para conduzir ao reconhecimento da não existência da prática de qualquer crime por parte de António Champalimaud. Mas, na lógica sequência das suas alegações, V. Ex.ª equacionou outros importantes problemas, cuja relevância para o caso dos autos poderia na verdade ficar diminuída, ou deixar de ter interesse, à medida que fosse sendo dada uma certa solução a problemas anteriormente equacionados.

Assim, vou resumir, não sei se bem se mal, não sei se de forma absolutamente correcta ou se com algum lapso da minha parte, o desenvolvimento das alegações de V.Ex.ª, nos termos que vou passar a expor:

As acções em causa, segundo o sr. dr. Monteiro Dinis, encontravam-se, parte delas em depósitos solidários ou conjuntos de Henrique Sommer e D. Maria Luísa Araújo de Sommer.

Sua Ex.ª aceitava que efectivamente as acções que estavam depositadas no Banco Nacional Ultramarino e no Banco Espírito Santo se achavam em depósitos solidários.

Mas entendia também S.Ex.ª que as acções que se encontravam depositadas em Sommer & C.ª Ld.ª, ou à guarda de Sommer & C.ª Ld.ª, essas não se encontrariam em depósito solidário em nome e a favor de Henrique Sommer e D. Maria Luísa.

Na verdade, distinguindo entre as acções que se encontravam em depósitos bancários solidários e as que se encontravam à guarda de Sommser, considerou que, em relação a estas, não se podia pôr o problema da sua transmissibilidade em vida de Henrique Sommer, para suas irmãs,em virtude de não haver considerado comprovado que elas se encontrassem nessa sociedade em nome de ambos, em conta conjunta.

Mas, em relação às restantes, as que estavam em depósito solidários, haveria que equacionar como problema prévio a decidir pelo Tribunal, se a simples existência dos depósitos solidários implicaria ou não a transmissibilidade das acções para a co-depositante.

Se o problema, no tocante às acções que se encontravam no Banco Nacional Ultramarino e no Banco Espírito Santo, fosse resolvido em sentido afirmativo, essas acções já nem sequer integrariam a herança de Henrique Sommer, ficando consequentemente prejudicada toda a restante matéria acusatória que partira exactamente do pressuposto de que tais acções integrariam essa herança.

Mas se o problema fosse resolvido por V. Ex.ªs em sentido negativo, haveria que apreciar o valor da sentença homologatória da partilha proferida no processo de inventário, pela qual 6.046 acções haviam sido adjudicadas aos 5 sobrinhos de Henrique Sommer e à viúva deste.

Na tese pelo Ministério Público perfilhada, a simulação do processo de inventário alegada pela defesa não tiraria força vinculativa e jurisdicional à sentença homologatória da partilha mas a existência de tal simulação, a ser dada como provada, contribuiria para o reconhecimento da inexistência de dolo, que, como eu há pouco referi, é elemento imprescindível do crime de abuso de confiança.

Acrescentou porém que, mesmo não obstante essa força vinculativa que atribuiu a setença de partilhas, a circunstância de as acções terem passado de facto, materialmente, à posse das senhoras D. Maria Luisa e D. Albana, obrigaria a conhecer-se de um outro problema, também de ordem civil que se traduziria em determinar se as senhoras teriam ou não adquirido por usucapião as acções em debate.

Se fosse dada uma solução afirmativa, essa solução, implicaria também a inutilidade da apreciação dos pontos de facto necessários à verificação da existência ou inexistência do crime de abuso de confiança.

Mas se o Tribunal resolvesse esse problema também na tese negativa então importaria determinar se se tinham verificado ou não os elementos do crime.

Sobre este ponto o ilustre adjunto do procurador da República entendeu que não seria este o momento próprio, para tomar posição sobre um problema de tão larga envergadura, e que já se encontrava tratado nos autos em pareceres de professores de Direito por forma contraditória.

Deixando portanto este problema sem solução haveria que apreciar se se verificavam ou não os elementos constitutivos do crime de abuso de confiança. E então uma vez que D. Maria Helena Brazão de Sommer sempre havia reconhecido e declarado que a transmissão material e jurídica das acções havia tido lugar para suas tias D. Maria Luisa e D. Albana, apenas haveria que apreciar qual a convicção, sobre tal matéria, dos três acusadores.

Fixando que a prova produzida tinha necessàriamente de ser valorada para a conclusão de que todos os irmãos assistentes tinham tido perfeito conhecimento dos bens integradores da herança de Henrique Sommer, aceitando e acatando que a transmissão das acções da Empresa de Cimentos de Leiria se não havia operado para eles, mas sim para as também suas tias D. Maria Luisa e D. Albana, — seria o Ministério Público conduzido à conslusão da inexistência da prática de crime por parte de António Champalimaud, uma vez que António Champalimaud nunca, portanto, poderia ter recebido de seus irmãos acções que eles sempre tinham reconhecido não lhes pertencer, faltando, consequentemente, e necessáriamente a existência de um primeiro e fundamental elemento do crime: — o estabelecimento de uma relação de confiança entre António Champalimaud e os pretensos ofendidos, tendo por objecto as acções, em questão.

Por outro lado, uma vez que como tambem o ilustro adjunto do procurador da República demonstrou, por parte de António Champalimaud existia igualmente o convencimento de que as proprietárias das acções eram suas tias, não existira da parte deste o dolo, que seria igualmente imprescindível para a verificação da existência do abuso de confiança.

Foi esta, em termos gerais, a posição assumida pelo digno Magistrado do Ministério Público.

A POSIÇÃO DA ACUSAÇÃO PARTICULAR

Podia esperar-se dos assistentes, uma tentativa de demonstração, tendente à comprovação de que a matéria de facto fôra mal fixada pelo digno Magistrado do Ministério Público, quer à verificação factual dos elementos constitutivos do crime.

Ora, o douto requerente dos assistentes, aceitando o movimento das acções, como expressamente afirmou , nos termos descritos e referidos pelo Ministério Publico, logo reconheceu que a transmissão material das acções se operou para as senhoras D. Maria Luiza e D. Albana, — excluindo, consequente e necessàriamente, a possibilidade da entrega das acções em confiança, ao meu constituinte, António Champalimaud.

Não seria preciso dizer mais nada, para levar à conclusão de que a acusação dos assistentes não poderia levar por sua vez conclusões diferentes daquelas fixadas pelo ilustre Magistrado do Ministério Público.

Mas o certo é que a acusação dos assistentes nem se ocupou de tentar, sequer, a comprovação da existência ou verificação de um só dos elementos essenciais do crime:

Não se preocupou em comprovar a entrega das acções em confianca.

Nem a formulação de um pedido de restituição, por parte de qualquer um dos assistentes:

Nem a apropriação abusiva das acções por parte da António Champalimaud.

O que deixo dito, resumindo as alegações do Ministério Publico e as alegações dos assistentes, permitir-me-ia até acabar neste ponto e neste momento as minhas alegações.

O JULGAMENTO DA OPINIÃO PÚBLICA

Mas o que é certo é que a defesa propõe-se, exactamente porque, para além do julgamento de V. Ex.ªs, lhe interessa, por uma questão de honra, o julgamento também da opinião pública, — propõe-se, a defesa desenvolver a demonstração de que toda a acusação contra António Champalimaud não assentou em nenhuma base de facto séria, mas sim, mais do que em puras invencionices, numa verdadeira cabala de chantagem, que conduziu a esta batalha perfeitamente escusada, que se arrasta há já 16 anos, e em que foram gastos, tanto tempo, tantas energias e, porque não dizer-se também, tanto dinheiro do Estado, que ocupou nesta tarefa inglória, tantos funcionários e tantos magistrados, como os autos e os factos tão suficientemente demonstra.

Enunciei e enumerarei, pois, quais os elementos de facto constantes da pronúncia, a posição sobre ela assumida em alegações finais pelo Ministério Público e pela acusação dos assistentes: Mas os termos em que a pronúncia foi deduzida merecem-me ainda algumas palavras e algumas observações.

Examinando-se o despacho de pronúncia analisando-se os factos a ela levados, não posso deixar de expressar a minha mágoa pela circunstância de na própria querela deduzida e consequentemente na pronúncia, que pràticamente a reproduziu, terem sido absolutamente ignorados os factos, factos que constavam já alias do processo e cujo valor e interesse para a decisão da causa não justificava que como aconteceu, nem na querela nem na pronúncia fossem sequer linearmente referidas.

Verificou-se, posso afirmá-lo, a omissão de aspectos, mais do que elementares, porque eram aspectos essenciais, para a perfeita compreensão da factualidade que estava na base do processo todo.

FACTOS IGNORADOS PELA ACUSAÇÃO

Ignorando-se a elementariedade e essencialidade de tais factos, consignou-se apenas, na pronúncia, o que seria prejudicial ou contrário aos interesses de António Champalimaud, não obstante os factos essenciais a que vou referir-me se encontrarem referenciados no processo desde as primeiras e iniciais investigações.

Considero de importância relevante a indicação que vou fazer dos factos omitidos, — pela importancia da necessidade do seu conhecimento para a compreensão do que subsequentemente descreverei.

Em primeiro lugar:

Se a acusação e a pronúncia se quiseram mostrar tão legalistas, dizendo que a herança de Henrique Sommer integrava 9.996 acções da Empreza de Cimentos de Leiria — porque é que, tendo presente como tinham, a escritura de fls. 15 do apenso inventário de Henrique Sommer, ignoraram completamente o seu conteúdo?

Na verdade, Henrique Sommer casara com D. Palmira Diogo da Silva Sommer, em Abril de 1911.

O casamento foi precedido da celebração de escritura antenupcial outorgada em 29/3/1911, no cartório do notário dr. Tavares de Carvalho (encontra-se a escritura no processo do inventário, e encontra-se neste próprio processo a folhas 8.773)

Eu tenho presente que o distinto magistrado do Ministério Público já fez referência a este problema nas suas alegações finais, e no conhecimento profundo que mostrou do processo não lhe passou necessariamente despercebida a junção desta escritura ante-nupcial que se encontra neste passo dos autos que eu estou a referir. Mas o que é certo é que a mesma escritura se achava já junta ao processo do inventário; e eu só posso é pôr-me o problema de saber se o processo de inventário por óbito de Henrique Araújo Sommer estava já ou não ao alcance e à mão de V. Exas. no momento em que a querela foi deduzida e a pronúncia recebida. Com um aceno de cabeça, o dr. Monteiro Dinis esclareceu que não tinha tido à mão o processo do inventário, e o dr. Palma Carlos prosseguiu: O sr. dr. Monteiro Dinis acaba de me informar que não, admito portanto que só pela ignorância nesse momento, do conteúdo desta escritura ante-nupcial, a pronúncia tenha sido deduzida com a omissão deste facto cuja essencialidade era absolutamente indiscutível, facilmente reconhecível como prejudicando de todo o desenvolvimento subsequente do processo.

Efectivamente, por essa escritura, Henrique Sommer e sua esposa D. Palmira Diogo da Silva Sommer, adoptando embora o regime dotal, consignaram:

1.º: de entre os esposados haver inteira e completa separação de bens presentes e de todos que durante o casamento cada um adquirisse por sucessão, ou por qualquer outro título gratuito ou por direito próprio anterior (cláusula 2.ª do contrato).

2.º: mas, os bens adquiridos por título oneroso na constância do matrimónio, serão comuns (cláusula 3.ª do contrato).

Isto foi clausulado em 1911.

Em obediência ao assim clausulado, — entrou em comunhão o prédio da Avenida João Crisóstomo, 42, adquirido após o casamento, onde Henrique Sommer e sua esposa D. Palmira viveram, onde Henrique Sommer faleceu, e onde mais tarde viria a falecer também D. Palmira, em 22/11/54, mais de 10 anos decorridos sobre a morte de seu marido, como se vê também da certidão junta a fls. 94, do processo de inventário.

Mas, também depois do casamento, é que se constituíria a Empresa de Cimentos de Leiria — primeiro como sociedade por quotas, por escritura de 30-10-1919,transformadasubsequentemente em sociedade anónima, e 30-10-1920.

Foi, pois, **após o casamento,** que foram **adquiridas** as acções da Empresa de Cimentos de Leiria em discussão.

Foram adquiridas manifestamente a **título oneroso,** porque houve que pagá-las, porque efectivamente sendo emitidas as acções a um determinado valor nominal, esse dinheiro pôde efectivamente ser realizado. Portanto, tratava-se de acções, tratava-se de bens adquiridos a título oneroso, depois da constituição do casamento; e esses bens eram bens comuns do casal de Henrique Sommer e D. Palmira, e não bens próprios de Henrique Sommer.

Tratando-se de **bens comuns,** — deveriam como tal ser relacionados, descritos e partilhados no inventário.

A VIÚVA DE HENRIQUE SOMMER: PESSOA DE ALTA ELEGÂNCIA MORAL

Mas D. Palmira era uma pessoa de alta elegância moral, tanto quanto se pode ver das suas atitudes após a morte de Henrique Sommer, e do seu testamento, que se encontra também no inventário, a fls. 188, onde D. Palmira consignou, além de outras disposições que mais oportunamente referirei, a seguinte:

«Desejo que o meu enterro seja modesto».

E acentuou, em vida, como actuou: deixando que a totalidade — V. Exas. têm estes dados no processo de inventário —, deixando que a totalidade da raiz do prédio da Avenida João Crisóstomo, de que o marido no seu testamento deixara só a sua metade a Henrique Champalimaud, revertesse logo, todo o prédio, portanto para Henrique, sem prejuízo de ali viver e morrer, como aconteceu, sem prejuízo, portanto, do próprio usufruto dela.

Assim, D. Palmira respeitou, e acatou — ELA — a vontade de Henrique Sommer, não questionando a sua metade a que tinha legítimo direito nas acções da Empresa de Cimentos de Leiria, e entregando às cunhadas a carta a que adiante me referirei, a carta de 20/10/42, e através da qual (aliada a outras providências) Henrique Sommer se assegurara de que as acções da Empresa de Cimentos de Leiria, ficariam para as suas irmãs D. Maria Luísa e D. Albana.

D. Palmira não questionou, portanto, não questionou a metade das acções a que tinha direito daquelas todas que Henrique Sommer tinha adquirido em vida.

Mas logo após a morte de D. Palmira — o sobrinho Henrique, que ela tanto beneficiara, nos termos exactos já atrás referidos — que fora mesmo o mais beneficiado no testamento de Henrique Sommer, logo litigou contra os herdeiros de D. Palmira, os seus sobrinhos D. Maria da Luz Diogo da Silva de Mello e Faro e Jorge Diogo da Silva de Mello e Faro, filhos de sua irmã, D. Laura Diogo da Silva de Mello e Faro e de Arthur Porto de Mello e Faro (condes de Monte Real), indo reclamar-lhes, como fez, Henrique Champalimaud, os valores que eles teriam retirado da Av. João Crisóstomo, logo após o óbito de D. Palmira: um piano, vários móveis e umas jóias!

ISTO DEFINE AS PESSOAS...

Isto define, efectivamente, as pessoas. Essa contradição flagrante entre a posição assumida por D. Palmira, que não foi regatear após a morte de Henrique Sommer a propriedade ou o direito à propriedade de acções que eram dela indiscutivelmente, ou melhor, que seriam dela segundo o conceito da pronúncia, e a posição de Henrique Champalimaud que logo após a morte da senhora vai questionar com os herdeiros dela a propriedade duns pobres móveis.

— Henrique Champalimaud não teve nesse processo qualquer sucesso, evidentemente: perdeu na 1.ª estância, perdeu na Relação e perdeu no Supremo!

Mas o que interessa frisar, é que em face destas referências que acabo de fazer em face da circunstância da existência dessa escritura ante-nupcial elaborada e outorgada nos termos que eu referi, entre Henrique Sommer e sua esposa D. Palmira, não se podia ter afirmado, como na pronúncia se fez, que faziam parte do remanescente da herança de Henrique Sommer, 9996 acções da Empresa de Cimentos de Leiria.

UM DOCUMENTO AUTÊNTICO QUE PREJUDICA TODA A ACUSAÇÃO

Eu procuro esclarecer melhor: todas as acções — não só as 9996 referidas nos autos, mas também as que Henrique Sommer tinha em depósito solidário com D. Palmira, porque várias tinha — faziam parte do **património comum de Henrique Sommer e de sua esposa,** e bem poderia acontecer que, se houvesse uma licitação de bens no inventário para determinar a meação de cada um deles, D. Palmira pudesse tê-las até licitado todas, de forma a que **nem uma só acção integrasse a herança de Henrique Sommer,** e nenhuma viesse consequentemente a caber aos seus herdeiros.

Isto é um facto, documentalmente provado, através de documento autêntico. Só por si será suficiente para impor uma resposta negativa ao quesito que venha a ser formulado, abarcando o Art. 4.º, da pronúncia.

Se no Art. 4.º da pronúncia, cujo texto integrá-lo-ei neste momento, se afirma que faziam parte do remanescente da herança de Henrique Araújo Sommer, entre outros valores, 9996 acções da Empresa de Cimentos de Leiria, eu pergunto a V. Exas., em face destes factos que passaram a estar documental e autenticamente comprovados nos autos, como é que o Tribunal Colectivo, que tem de elaborar efectivamente um quesito sobre esta matéria, poderá afirmar, perante esta circunstância, que em 1944, data do falecimento de Henrique Sommer, estas 9996 acções integravam o remanescente da herança de Henrique Sommer.

Como não se vê que o Tribunal Colectivo possa dar outra resposta ao quesito que formulo sobre esta matéria ela seria suficiente para conduzir à prejudicialidade de todos os demais quesitos que da pronúncia forem extractados.

UMA FALTA GRAVE

Mas independentemente deste aspecto, há três outras ordens de factos, que a acusação e a pronúncia não poderiam omitir, como fizeram, sem que isso constituísse efectivamente, à face do processo, uma falta que tenho como grave:

Primeiro — **Henrique Araújo Sommer quando faleceu, não era possuidor apenas das 9996 acções referidas na querela e na pronúncia, mas era possuidor, sim, de 13.202 acções da Empresa de Cimentos de Leiria.**

Segundo — embora Henrique Sommer tenha efectivamente falecido, com testamento público lavrado em 18/1/1943, **deixou também uma carta de seu punho, datada de 20/10/1942,** junta a fls. 16.380 dos autos, em que providenciara sobre o futuro dos valores para ele mais importantes do seu património, ou fossem, exactamente, as suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria, capital representativo de uma empresa a que ele estava ligado por importantes interesses, não só de ordem material, mas também afectivo.

O CASO DA HERANÇA SOMMER

Em face das suspeições levantadas pelos acusadores acerca desta carta, foi ela examinada no laboratório da Polícia Científica, que confirmou a sua autenticidade.

Mas eu apontei, portanto, dois factos: o número de acções da Empresa de Cimentos de Leiria que Henrique Sommer teria ou tinha à data da sua morte, primeiro, e segundo, a circunstância da existência da carta que os autos já comprovavam exuberantemente no momento em que a pronúncia foi deduzida.

Mas há um terceiro ponto: o facto de todas as 9996 acções referidas na pronúncia, ou pelo menos parte delas, se encontrarem depositadas solidariamente a favor de Henrique Sommer ou Maria Luísa Araújo Sommer. E esse facto só por si, atenta a praxe jurídica e social da época, justificaria a apropriação por D. Maria Luísa de todas as acções, a qual efectivamente veio a verificar-se, como se demonstrará.

A PERSONALIDADE DE HENRIQUE SOMMER IMPÕS-SE PARA ALÉM DA MORTE

Estes três factos, neste momento das alegações relembrados, permitem deixar compreender que a vontade e a personalidade de Henrique Sommer se impuseram para além da sua própria morte — para que fossem aceites, como foram, disposições suas, cujo valor legal poderia ser objecto de discussão, mas cuja existência de facto só por si eliminariam ou deveriam logo eliminar, a possibilidade de atribuir-se qualquer intenção dolorosa, a quem houvesse aceitado ou acatado a vontade de Henrique Sommer.

Mas para além das acções constantes das contas conjuntas que se deixam referidas, isto é, as contas conjuntas dele com D. Maria Luísa no Banco Nacional Ultramarino, no Banco Espírito Santo e depósito (reafirmo porque procurei prová-lo) dele conjuntamente com D. Maria Luísa, nos cofres de Sommer e Ca. Lda. Henrique Sommer tinha mais 2066 acções em conta conjunta no Banco Nacional Ultramarino, com sua esposa D. Palmira de Araújo Sommer. Mas Henrique Araújo Sommer tinha outras acções: tinha mais 1000 acções numa caixa de folha que se encontrava guardada na Empresa de Cimentos de Leiria e que viriam a ser entregues, como V. Exas. sabem, a D. Alice Vila Franca; havia mais 30 acções que vieram a passar para D. Marcela Serpa Pimentel e tinha ainda mais 100 acções que constituíam a caução que ele havia prestado para exercer o cargo de administrador da Empresa de Cimentos de Leiria.

A entrega das acções a D. Alice Vila Franca, das tais 1000 acções que se encontravam num cofre ou numa caixa de folha, verificou-se obviamente já depois da morte de Henrique Sommer, V. Exas. encontram o cartão que foi apresentado na Empresa para que a entrega da caixa de folha se efectivasse, encontram o cartão e o respectivo envelope a fls. 13.578 e 13.579 dos autos, apresentados, como V. Exas. se lembrarão, pela testemunha José Pedro de Carvalho e Bourbon Sommer Ribeiro.

A letra do cartão era do punho de Henrique Sommer, e nele se pedia «que fosse entregue ao portador a caixa de folha que estava na casa forte e que tem na frente escrito Henrique com um cadeado de Letras»; essa caixa continha exactamente as tais 1000 acções.

A vontade de Henrique Sommer, manifestada necessariamente em vida dele, transmitiu-se, projectou-se, foi acatada e respeitada, para além da sua morte.

As acções que se encontravam em conta conjunta com sua esposa, nenhum dos assistentes deste processo as reclamou, — porque foram imediatamente para D. Palmira, — e foi ela quem delas dispôs como muito bem lhe aprouve. E não só das acções, — mas também do saldo da conta.

Quer dizer, relativamente às acções da Empresa de Cimentos de Leiria, em relação às quais Henrique Sommer tivera tomado providências absolutamente iguais aquelas que tomou em relação às acções com as quais constituiu contas solidárias com D. Maria Luisa, a vontade de Henrique Sommer foi também projectada depois da sua própria morte, sem que se tivesse levantado em relação à sua vontade assim manifestada nenhuma espécie de problemas.

Ficavam as **100 acções da caução** que Henrique Sommer tivera de prestar para o exercício do cargo de administrador da Empresa de Cimentos Leiria. Essas sim, Henrique Sommer não atribuira a propriedade a outrem através de contas conjuntas, nem deixara nenhuma carta a dar-lhes destino, como fez para as acções que vieram a ser entregues a D. Alice Vila Franca.

Foram, na verdade, as únicas acções de Henrique Araújo de Sommer em relação às quais, do destino delas, ele não procurou providenciar sob qualquer outro aspecto, sob qualquer outra forma.

Por isso, a elas, e só a essas 100 acções, ele se referiu no testamento, porque eram as únicas acções que considerava como propriedade dele após a sua morte; e deliberou deixá-las no testamento, aos seus dois amigos talvez mais dedicados, àqueles que o vinham acompanhando em amizade e colaboração desde a primeira hora da fundação da sua Empresa, que Henrique Sommer estimava tanto, e tanto, que sendo ele o verdadeiro fundador e impulsionador dela, a quem se deu em sacrifício em dedicação e entusiasmo desde a primeira hora, e na sua fase mais difícil considerava sentimentalmente — e tem importância referenciá-lo para aquilo que mais adiante terei de referir a V. Exas. — considerava sentimentalmente na sua carta de 20/10/1942 como obra de pai, talvez porque seu pai lhe dera com o seu exemplo de trabalho e dignidade, e com algum auxílio económico, a força e perseverança para se abalançar a um empreendimento, cujos resultados à data da fundação da Empresa de Cimentos Leiria, eram absolutamente imprevisíveis.

GANÂNCIA, INCAPACIDADE E COBIÇA

Este discritivo de factos, esta colocação de acções nas condições que referi, permite-me portanto perguntar:

Então a vontade de Henrique Sommer devia ser acatada como foi, nas disposições que marginalmente ao testamento tomou, para que ficassem mil acções para D. Alice Vila Franca, para que ficassem 2066 para D. Palmira Sommer, só porque com esta havia colocado essa quantidade de acções numa conta conjunta — e não tinha ou não devia ser acatada a sua vontade, na medida em que atribui às irmãs as 9996 acções, que a ganância, a incapacidade, a cobiça e a inveja dos assistentes vêm agora reclamar na proporção de 1/5 para cada um?

Não é próprio Carlos Champalimaud, que a propósito do respeito que mereciam as vontades de Henrique Sommer, afirmou em julgamento, como V. Exas, podem ver a fls. 10.809 v.º, dos autos, afirmou que a «nomeação de seu irmão para o lugar de administrador-delegado da Empresa de Cimentos Leiria representou mera formalidade» querendo com isso, acrescentou, «significar que seu tio Henrique ainda em vida o escolhera para lhe suceder no exercício de tal cargo, manifestando abertamente o seu desejo, motivo pelo qual, os directores que determinaram a nomeação, amigos íntimos do seu citado nunca deixariam de cumprir á vontade daquele?»

Então Carlos Champalimaud aceita que os estranhos respeitassem a vontade de Henrique Sommer, e os seus familiares não a respeitariam?

Outras disposições de Henrique Sommer, ou manifestadas através da mesma carta de 20/10/1942, ou através o recurso às contas solidárias, não foram cumpridas, aceites e acatadas também por todos?

Não foram respeitadas as deixas piedosas, formuladas por Henrique Sommer na sua carta:

A favor da sopa dos pobres da freguesia dos Anjos da Conferência de S. Vicente da Maceira, da Conferência de S. Vicente de S. João da Praça, da Fundação da Familia Sommer Maceira?

Não foram respeitadas todas essas deixas piedosas?

Não foram religiosamente cobertos os encargos que efectivamente do pedido de Henrique Sommer derivavam?

Os próprios queixosos não aceitaram sem discusssão, sem reclamação e sem discrepância, como tendo-se transmitido para as irmãs de Henrique Sommer, outros títulos, que além dos títulos da Empresa de Cimentos de Leiria, Henrique Sommer tinha depositado em conta solidária dele e de sua irmã D. Maria Luisa?

Não aceitaram efectivamente, os queixosos essa transmissão?

Não se pode sequer conceber — diria eu — que haja sido por generosidade dos assistentes que eles se tenham abstido de reclamar também esses outros títulos, como pertencentes à herança de Henrique Sommer — dado, como vieram dizer mais de 15 anos depois, o nenhum valor que poderia atribuir-se à carta do punho de Henrique Sommer.

Não podemos pois, Senhores Juízes, esquecer esta verdade fundamental, resultante da conjugação de vários factos que venho de referenciar.

Mas eu não posso deixar de martelar os factos que são absolutamente essenciais, para que V. Exas. tenham perfeita consciência do seu interesse para a decisão do processo e estejam portanto Senhores dos dados a meu ver elementares, face à referência a eles, e face a` sua documentação através da prova dos documentos quando tiverem de proferir a sua decisão final.

Portanto, eu martelo neste sentido: que a vontade de Henrique Araújo Sommer, quanto ao destino dos seus bens, manifesta-se não só através do seu testamento de 18/1/1943 referido na querela, mas também — mesmo para além da conta conjunta com D. Palmira e mesmo para além do cartão com que beneficiou D. Alice Vila Franca — mas também, na sua carta de 20/10/1942, através da qual procurava simultâneamente alcançar um duplo objectivo: manter as suas queridas irmãs no mesmo nível de vida que sempre lhes havia facilitado, e assegurar o prosseguimento da sua obra e da sua empresa, através daqueles dos seus sobrinhos, que mais garantias dessem de continuá-la.

VEXAMES

O acatamento da vontade de Henrique Sommer, quer pelas beneficiárias da disposição, quer por todos os herdeiros testamentários dele, durante anos e anos, não pode deixar de fazer imediatamente concluir, que mesmo quando se entendesse que as contas conjuntas dele com D. Maria Luiza não tinham o valor legal nem o significado que se lhes atribuiu, mesmo quando se entendesse que as acções faziam efectivamente parte da herança e como tal deveriam ser partilhadas pelos herdeiros beneficiados no testamento, — o que nunca teria havido por parte de António Champalimaud era a prática de qualquer ilícito penal, era qualquer actuação de natureza dolosa, susceptível de o arrastar aos intermináveis vexames de que foi vítima na Polícia Judiciária, e ao vexame do próprio presente julgamento.

Todo o processo revela que nunca António Champalimaud se apropriou das acções que haviam sido de Henrique Sommer. António Champalimaud limitou-se a acatar a vontade de Henrique Sommer como hoje certamente acataria ainda, pelo respeito que lhe tinha, pela consideração que lhe votava, — visto que a consideração e o respeito não são sentimentos que se diluam com o tempo, nem a vontade dos mortos deve deixar de ser acatada, por mais anos que sôbre a sua morte decorram.

ANTÓNIOCHAMPALIMAUD NÃO ERA TUTOR DOS SEUS MANOS

António Champalimaud não era, de resto, srs. Juízes, nem nunca foi, tutor dos seus manos ou da sua mana.

Daí, que nenhuma responsabilidade lhe pudesse ser validamente imputada, por também eles, manos e mana, haverem igualmente acatado e respeitado os desejos e a vontade de Henrique Sommer, como na verdade acataram e respeitaram.

Se eles, Carlos, Henrique, Maria Ana não quisessem respeitar essa vontade, isso seria da responsabilidade deles e não de António.

Onde, pois, o dolo de António Champalimaud, pelo facto de, pelo seu lado, e pela parte que como herdeiro lhe respeitava, ter procedido como procedeu?

Perante a boa fé com que, visível e elementarmente, acatou sempre António Champalimaud, a vontade de seu tio, haverá que ser reconhecida a António Champalimaud essa boa fé, haverá que ser reconhecido e declarado que por parte dele não existiu a prática de qualquer ilícito penal. António Champalimaud não praticou nunca em momento nenhum qualquer ilícito penal.

O QUE ESTÁ EM JOGO

E que na verdade, mais do que as acções, que através este processo, os assistentes no fundo reivindicam, mais do que o valor delas, o que tem estado em jogo para António Champalimaud no decurso de todos estes anos, é a honra.

António Champalimaud poderia ter satisfeito a cobiça dos queixosos, entregando-lhes maior ou menor quantia, poderia ter-lhes acenado com dinheiro, (dinheiro ganho por António Champalimaud com o seu mérito, o seu trabalho, a sua visão, as suas iniciativas).

Mas uma solução dessas não lhe salvaria a honra, e esta há-de necessariamente ficar-lhe salvaguardada, pela decisão que V. Exas. terão também necessariamente de proferir, e que haverá que traduzir-se na sua absolvição.

Longo e demorado caminho srs. Juízes — o que a honra de António Champalimaud orgulhosamente escolheu, para que a honra lhe ficasse salvaguardada!

A QUESTÃO SÓ SERIA LÍCITA PERANTE UM TRIBUNAL CIVIL; E NÃO PERANTE UM TRIBUNAL CRIMINAL

Entretanto, do que venho descrevendo, podem tirar-se já neste momento algumas conclusões.

Tanto ilustre adjunto do procurador da República, como douto advogado dos assistentes, ocuparam-se ambos, nas suas alegações, da apreciação, com maior ou menor vastidão, de alguns problemas de direito civil, manifestamente enxertados no presente processo penal.

E referiram-se-lhe colocando esses problemas de Direito Civil, até como condição de imprescindível e prévia resolução, para que V. Exas, pudessem prosseguir na apreciação de outros pontos fundamentais do processo.

O primeiro problema a equacionar, seria pois, — foi o sr. dr. Monteiro Dinis que o reconheceu, o de fixar-se para quem haviam ficado a pertencer as acções:

— aos herdeiros testamentários de Henrique Sommer, por força de um testamento que nem sequer as refere? — ou às irmãs de Henrique Sommer, D. Maria Luiza e D. Albana, por força dos depósitos solidários delas, da carta de 20/10/1942, e de outras providências que Henrique Sommer igualmente tomou?

A quem portanto ficaram a pertencer as acções?

Integraram-se ou não essas acções na herança de Henrique Sommer?

Se qualquer discussão fosse legítima a respeito da propriedade dessas acções, essa discussão só seria licitamente possível perante um Tribunal Cível.

Tal discussão podia ter tido lugar por várias formas através de uma acção declarativa, em que se discutissem o valor e efeitos do depósito das acções em contas conjuntas, em que se discutisse o alcance e valor da carta de Henrique Sommer, como aliás o reconheceram em certa medida, ambos os representantes da acusação pública e particular.

Podia até ter tido lugar, a sua apreciação, — face ao disposto no art.º 1761 do Código Civil então em vigor, que permitia, em caso de dúvida sobre a interpretação de uma disposição testamentária, o seu esclarecimento judicial, de harmonia com o que parecesse mais ajustado com a intenção do testador.

A este propósito o dr. Palma Carlos citou vasta doutrina e jurisprudência, lendo passagens dos profs. Paulo Cunha, José Tavares, Ferrer Correia e Manuel de Andrade, todos no sentido de que a intenção do testador poderia procurar-se através de todos os meios de prova admitidos, ainda que exteriores ao testamento.

E prosseguiu:

A carta de Henrique Sommer, portanto, conjugada com o testamento, não podia deixar de conduzir a que este último fosse interpretado, e viria necessariamente a ser interpretado, como estando excluídas dele as suas acções da Empresa de Cimentos de Leiria, e dos demais títulos que tinha depositados em contas conjuntas com a sua irmã Maria Luiza.

O ABSURDO DE TODO O PROCESSO

Mas à acusação, no presente processo foi totalmente indiferente o prévio esclarecimento da questão.

E notem, V. Exas., o absurdo até de todo o processo, se uma acção cível previamente viesse a fixar e declarar que a transmissão das acções da Empresa de Cimentos de Leiria de Henrique Sommer tinha sido efectivamente para as irmãs dele que se operou.

Se houvesse uma acção cível a declarar, que as acções tinham efectivamente sido transmitidas para as irmãs, V. Exas. pasmariam como é que tinha sido possível toda esta actividade judicial a partir de um pressuposto que uma simples acção cível teria completamente iludido.

Note-se que até o próprio sr. Manuel Fernandes, referindo no seu relatório a existência desta carta, conjuntamente com o testamento, até o sr. Inspector Manuel Fernandes não pode ocultar este facto no seu relatório, que no entanto foi omitido completamente na querela e na pronúncia.

Reconheceu o dr. Manuel Fernandes que não é da Polícia Judiciária competente para se pronunciar quanto à validade do testamento e da carta e possível alcança de qualquer delas.

E eu acrescento, nem a Polícia Judiciária, nem este Juízo Criminal, nem qualquer Juízo Penal! Quem teria efectivamente poderes e competência para se pronuncicar quanto à validade do testamento em conjugação com a da carta e validade da carta em conjugação com o testamento, seria na verdade qualquer Juízo Cível.

Impor-se-ia neste proccesso e com uma clareza poucas vezes atingida, a aplicação do disposto no art.º 3.º do Código de Processo Penal.

Só definindo previamente, pelo competente meio cível, a quem pertencem ou pertenciam as acções e só quando se não concluisse pela absoluta impossibilidade ou inexistência de acção penal, é que poderia justificar-se a averiguação da existência e configuração de um crime de abuso de confiança.

E aliás o que hoje expressamente se preceitua na redacção actual do mesmo art.º 3.º do Código Processo Penal, hipótese em que o arguido, em relação ao qual não seja admissível caução, a poderá prestar, só vendo revogada a liberdade provisória assim alcançada, se for negligente em promover o andamento da causa cível.

Nada disso se fez, entretanto neste processo.

A COBIÇA DOS ASSISTENTES

A cobiça dos assistentes alcançou que todo o processo fosse instruido «ad odium», com os atropelos da lei, que já deixámos enunciar e com visíveis objectivos, também já declarados, de vexarem e perseguirem o réu ou de forçá-lo a uma transigência com a chantagem.

Não é de mais insistir neste aspecto do problema.

Não se compreende como em um processo, em que, juridicamente, o pretenso objecto do crime é controvertido na sua propriedade, se pudesse ter deduzido e formulado uma acusação por abuso de confiança, — sem prévia fixacção dessa propriedade.

Se efectivamente se discutia, se efectivamente surgiam indiscutíveis dúvidas sobre a propriedade das acções de Henrique Sommer, a primeira posição a assumir, a primeira atitude a tomar, era fazer previamente fixar a propriedade das acções. E a partir dali é que se adoptaria procedimento competente.

O resultante é esta contradição permanente e sucessiva que se revela nos autos! Enquanto a Polícia Judiciária, ao concluir a instrução, considera a indiciação do arguido por um crime de abuso de confiança contra as senhoras D. Maria Luísa e D. Albana, a pronúncia virá contrariamente acusar o arguido do mesmo crime, mas cometido contra os assistentes.

Quem é que afinal António Champalimaud estava a lesar? Quem eram efectivamente os proprietários das acções?

Ora, apesar desta evidente controvérsia deliberadamente se quis afastar ou ocultar o problema, ao descrever-se como se fez no esquema da pronúncia, a sucessão de Henrique Sommer, em termos pacíficos, singelos e rectilíneos, de uma sucessão universal pelos herdeiros!

Entretanto estes problemas já existem e já se patenteavam no processo, entretanto estes problemas eram visivelmente preceptíveis, entretanto estes pro-

Continua na pág. seguinte

O caso herança Sommer

Continuação da pág. anterior

blemas demandavam uma solução prévia, antes de se prosseguir na preseguição criminal do meu constituinte.

Esta era uma questão cível insuperável.

Porque mesmo que as acções não pertencessem a D. Maria Luísa; mesmo que o efeito jurídico das contas conjuntas não fosse o que já sustentámos no requerimento de folhas, 18.222, per[illegible]into: haverá o direito de definir como criminosa a atitude seja de quem fôr, que, nas condições dos autos, respeitasse a carta de Henrique Sommer e não se tivesse oposto a que as acções passassem à posse e propriedade de suas irmãs?

É este Tribunal que vai verifio valor e alcance, sob o ponto de vista de direito, de contas conjuntas ou solidárias?

É esse Tribunal que vai verificar e decidir se se verificou ou não a usucapião das acções pelas sr.ªs D. Maria Luísa e D. Albana?

Para se poderem inscrever os cinco primeiros artigos da pronúncia foi necessário, pois, ignorarem-se factos evidentes, a própria peça fundamental do processo, e arredar-se a questão cível, e prejudicial de toda a actuação penal.

A DEFESA PROCURARÁ DESFAZER TODAS AS DÚVIDAS

Mas, mesmo nessas condições, mesmo apesar das condições em que se mostra deduzida a pronúncia, mesmo apesar da existência destas questões de direito civil, absolutamente essenciais, e absolutamente prejudiciais a qualquer actuação penal contra o meu constituinte António Champalimaud, este procurará demonstrar através da defesa, que não cometeu nenhum ilícito penal, este procurará desfazer até às últimas dúvidas, sem ser efectivamente sua obrigação, sem ser seu dever, procurará desfazer todas as dúvidas que lhe foram postas ainda nesta fase final do processo.

«ACEITO ENTRAR NA DISCUSSÃO»

Vou entrar agora, finalmente, na apreciação da matéria propriamente de facto, do processo.

Mas esta, como já afirmei, não poderia ser bem interpretada nem exctamente compreendida, — se eu não houvesse examinado antes as condições em que os processos se iniciaram, a instrução deles se processou, e em que condições o julgamento se desenvolveu.

A justa interpretação da prova não poderia igualmente ser feita sem que, mesmo em referência de descritivo muito genérico, se desse nota da personalidade dos acusadores de António Champalimaud, da sua conduta processual, bem como da dos principais intervenientes e condutores dos processos.

Posso, pois, e agora, dar a V. Ex.ªs o meu descritivo dos factos, e ajudar V. Ex.ªs, com a minha própria interpretação, a formarem a vossa convicção definitiva.

Referem os quatro primeiros artigos da pronúncia, que tendo Henrique Araújo Sommer, falecido em 28/3/1944, casado segundo o regime dotal com Palmira Diogo da Silva Sommer, designou como os seus herdeiros, por testamento público, lavrado em 18/1/43, os quatro irmãos António, Henrique, Carlos e Maria Ana de Sommer Champalimaud e a prima destes Maria Helena Brazão de Sommer, deixando-lhes em partes iguais, quer a quota que possuia em Sommer e C.ª Lda. Sociedade por quotas com sede na Rua Cais de Santarém, 64 em Lisboa, bem como, na mesma proporção, ou «nas mesmas condições de paridade» — para adoptar a própria expressão da pronúncia — o remanescente da sua herança, da qual faziam parte, entre outros valores, 9996 acções da Empreza de Cimentos de Leiria.

E afirma-se no artigo quinto da mesma pronúncia que «tais acções integravam o património de Henrique Sommer, que em relação a elas sempre conservou um domínio efectivo e exerceu actos de usufruição plena».

Já se disse atrás que embora Henrique Sommer e D. Palmira hajam efectivamente adoptado para o seu casamento o regime dotal como regime de bens base, igualmente estabeleceram que seriam comuns os bens adquiridos a título oneroso, durante a vigência do casamento.

E já se disse igualmente, que à data da morte de Henrique Sommer, este possuia, não apenas as 9996 acções referidas no artigo 4.º da pronúncia, mas sim 13.202 — das quais 2066 numa conta conjunta no nome dele e de D. Palmira no Banco Nacional Ultramarino, 1000 numa caixa de folha guardada na Empresa de Cimentos de Leiria, e 100 a caucionar o seu lugar de administrador desta mesma empresa.

A simples constatação destes factos, amplamente documentados no processo, exclui toda a possibilidade de virem a ser dados como provados os artigos 1.º a 4.º da pronúncia.

Efectivamente, se a Empresa de Cimentos de Leiria foi constituída após o casamento de Henrique Sommer com D. Palmira, e se as respectivas acções foram necessariamente adquiridas a título oneroso — visto que à aquisição da propriedade das mesmas houve de corresponder o pagamento do seu valor — as acções da Empresa de Cimentos de Leiria de Henrique Sommer eram tanto dele como de D. Palmira da Silva Sommer, eram, portanto, **bens comuns**, e, como tais, só fariam parte do remanescente da herança Sommer, na medida e no número, que viessem a caber na sua meação.

Haverá, portanto, que concluir, limiarmente, que falha o 1.º pressuposto da pronúncia: o de que as 9996 acções, que nos autos se discutem, integrassem o remanescente da herança de Henrique Araújo Sommer.

Ultrapassando, porém, este problema, não obstante ele ser, por si só, suficiente, para decidir o destino deste processo, aceito entrar na discussão do problema, mesmo no prisma colocado pela acusação.

A QUEM DEIXOU HENRIQUE SOMMER AS SUAS ACÇÕES?

Mesmo partindo do princípio que as 9996 acções pertenciam só efectivamente a Henrique Sommer, e que nelas, na propriedade delas, não tinha D. Palmira Sommer meação, a quem as deixou, na verdade, Henrique Sommer?

O problema equaciona-se, e resolver-se-á, através da **determinação da vontade de Henrique Sommer.**

Por morte de Henrique Sommer, apareceram:

— A sua carta de 20/10/1942, que sua esposa, D. Palmira viria a entregar a sua cunhada D. Maria Luísa, consoante o próprio ilustre adjunto do procurador da República reconheceu, e conforme prova que eu adiante referenciarei;

— e deixou o seu testamento de 18/1/1943, que o dr. Octávio de Brito viria a apresentar para abertura e registo, na administração do 2.º Bairro de Lisboa (certidão a fls. 10.019).

Anote-se portanto o seguinte:

É após a morte de Henrique Sommer, que aparecem as duas manifestações de vontade, uma manifestada através da carta de 20/10/42, comprovadamente entregue após a sua morte por D. Palmira a D. Maria Luiza; e outra, através do testamento, apresentado pelo sr. dr. Octávio de Brito na administração do Bairro, mas que é de supor que tenha chegado às mãos do dr. Octávio de Brito, também através de D. Palmira — que, no momento da morte de Henrique Sommer, seria a natural depositária das vontades de seu marido.

Ora, e portanto, a circunstância de D. Palmira Sommer, em respeito pela memória e vontade de seu marido, haver feito a entrega, praticamente simultânea, dos dois documentos através dos quais seu marido dispusera, pela sua morte, dos seus bens, conduz , em face do entendimento normal, que os dois documentos — a carta e o testamento — tendiam a completar-se e não a excluir-se.

D. Palmira de Sommer era a natural conhecedora da vontade de seu marido; foi a sua normal portadora e transmissora.

Ela própria não ignoraria que quando Henrique Sommer constituira solidariamente com ela, um depósito solidário de 2066 acções, pretendera que essas acções revertessem para ela, D. Palmira — e que por isso mesmo as levantou logo que entendeu, transmitindo-as a seus sobrinhos Jorge Cardoso Melo e Faro (conde de Monte Real) e D. Maria da Luz de Melo e Faro Passanha.

Se. D. Palmira, depositária da carta de 20/10/1942, como está comprovado, depositária como é de inferir também do testamento, fez também entrega daquela, e não só deste, encontra-se nesse facto um forte apoio, à tese que sustento, e que mais pormenorizadamente vou desenvolver, de que, em sua vida, Henrique Sommer, acautelara por via diferente do testamento o destino de parte das suas acções, indiscutivelmente da maior parte delas, que quis deixar para suas duas irmãs, embora manifestando-lhes o desejo de que por sua morte passassem para aqueles dos seus cinco sobrinhos que mais garantias dessem de continuar a obra dos cimentos, que ele com tanto esforço edificara, e a que consagrara a parte mais importante do seu esforço e da sua vida.

Mas Henrique Sommer não se limitara a escrever a carta de 20/10/1942.

Efectivamente, colocara também, em contas bancárias solidárias, tanto no Banco Nacional Ultramarino, como no Banco Espírito Santo, uma parte dessas acções, em depósitos solidários em seu nome e no de sua irmã D. Maria Luiza.

Outras acções, depositou-as nos cofres da própria Casa Sommer — que, como veremos, estavam alugados no Banco Nacional Ultramarino.

Nem o ilustre magistrado do Ministério Público nem o douto advogado dos assistentes, levantaram quaisquer dúvidas à existência e validade dos depósitos solidários bancários.

Passou em seguida o dr. Palma Carlos a demonstrar que, ao contrário do afirmado pelo seu colega da acusação, dr. Eridano de Abreu, era inteiramente exacta no seu conteúdo uma carta (de 18 de Agosto de 1944) dirigida por Sommer e C.ª Lda. — e assinada pelo seu gerente Henrique Champalimaud — ao dr. Octávio de Brito, na qual se refere que, à data da morte de Henrique Sommer, existiam acções da Empresa de Cimentos de Leiria à guarda da sociedade Sommer, em nome do falecido e de sua irmã D. Maria Luísa.

A respeito deste problema, citamos as seguintes afirmações do dr. Palma Carlos:

Como bem acentuou o ilustre magistrado do Ministério Público, Henrique Champalimaud, pouco mais novo era de que seu irmão António.

Em Agosto de 1944, tinha porém já 24 anos feitos, mais mesmo 25 anos do que 24 — faria anos mais de 4 meses decorridos, e era uma pessoa mentalmente válida, com funções de gerência efectiva em Sommer, donde, sim, quem estava arredado de facto era António Champalimaud.

A carta de 18/8/1944, é um documento, cuja validade resulta da sua própria existência — e que tem de ser aceite exactamente no significado do seu texto, não havendo, como não há, qualquer prova em contrário de idêntico ou igual valor.

O meu distinto colega sr. dr. Eridiano de Abreu nas alegações que produziu, classificou esta carta, com o à-vontade, desculpe, gratuito, que caracterizou muitas das delegações, V. Exa. classificou esta carta como uma falsidade.

Mas falsidade porquê?

A carta não está lá a fls. 6730 dos autos?

Não contém a assinatura de Sommer, aposta autenticamente por Henrique Champalimaud, como este próprio reconheceu e confirmou?

Não tem a carta aposta, no seu canto superior esquerdo as iniciais «CS» — que representam, segundo as normas corrente adoptadas em qualquer escritório, as iniciais da própria pessoa que a redigiu, porque quando a pessoa que escreve não é a mesma que redige, as iniciais de quem redige costumam ser seguidas das iniciais de quem dactilografa?

Não se encontram nos autos muitas outras cartas do sr. Constantino Sobral, a atestar a exactidão do que venho de dizer, com a aposição, após as usas inciciais CS, das iniciais do seu dactilógrafo ou dactilógrafa?

Estas são realidades indesmentíveis, que só poderiam ser contrariadas por prova séria e concreta em contrário, eventualmente prova documental oposta, e nunca por simples afirmações contrárias do interessado Henrique Champalimaud, nem do Sr. Constantino Sobral, que negou aqui perante V. Exas. a autoria da carta de 9 de Julho de 1968 junta a folhas 12 455 dos autos, e cuja posição neste momento, ficou nitidamente desmascarada através da contradita contra ele deduzida.

Aliás, as afirmações produzidas — e unicamente — quer por Henrique Champalimaud, quer por Constantino Sobral, a tentar infirmar o valor da carta, são absolutamente desrazoáveis fora do mais ligeiro bom senso, são inacreditáveis e inaceitáveis.

Segundo Henrique Champalimaud, a carta foi-lhe apresentada «já preenchida, pelo seu irmão António, tendo-a o declarante assinado na sua qualidade da gerente de Sommer, sem que contudo se tenha aprecebido do verdadeiro significado e alcance do conteúdo da mesma carta». (folhas 7573).

Em julgamento, Henrique Champalimaud, esclareceria que a sua assinatura teria sido aposta, nos termos seguintes:

«em data que não se recorda, podendo ser a que consta da carta, seu irmão António passou pelo gabinete do declarante, em Sommer e Ca. Lda. , dizendo: — «O Henrique, faz favor assina esta carta, que o dr. Octávio de Brito precisa dela nestes termos.»

O declarante — continua Henrique — leu a carta, não lhe atribuiu sentido nenhum, mas assinou-a conforme seu irmão António lhe dizia, logo lha entregando após o que este se retirou.

Aquando da assinatura da carta, seu irmão António não lhe deu quaisquer explicações acerca do seu conteúdo, nem tal carta vinha acompanhada de qualquer relação de acções, inclusive as que agora se encontram a fls. 6737 e segs.

Só mais tarde na Polícia Judiciária, ao ser interrogado sobre a tal carta, e quando lha mostraram, é que o declarante se lembrou dela.

Depois de a ter assinado, e até àquela altura nunca mais a tinha visto».

Notem V. Exas. a evolução do descritivo de Henrique Champalimaud, entre 5/2/1966 em que produziu as primeiras declarações que eu li a V. Exas, e que ele prestou na Polícia Judiciária, e 20/7/70, data em que foi ouvido sobre a matéria neste Tribunal.

Aqui, portanto, Henrique Champalimaud acrescentaria que a carta que lhe tinha sido dada a assinar por António, porque «o dr. Octávio de Brito precisa dela nestes termos». No entanto não a assinou sem a ler.

Trata-se de uma verdadeira especulosidade inacreditável e inaceitável, a que não pode dar-se qualquer valor, que se sobreponha ao próprio valor e validade da carta, documento que tem de ser entendido, interpretado e valorado, pelo que dele mesmo consta e não pelas declarações interessadas dum queixoso e assistente.

Para mais, Senhores Juízes, as declarações de Constantino Sobral, a fls. 12.351 v.º e 12.352, já invalidam por si mesmas, o mérito que se pretendesse atribuir às declarações do interessado e assistente Henrique Champalimaud.

Não é com declarações ou depoimentos deste tipo, absolutamente imprecisos como os de Sobral, interessados como os de Henrique, que se pode duvidar do valor do próprio documento em si, da realidade do que nele se consigna, da exactidão das informações nele prestadas.

Hanrique Champalimaud é que subscreveu a carta de 18/8/1944. V. Exas. não encontram nos autos qualquer outro elemento de prova que iluda o valor e o segnificado dessa carta.

Concluo, pois, neste aspecto sobre que me venho a debruçar, que não se pode considerar que as acções de Henrique Sommer que estavam à guarda de Sommer e Ca. Lda., se encontrassem em situação diferente daquelas outras que se encontravam em depósitos solidários, no Banco Nacional Ultramarino e no Banco Espírito Snato:

— a carta está firmada por Sommer e Ca. Lda.;

— a assinatura é de Henrique Champalimaud;

— Constantino Sobral confessou tê-la dactilografado, senão mesmo redigido; e a circunstância de a carta conter só as iniciais do seu nome e não seguidas de outras iniciais quaisquer, indica com maior verosimilhança que foi efectivamente Constantino Sobral quem a redigiu — tanto mais que era a pessoa que, como todos nós ssabemos perfeitamente, exercia a actividade em Sommer.

Quem, efectivamente, se não concebo que se haja ocupado da redacção da carta e da elaboração das relações, é necessariamente António Champalimaud, cujo espírito activo e empresarial não lhe permitiria ocupar-se dessas coisas mínimas, e que, se fosse ele que efectivamente a tivesse redigido, não cometeria as irregularidades que às cartas foram apontadas pelo Ilustre Magistrado do Ministério Público.

O conteúdo de tal carta, os lapsos evidentes dela constantes, militam em favor, e não em desfavor, de António Champalimaud.

Se António Champalimaud tivesse ou agisse com o dolo intensíssimo a que a acusação particular se referiu — aproveitando dessa forma, de mão beijada, a única deixa que lhe subsistiria para defender a culpabilidade de António Champalimaud, após a brilhante e inatacável demonstração produzida pelo Ilustre Magistrado do Ministério Público — se António Champalimaud, para além das largas preocupações que já então o dominavam e que vieram a ter brilhante reflexo na aquisição da fábrica da Matola, na 8.ª e 9.ª emissões de acções da Empresa de Cimentos de Leiria, etc.; se António Champalimaud fora da condução da sua actividade empresarial. tivesse tempo, ou lhe interessasse, a prática de qualquer acção dolosa, utilizando para tal a redacção de documentos, cuia utilizacão lhe podia vir a ser necessária ou útil, 15, 20, ou 30 anos depois, certamente que António Champalimaud, o homem inteligente que seus próprios irmãos reconhecem ele ser, não teria cometido na carta de 18/8/44 os lapsos que na mesma se podem constatar.

O que deixo dito não pode também deixar de ser considerado para que se chegue à conclusão de que essa carta de 18/8/44. proveio efectivamente de Sommer, que pelo seu contexto são unicamente responsáveis as pessoas cuja assinatura nela está firmada, ou cuja rubrica nela foi aposta, a atestar uma intervenção: Henrique Champalimaud e Constantino Sobral.

Para mais, não têm V. Exas. perfeitamente presente que António Champalimaud já de muito atrás, já mesmo antes da morte de Henrique Sommer, não tinha qualquer intervenção na gerência de Sommer e Ca. Lda.?

UMA ACTA COM A ASSINATURA DE HENRIQUE SOMMER

Relembro a V. Exas. o que consta da acta do Conselho de Gerência de 19/2/1944, de Sommer e Ca. Lda. que se encontra a fls. 3779.

Efectivamente, em 18 de Fevereiro de 1944, em reunião do Conselho de Gerência de Sommer e Ca. Lda. , estando presentes Henrique Araújo de Sommer, Fernando Araújo de Sommer, António e Henrique de Sommer Champalimaud. (Ainda bem que estava presente Henrique Araújo de Sommer, senão viriam os assistentes — se na acta não figurasse a assinatura dele — viriam dizer que teria sido uma acta fabricada por António Champalimaud no momento em que lhe conveio e, necessariamente, até depois da morte de Henrique Araújo de Sommer).

«Estando todos presentes, resolveu-se atribuir efectivamente aos sócios gerentes as seguintes remunerações mensais:

ao sócio Henrique Araújo de Sommer, 6.000$00.

ao sócio Fernando Araújo de Sommer, 5.000$00

ao sócio Henrique Champalimaud, 4.000$00.

E pelo sócio António Champalimaud foi declarado que prescindia da parte que lhe viria a competir, visto não prestar serviço com assiduidade nessa sociedade».

António Champalimaud era, na verdade, a pessoa que, amante como era do trabalho e dedicado como era ao trabalho, não pretendia nem nunca pretendeu usufruir, contrariamente ao que acontecia com seus irmãos, receber remunerações onde não prestasse efectivo serviço.

Portanto, não era António Champalimaud que estava em Sommer e Ca. Lda., a colher os dados para elaborar as relações de bens, nem para redigir cartas, nem para efectivamente tratar desses assuntos sobre expediente.

Posso, portanto, firmar como conclusão do que acabo de expôr a V. Exas. que:

todas as 9996 acções a que se refere o art.º 4.º da pronúncia, à data da morte de Henrique Sommer, achavam-se todas elas, em depósitos solidários constituídos por Henrique Sommer em nome deste e de D. Maria Luisa, tanto as acções que se encontravam no Banco Nacional Ultramarino e no Banco Espírito Santo, como aquelas que se encontravam à guarda de Sommer e Ca. Lda.

No final, o Juíz Presidente, dr. Bernardino de Sousa, interrompeu o julgamento, para prosseguir após as férias da Páscoa, no próximo dia 24, interrupção que justificou pela necessidade de repouso, quer dos membros do Tribunal, quer dos advogados.

DL/GERAL

FISCALIDADE NA EMPRESA

..O Instituto Nacional de Investigação Industrial promove de 25 a 27 do corrente mais um seminário sobre fiscalidade na empresa, que visa ampliar e aperfeiçoar os conhecimentos sobre fiscalidade. Destina-se a administradores e gerentes de empresas, directores financeiros, técnicos de contas e em geral a todos os que se interessem pelos problemas fiscais.

..Quaisquer informações sobre o curso podem ser pedidas pelos telefones 533620/3/4/5/6.

LOJA c/ **GRANDE ARMAZÉM NA CAVE E ÁREA PRÓPRIA P.ª ESCRITÓRIOS**

RUA OLIVEIRA MARTINS, 35-A, A MEIO DA AV. DE ROMA

1.160 m2 EM DOIS PISOS LIGADOS POR RAMPA, APETRECHADA COM TODOS OS REQUISITOS INDISPENSÁVEIS A QUALQUER RAMO NOMEADAMENTE: **SUPERMERCADOS; CASAS DE MOBÍLIAS; IND. CONFECÇÕES** OU OUTRAS. TRATA NA PORTEIRA OU TELF. 76 48 56 (DIA) E 74 12 27 (NOITE).

ANÁLISE QUANTITATIVA DAS EMPRESAS

ÁREA II DO CURSO DE MARKETING MANAGEMENT PROMOVIDO PELO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMERCIALIZAÇÃO (MARKETING).

PROGRAMA: O processo de decisão na empresa; economia da empresa; análise marginal; os «ratios»; estatística; métodos quantitativos de previsão; probabilidades e decisão estatística; modelos de pesquisa operacional; decisão de investir.

FREQUÊNCIA: Curso integrado no Ciclo de estudos de Marketing Management, dividido em quatro Áreas distribuidas por dois anos, podendo ser frequentado isoladamente, tal como qualquer das outras Áreas.

INÍCIO: 24 de Abril próximo.

DURAÇÃO: 160 horas.

LOCAL: Sede da Sociedade Portuguesa de Comercialização (Marketing) — Av. Elias Garcia, 172, 2.º-Esq. Telefone 77 44 57 Lisboa.

INSCRIÇÕES: Já abertas, para um número limitado de participantes, no local indicado, onde se prestam todas as informações.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMERCIALIZAÇÃO (MARKETING)

Av Elias Garcia, 172, 2.º-Esq. — Lisboa

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE COMERCIALIZAÇAO (MARKETING) e uma associação sem fins lucrativos e de caracter predominantemente tecnocientifico que se rege por estatutos aprovados pelo Ministerio da Educação Nacional em 24 de Janeiro de 1967

A sinagoga portuguesa de Newport monumento dos Estados Unidos

Continuação da pág. 3

Muitos não israelitas vinham assistir às preces na Sinagoga; alguns dos visitantes pertenciam às classes sociais e políticas mais elevadas, tais como o Governador, vários juízes e outras personalidades oficiais, a quem era dada a honra de se sentarem no lugar do presidente.

OS JUDEUS PORTUGUESES FACTOR DO PROGRESSO

Em 1770, Newport era considerada «o iardim da América».

A população, onze mil habitantes, contava pessoas da maior cultura e educação. Os visitantes confessavam a sua surpresa por encontrarem ali uma sociedade tão bem informada.

Os antepassados das famílias que vieram de Portugal e Espanha para Newport pertenciam ao grupo de cientistas e mestres que contribuiram grandemente para as descobertas marítimas.

A família Lopes era proprietária, no século XVI, de uma tipografia em Lisboa. Chegados a Newport, os Lopes contribuiram para a prosperidade da cidade. Em 1750 foi-lhes concedida a naturalização. Em 1753, a Assembleia do estado concedeu um alvará a Moisés Lopes para a fabricação de potassa, não só pela vantagem que isso representava para a Grã-Bretanha e para as Colónias, mas também porque «o dito Moises Lopes tinha adquirido a verdadeira arte e mistério na fabricação de potassa, o que era conhecido de muito poucos no reino».

De modo semelhante se distinguiram os Machados, os Seixas, os Sarzedas, os Lucenas. Estes últimos obtiveram da Assembleia do Estado, em 1761, a autorização de fabricar sabão, pelo mesmo método e da mesma qualidade que se preparava em Espanha, sob a designação de «Sabão Castile». Foi assim que a manufactura deste fomoso sabão foi introduzido nos Estados Unidos. Como recompensa foi concedida a naturalização, a James Lucena além de influência espiritual que exerceu, a comunidade prosperava nas indústrias e no comércio.

Os hebreus tomavam parte activa na vida política da colónia, serviam voluntàriamente nas forças armadas. Em Newport, todos os habitantes, ainda que professando cultos diferentes, acarinhavam as mesmas aspirações, encontravam-se em pé de igualdade na rua, no club, na fábrica, a bordo dos navios, no exercito ou na assembleia. Esta compreensão e tolerância produziram frutos de consequências.

Com a dispersão dos habitantes de Newport, devido à revolução e à ocupação inglesa, fecharam-se as portas da Sinagoga, em fins do século XVIII.

Porém, na segunda metade do século XIX, sob a direcção do erudito Abraão Pereira Mendes — e mais tarde sob a do Rabi Samuel Morais — a histórica Sinagoga recomeçou a funcionar. Em 28 de Maio de 1883, realizou-se a cerimónia da re-inauguração, num ambiente de luz e de fé. A lâmpada eterna, apagada durante perto de um século, brilhou de novo.

A Sinagoga portuguesa de Newport continua aberta ao culto, apesar de ter sido classificada como monumento nacional. É um dos padrões que assinalam a participação portuguesa na formação dos Estados Unidos.

ESTER CASTEL

SENSACIONAL...

Enceradora	**1000$00**
Secadores Cabelo	**140$00**
Aspiradores	**1200$00**
Frigoríficos Mol	**1790$00**
Panelas Pressão	**290$00**
Máq. de Lavar Automáticas	**4500$00**
Sofás Camas	**1800$00**

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA

INFORMAÇÃO

REDUÇÃO HORÁRIA trabalho dos trabalhadores que frequentam cursos formação profissional

Conforme deliberação da C. C. C. publicada no Boletim do I. N. T. P. n.º 11 de 22.3.73 o horário de trabalho é reduzido, sem perda de retribuição de 2 ou 1 horas por dia, conforme o horário de trabalho seja de 48 horas semanais, ou menos de 48 h. respectivamente.

A regalia beneficia todos os trabalhadores que se encontrem a frequentar cursos relacionados com as categorias profissionais, relacionados no C.-C. T., e só não vigorará nos períodos de férias.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Sindicato Nacional dos Profissionais de Seguros do Distrito de Lisboa

L.º do Intendente Pina Manique, 35-1.º — LISBOA - 1

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

De harmonia com o preceituado no Art.º 22.º dos Estatutos, e em cumprimento do estabelecido no Art.º 23.º do mesmo diploma, convoco a reunião da Assembleia Geral Ordinária para o próximo dia 30 do corrente, às 20.30 horas, na Sociedade de Instrução e Beneficência, «A Voz do Operário» Rua da Voz do Operário, 9 a 15, em Lisboa — com a seguinte ordem de trabalhos:

— Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas relativos ao exercício de 1972.

Não havendo, à hora indicada, número legal de associados, a Assembleia reunirá, em 2.ª convocação, no mesmo dia e local, às 21 horas, com qualquer número de sócios, de acordo com a segunda parte do § único do Art.º 22.º dos Estatutos.

Lisboa, 13 de Abril de 1973.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Joaquim Domingues**

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim M. Nunes, Rua Dr. António Martins — ROSSIO AO SUL DO TEJO — ABRANTES

TINTAS REDLAC

NÃO ACREDITE SÓ EM PROPAGANDA. SAIBA TAMBÉM DISTINGUIR A ALTA QUALIDADE.

J. P. BASTOS & C.ª, LDA. — Tel. 870056 — LISBOA

USA PRÓTESE DEFICIENTE?

Tem garantida a sua inteira recuperação na SIORTO, a empresa da especial dade que tem demonstrado na prática a proficiência da actual técnica de prótese ortopédica.
Assegure-se do valor da extraordinária evolução dos sistemas de PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS E APARELHOS ORTOPÉDICOS, quando bem executados e adaptados, consultando:

SIORTO — Soc. Industrial de Ortopedia, Lda.
Av. Almirante Reis, 173, r/c. — Telef. 4 09 82 — LISBOA

ESCOLA DE ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA DE LISBOA

Na Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa, Rua José Carlos dos Santos n.º 7-3.º em Lisboa, Telefone 77 50-74, estão abertas as inscrições para o Curso de Auxiliares de Enfermagem Psiquiátrica de 15 de Março a 15 de Abril.

Para a frequência do referido Curso são exigidas como habilitações literárias o 1.º Ciclo dos Liceus ou equivalente.

Lisboa, 19 de Março de 1973

O PRESIDENTE DA COMISSÃO INSTALADORA,
Roberto Pegado

DL/GERAL

A Bosch inaugurou novas instalações

O sr. Franz Fungfeld, director-gerente da Robert Bosch (Portugal) Lda, proferindo o seu discurso na cerimónia de inauguração das novas instalações daquela empresa.

A Robert Bosch (Portugal) Ltda. inaugurou ontem as suas novas instalações, que ocupam um amplo e funcional edifício situado na Avenida Infante D. Henrique (Olivais Sul), englobando escritórios, salão de exposições, oficinas de assistência técnica e armazém. Ficam assim reunidos serviços que até aqui se encontravam dispersos devido ao rápido crescimento da firma desde 1960 até agora. As novas instalações correspondem a conceitos modernos de métodos de trabalho destacando-se particularmente o conjunto reservado aos escritórios e serviços administrativos, concebidos de forma a proporcionarem um ambiente funcional e confortável e, consequentemente, maior rendimento do trabalho e mais comodidade para os 250 colaboradores que constituem o quadro daquela importante empresa.

Estiveram presentes o embaixador alemão sr. Ehrenfried vou Holleben; o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, tenente-coronel Silva Sebastião; os directores-gerais do Comércio Alfândegas e Trabalho; o administrador-geral do Grupo Bosch, sr. Kurt Losten, que se deslocou a Portugal propositadamente para o efeito; o sr. Franz Funfgeld, director-gerente da Bosch em Portugal; o dr. Germann, chefe geral dos serviços de Imprensa do Grupo Bosch, elementos directivos e todo o pessoal da Robert Bosch (Portugal) Ltda., figuras destacadas do meio comercial e industrial português e representantes dos Órgãos de Informação nacionais.

Antecedendo o cocktail oferecido a todos os convidados falaram os srs. Kurt Losten, Franz Fungfeld, embaixador da Alemanha e um colaborador da Robert Bosch (Portugal, Ltda.

O director-gerente da Bosch em Portugal, depois de se referir às características das novas instalações, capazes de resolverem os problemas resultantes do crescimento da firma, salientou:

«Pensamos estar, deste modo, devidamente equipados em relação ao futuro, por um lado para fazermos frente às exigências cada vez maiores do mercado por outro, para uma colaboração individual com os nossos intermediários. Deste modo temos tentado encontrar, nos últimos anos, para todos os sectores de produtos da nossa actividade, os meios de vendas mais adequados e preparar o pessoal para as múltiplas necessidades do Serviço de Assistência Técnica. Até agora, já foram instruídos mais de 600 técnicos destinados ao Serviço de Assistência Técnica e que continuam a participar em cursos de actualização».

O sr. Franz Fungfeld agradeceu às autoridades portuguesas que se mostraram sempre solícitas e compreensivas na satisfação das pretensões da firma e, a terminar disse:

«Por último, mas não em último lugar, quero ainda agradecer a todos os nossos colaboradores. São eles, afinal, os pilares desta Empresa. Nas nossas instalações antigas, ultimamente já tão exíguas quanto a espaço, foram obrigados a grandes sacrifícios. Depois tiveram que suportar todo o trabalho da mudança e sujeitar-se às carências inerentes a instalações que, nas primeiras semanas, ainda não estavam totalmente prontas. São eles que constituem a nossa organização que não é, exactamente, um benefício próprio, mas fulcro dos interesses e vida em comum».

Falando a seguir o sr. Kurt Losten, referiu que o Grupo Bosch, está representado em 140 países, dando trabalho a cerca de 109 000 pessoas. O seu movimento total em 1972 foi de cerca de 6 biliões de marcos. **«Todavia estes factos não representam para nós nada de especial e apenas os citamos a fim de facultar dados que permitam comparações. Aliás, nós não somos, quer em volume de transacções quer em número de colaboradores, partidários do gigantismo». Nesses países, onde se situa a nossa produção ou distribuição, criámos lugares para 29 000 pessoas. Estes colaboradores são na sua esmagadora maioria naturais dos países onde se situam as actividades, mesmo ao nível de dirigentes. Desses 29 000 colaboradores apenas 200 são alemães ou seja menos de 1 por cento, o que corresponde à nossa política de pessoal».**

A terminar falou o embaixador da Alemanha que entre outros factos se referiu às trocas comerciais entre Portugal e o seu país salientando que este se encontra na terceira posição entre os compradores de produtos portugueses, verificando-se uma evolução cada vez maior nas exportações para a Alemanha, que em 1972 aumentaram de quase 20 por cento enquanto as importações da Alemanha aumentaram apenas 7 por cento, situação inversa aos anos anteriores.

Passatempo

COM PROVÉRBIO

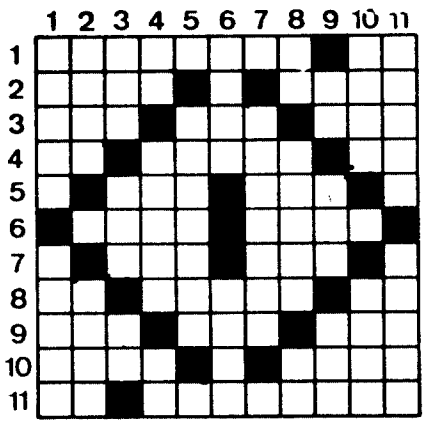
PROBLEMA N.º 10398

HORIZONTAIS

1 Riqueza (fig.). Grande ribeira da Ásia Russa
2 Cidade da Argélia. Nome de mulher
3 Conjunção Extremidade do braço Cinquenta e dois em romano
4 Preposição e artigo definido Ilha pertencente ao arquipélago dos Açores Prefixo de privação
5 Oferecer Capa sem mangas Tempo do verbo ser
6 Adega Cubículo
7 Unidade monetária do Japão Enguia
8 O mais Apelido Lé
9 Desgraça Saudável Ver
10 Lágrimas Cabeça (pop).
11 O sono das crianças Habitantes do país de Moab

VERTICAIS

1 Domesticar Nome de um jogo
2 A Pérsia Tanque de jardim
3 Em as Oferecer Lutécio (s.q.)
4 Associação ou confraria cristã na Índia Frasqueiras Antes do meio dia
5 Trigueiros
6 Encolorizar Rio do Brasil
7 O mesmo que oócito.
8 Ósmio (s.q.) Realiza Pronome pessoal
9 Alumínio (s.q.) Para barlavento
10 Língua verácula indiana. Nau
11 Um dos Estados da América do Norte. Crias.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

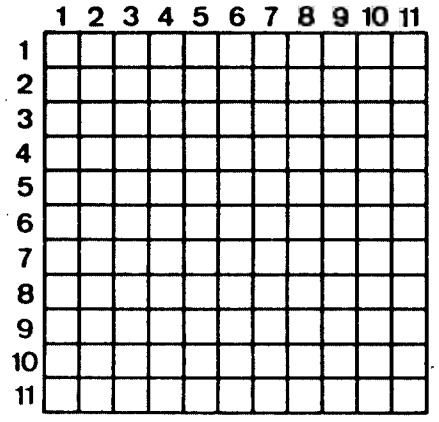
PROBLEMA N.º 6554

HORIZONTAIS

1 Bicar. Espécie de tafetá listrado da Índia.
2 Guarnecer de asas. Ergues.
3 Chefe etíope. Letra grega.
4 Estampa. Deslizei. Pedra de altar.
5 Um gosto no meio de muitos dissabores. Tribo indígena brasileira.
7 Colocarás. Emblemas.
8 Escavara. Aliada
9 Medicina. Norma. Lista.
10 Grande cão de fila. Bordão.
11 Grande quantidade. Papas de mandioca.

VERTICAIS

1 Nome de peixe. Terreno plantado de árvores frutíferas.
2 Rio de França. Olhinho.
3 Unes por casamento. Soldado de uma milícia persa encarregado de proteger os vigilantes.
4 Atmosfera. Voltar.
5 Bigorna de aço sem hastes. Chiste.
6 Bário (s.q.). Pronome pessoal.
7 Espécie de formiga (Bras.). Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
8 Vi. Freguesia do concelho de Lousada. Li.
9 Dera aviso de alguma coisa em voz alta. Olhar atentamente
10 Bilha. Nesta hora
11 Guarneceis de asas Grande sala.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10397

HORIZONTAIS:

1 Grãos Paras
2 Russa Erada.
3 Asas Rama
4 O SEU.
5 El Ce. Sb Ir
6 Uiva Aura.
7 Sala. Anca.
8 Samaria.
9 os. Rodar. Rh.
10 Nau. Lar. Moa.
11 Óstia. Abafo.

VERTICAIS:

1 Gr. SEU. DONO
2 Rua. Lis. Sãs.
3 Asso. Vãs Ut.
4 Osa. Calar.
5 Sasse. Amola.
6 A. Ada.
7 Perus. Arara.
8 Ara. Banir.
9 Rama. Uçá. Má
10 Ada. Ira. Rol.
11 Ada. Ira. Rol

Provérbio: O SEU A SEU DONO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6553

HORIZONTAIS

1 As. Frota. Ac
2 Caria. Orara
3 Atuas Ramal
4 Tampa. Amima
5 Oó. Ab.
6 Cr. Aba. Am.
7 Pa. Unira. Ea.
8 Aroma. Aspas
9 Rera. Aida.
10 Eta. Dor. Cor.
11 Massa. Acaso.

VERTICAIS:

1 Acato Parem.
2 Satã. Careta
3 Rumor Oras
4 Fiapo. Uma
5 Rasa Ana. Da.
6 Obi. Po.
7 Tora. Ara. Ra.
8 Ara. Asa
9 Amiba. Pica.
10 Aram. Meados.
11 Calão. Asaro.

Casas do Povo do Alentejo

No termo da viagem de trabalho que esta semana realizou ao Alentejo, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, presidiu à sessão de encerramento das Jornadas Sociais e Corporativas, no Cine-Teatro «Pax Julia». O dr. Silva Pinto revelou, durante um breve discurso alí pronunciado que se prevê, nos trabalhos preparatórios do IV Plano de Fomento, perto de um milhão de contos para obras de construção e beneficiação de sedes de Casas do Povo, segundo projectos devidamente trabalhados, em ordem à boa realização dos fins de assistência sanitária e da promoção sócio-cultural daquelas Casas.

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência anunciou ainda a criação de mais trezentos infantários e ainda que o subsídio de aleitação será extensivo, a partir do próximo mês de Outubro, aos beneficiários rurais em regime especial.

Lisboa-Porto a 150 minutos de distância

Durante a visita aos trabalhos em curso, na linha do Norte, entre Espinho e Ovar, ontem feita por 30 técnicos da «Comissão para o Estudo da Uniformização e Aquisição de Equipamentos Ferroviários», foi anunciado que as ligações ferroviárias entre Porto e Lisboa começarão a ser feitas à velocidade de 140 quilómetros horários em fins do próximo ano. Assim, a viagem de comboio entre as duas cidades, que presentemente demoram no «foguete» pouco mais de 4 horas, passará a ser muito mais rápida pois prevê-se que o referido percurso possa ser coberto em duas horas e cinquenta minutos.

Para o efeito, a linha do Norte está a ser submetida desde Novembro de 1969 a trabalhos de renovação integral não só da via como do balastro e travessas, trabalhos esses que serão dados por concluídos no final do primeiro semestre de 1974.

Mini-JORNAL

PROJECTISTAS E CONSULTORES

O secretário-geral do 1.º Congresso Nacional de Projectistas e Consultores, que decorrerá em Lisboa, de 7 a 10 de Maio, distribuiu um questionário aos seus membros, para que sobre o mesmo se faça um balanço da actual situação da classe a que pertencem.

TÁXI AÉREO

A TAP inicia no dia 2 um novo período de voos entre Lisboa e a Covilhã, às segundas, quintas e sextas-feiras, com saída da capital respectivamente às 10 e 30, 8 e 17 horas.

CAMPISMO

Integrada nas comemorações do seu 25.º aniversário, o Clube de Campismo do Barreiro efectua amanhã uma visita ao clube de campismo «A Sentinela», de Vila Franca de Xira.

ENTRONCAMENTO

Inicia-se amanhã e durará até ao domingo de Páscoa, a Feira de Abril do Entroncamento, uma das mais importantes da região ribatejana.

SIDERURGIA

Foi assinada a carta-base para a construção da Fábrica Siderúrgica do Norte, a qual implicará um investimento inicial de 800 mil contos.

TRAVESSIA DO GUADIANA

A Empresa de Transportes do Guadiana lançou agora à água um novo barco para a travessia entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, que virá facilitar o trânsito entre aquelas terras fronteiriças.

CÂMARA DO MONTIJO

Numa das suas últimas reuniões a Câmara do Montijo deliberou começar imediatamente uma série de melhoramentos nas estradas pertencentes ao concelho.

LUZ PARA CABO-VERDE

Foi criada, na dependência directa do governador de Cabo Verde, a Comissão de Electrificação do arquipélago, esperando-se que o plano geral abranja todas as ilhas.

ESCANÇÕES

Realiza-se no próximo dia 18, às 16 horas, na Associação dos Escanções de Portugal, Rua Duque de Palmela, 2, a assembleia geral ordinária para apreciação e votação do relatório e contas da direcção.

VOLUNTÁRIOS DA AJUDA

Comemorando o seu 93.º aniversário, a Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda promove, amanhã, várias cerimónias, com início às nove horas.

DL/GERAL

"INVENTIVA" -orgão dos inventores

«E porque se completam hoje três anos sobre a fundação da Associação por dez inventores portugueses, actos semelhantes ao que aqui decorre foram programados para Angola, onde temos a sede, e para Moçambique, onde funciona outra delegação», disse-se na apresentação da nova revista, «Inventiva», órgão da Associação Portuguesa de Inventores.

O director e editor da nova revista é o tenente-coronel A. M. Alves dos Santos. Os assuntos focados neste número do novo bimensário vão desde a «Perspectiva» até à «Informação e Inovação na Indústria». Naquela rubrica, assinada «pelo director», perspectiva-se: «Como não podia deixar de ser, até porque o impõe uma cláusula estatuária, a «Inventiva» incluirá sempre um boletim da Associação».

Encontro de editores e livreiros

. Realiza-se hoje e amanhã, na Filgráfica, o I Encontro de Editores e Livreiros, organizado pela respectivo Grémio Nacional.

O encontro começa às 15 horas, com um debate sobre «problemas da exportação do livro», e continua pela tarde fora com mais os seguintes temas: «Regime Fiscal da Indústria e Comércio do Livro» (às 15 e 45), «Taxas de Correio, Fretes Marítimos e Aéreos» (às 16 e 30), «Organização, Bases de Funcionamento e Dimensão das Empresas Editoriais e Livreiras» (às 17). No domingo o encontro começa às 9 e 30 com o tema «Regime Legal do Livro» e continua até ao meio-dia com os temas «O Editor e os Seus Colaboradores: Autor, Tradutor, Ilustrador e Revisor», «Novas Formas de Comercialização do Livro» e «Revisão do Código dos Direitos de Autor».

Edgar de Carvalho

. Faz hoje cinco anos que morreu repentinamente o nosso camarada Edgar de Carvalho, jornalista de largos recursos, que pelo valor do seu trabalho ascendera à subchefia da redacção do «Diário de Lisboa».

A sua imagem continua bem presente nesta redacção, onde soube conquistar a admiração de todos, pela sua camaradagem e grande noção de solidariedade.

Auxiliar de Laboratório

Com o curso de Auxiliar de Laboratório Químico e Secção Preparatória dos Institutos Industriais e idade não superior a 18 anos, para grande Empresa nos arredores de Lisboa. Transporte assegurado. Resposta indicando idade, classificação escolar e «curriculum vitae», ao n.º 768.

Arquivista de Laboratório

Conhecida Empresa pretende admitir, para Arquivista do Laboratório da sua fábrica nos arredores de Lisboa, jovem com idade não superior a 18 anos. Transporte assegurado. Resposta indicando idade, habilitações literárias e ordenado pretendido, ao n.º 769.

ANTIGA ESCOLA PRÁTICA DE ESTENO
DACTILOGRAFIA

CURSOS DE APTIDÃO PROFISSIONAL

DACTILOGRAFIA EM 2, 3, E 6 SEMANAS

MÁQ. DE ESCREVER E CALCULAR
MECÂNICAS E ELÉCTRICAS
3 TECLADOS

Estenografia em português – 4 semanas

Em Português — Francês — Inglês 6 semanas
GARANTIA E PRÉMIOS DE APLICAÇÃO
AV. ALMIRANTE REIS, 197 — TEL. 46908

STAND MODERNO

R. JOÃO SARAIVA, 15 • AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A
O CONCESSIONÁRIO Ford PARA O SERVIR!
VISITE-NOS E CONTE COM A EXTREMA ATENÇÃO DOS NOSSOS VENDEDORES
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Vem aí
o Mercado Comum
-os dois grandes europeus
já cá estão!
Ford Consul
Ford Granada

O Ford Consul é uma força em elegância. Em espaço. Em mecânica avançada. E tem caixa de velocidades assombrosamente suave. O Ford Granada, você sonhou-o — nós fabricámo-lo. Tem tudo. Pneus mais largos. Jantes desportivas. Faróis de nevoeiro. Assentos anatómicos. Ar quente e frio também para quem vai atrás. Incrustrações em madeira. E ambos com travões de disco e servo-freio. Ambos com suspensão independente às quatro rodas para mais aderência, para mais estabilidade, Segurança total. 2 produtos da Ford Alemã. Diga à sua secretária para ligar para o seu concessionário Ford. Marque a hora que mais lhe convier.

Versões: 2 e 4 portas
Station

CEBA-NCR

PAI, COMPRA UM CARRO MUITO MUITO MUITO SEGURO! Ford à frente!

J. Mendes Coelho, Lda.

O SEU CONCESSIONÁRIO Ford
CONSULTE-NOS

R. GOMES FREIRE, 7-C
TELEF 53 98 01
LISBOA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 6-A
TELEFS 4 61 24 4 61 47

DL/DESPORTOS

As "esperanças" do andebol na Roménia

Pela nona vez Portugal estará presente na Taça Latina de andebol, através de uma equipa de «esperanças»: o torneio principia na próxima 3.ª feira, na Roménia, e para alí partem amanhã os integrantes na comitiva portuguesa.

Antes do mais, salienta-se que esta deslocação somente se torna possível graças ao apoio financeiro da «Cergal» que, da sua verba para fins publicitários, desviou o montante que permite às «esperanças» do andebol actuarem na «Taça Latina». O gesto da «Cergal» é tanto mais para enaltecer porque, num alarde de gentileza, aquela Empresa convidou para acompanharem os jogadores portugueses representantes de diversos orgãos informativos (entre os quais o «Diário de Lisboa») com o propósito da mais ampla divulgação do andebol junto do público. Ideia verdadeiramente de encorajar e de aplaudir, com o cunho e a boa visão de um trabalho «a la longue» que pode beneficiar uma modalidade desportiva verdadeiramente em franca expansão.

A selecção nacional foi escolhida pelo prof. Ângelo Pintado (secundado pelo treinador Armando Campos) e inclui os seguintes jogadores: Carlos Silva e José Luís (Sporting); Vasco Vasconcelos, João Gonçalves e Adelino Calado (Benfica); João Mendes, Luís Hernâni e Joaquim Mesquita (Belenenses); Poças Martins (CDUP); Luís Mota e Manuel Pilar (Técnico); José Agostinho, Armindo Leite e Estevão Lafuente (Académico); Manuel de Sousa (Almada) e Jorge Guimarães (S. Mamede).

A partida terá lugar amanhã, pelas 12 e 50, do Aeroporto da Portela, no voo da «Varig» para Frankfurt, onde a delegação deve chegar pelas 15 e 45. Depois, em avião da «Lufthansa» (pelas 16 e 40) parte para Viena de Austria, onde a chegada está prevista para as 17 e 50 locais. De Viena de Áustria para Bucareste o transporte será em avião da «Tarom»: partida às 20 horas e aterragem prevista para as 22 e 30. Em seguida, de autocarro, serão percorridos os 260 quilómetros que ligam Bucareste a Gh. Gheorgiu-Dej, onde a selecção ficará hospedada (Hotel Trotus) durante a estadia na Roménia.

O calendário de jogos está assim elaborado:

Dia 17: França-Brasil, Espanha-Portugal e Roménia-Itália.

Dia 18: Espanha-Itália, França-Portugal e Roménia-Brasil.

Dia 19: França-Itália, Portugal-Brasil e Roménia-Espanha.

Dia 21: Itália-Brasil, França-Espanha e Roménia-Portugal.

Dia 22: Portugal-Itália, Espanha-Brasil e Roménia-França.

Todas as sessões principiam pelas 17 horas, mas a jornada final efectua-se a partir das 11 e 30. No dia 20 tem lugar o Congresso do Andebol.

Está já escolhido o «capitão» da turma: será o benfiquista Vasco Vasconcelos. Na comitiva seguem, também, o presidente federativo José Gomes Machado, o coordenador Trindade da Silva, os técnicos Abranches Sousa, Eduardo Saraiva, Júlio Damas Paiva, Avelino Baptista, Jaime Carvalheira e Carlos Lisboa (que vão frequentar um curso de treinadores), os dirigentes Hugo Soares e António Freitas (ambos a título particular) e diversos familiares dos jogadores: a garantia de uma pequena «claque» em torno da equipa portuguesa, durante as suas actuações.

Em anteriores edições da «Taça Latina», o nosso País não conseguiu melhor que dois segundos lugares: em Orão (Marrocos), durante o mês de Junho de 1960, e em Lisboa (Julho de 1962) ambos sob a batuta do seleccionador Júlio de Matos Moura, colaborador do nosso jornal de há longa data. Nas restantes presenças, os lugares de Portugal foram os seguintes: 3.º posto em Barcelona (Junho de 1957) e em Madrid (Abril de 1963), 4.º lugar em Bordéus, Agen e Toulouse (Março de 1968), 3.º em Pontevedra (Espanha) em 1969; 3.º em Lisboa (Março de 1970) e, finalmente, 2.º posto em Casablanca (Marrocos) no mês de Abril de 1971.

O regresso da comitiva portuguesa está previsto para 23 do corrente: de Gh. Gheorgiu-Dej até Bucareste (de autocarro) e, depois, pela ligação aérea Bucareste-Paris. Estadia de um dia na capital francesa (Hotel Chateau Frontenac, 54, Rue Pierre Charron) e volta a Lisboa pelas 22 e 05 de 3.ª feira, 24 do corrente.

O «Diário de Lisboa», através do seu enviado especial Neves de Sousa, relatará aos nossos leitores os acontecimentos que rodeiam esta «Taça Latina», que tem lugar na mais nova cidade da Roménia.

Vasco Vasconcelos, «capitão» do «sete» nacional

Matos Gueifão (director da «Cergal») com o enviado especial do «Diário de Lisboa» à Roménia, o nosso camarada Neves de Sousa. José Gomes Machado (presidente federativo) também na imagem, que foi obtida durante a recepção que a «Cergal» deu aos órgãos de Informação e na qual também estiveram presentes os srs. Júlio Borges e Pedro Antunes, daquela importante empresa.

TÉNIS DE MESA

Homenagem aos campeões da Académica da Amadora

A Associação Académica da Amadora homenageou com um jantar, num restaurante da Reboleira, a sua equipa campeã de Lisboa de ténis de mesa (2.ª divisão) na época de 72/73.

Após o repasto, em breves palavras, o dr. Martins Correia (vice-presidente para as actividades desportivas) lamentou a ausência quase total dos quatro mil sócios que a colectividade possui. Lança Conceição (vice-presidente da direcção) agradeceu, por seu lado, as presenças: e desculpou as ausências, congratulando-se depois com a conquista do título. Fernando Fernandes, que representava a secção homenageada, falou da modalidade e dos «seus» problemas, com amplo conhecimento de causa.

Pela Associação de Ténis de Mesa de Lisboa, falou Luciano Camilo. O orador, após felicitar os corpos gerentes e atletas do Clube pela conquista do título, agradeceu a colaboração da Imprensa, fazendo a seguir (e sobre a modalidade que representa) algumas considerações. Sobre o ténis de mesa e a sua prática, achando-o **«...essencial ao desenvolvimento da cultura, do recreio e dos punhos de renda** (educação)». Referiu-se, ainda, às suas influências em determinados meios, como o diplomático. **«Sim, foi** (recordamos) **com a visita de alguns tenistas americanos à China que se iniciou o reatamento das relações diplomáticas entre os dois países».** Terminou, afirmando que sempre é preciso **«saber perder e humildemente saber ganhar».**

A encerrar esta festa de homenagem — usou então da palavra o vice-presidente federativo. Depois de felicitar também os novos campeões, aludiu aos problemas do ténis de mesa entre nós afirmando ainda e a concluir, que **«o nível do ténis de mesa em Portugal é muito baixo: dos mais baixos da Europa!».**

A princesa, o tenente e os cavalos

O tenente Mark Phillips, no cavalo «Gran Ovation» foi o vencedor da prova de dressage, no Concurso Hípico de Badminton.

O tenente Phillips, (que ganhara esta prova nos dois anos anteriores), somou 36,5 pontos e bateu o alemão Helmut Rethmeier, com 32,75 pontos.

A princesa Ana da Inglaterra, no «Goodwill» classificou-se em 20.º lugar, com 53,5 pontos.

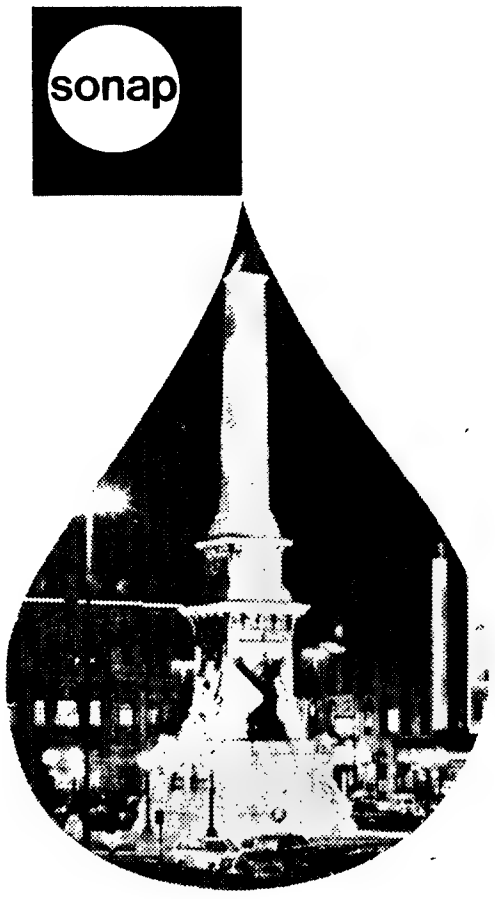
Entretanto, a princesa Ana, tem grandes esperanças em conquistar um bom lugar na prova desta tarde, (Cross-Country), em que é especialista.

"Tostão" e a política

Belo Horizonte (Minas Gerais) 14 — Os futebolistas «internacionais» brasileiros Eduardo Gonçalves Andrade «Tostão», e Wilson Piazza serão candidatos á Câmara Federal de Deputados e de Senadores, respectivamente, nas eleições de 1974, pelo partido da oposição Movimento Democrático Brasileiro — segundo se soube na direcção regional deste partido, em Belo Horizonte.

«Tostão», que actualmente se encontra em Houston (no Texas) a convalescer de uma intervenção cirúrgica à vista esquerda ainda não se pronunciou a respeito da sua candidatura. Quanto a Piazza, parece que aceita a candidatura integrado na lista de Tancredo Neves, que aspira á veleição senatorial.

sonap



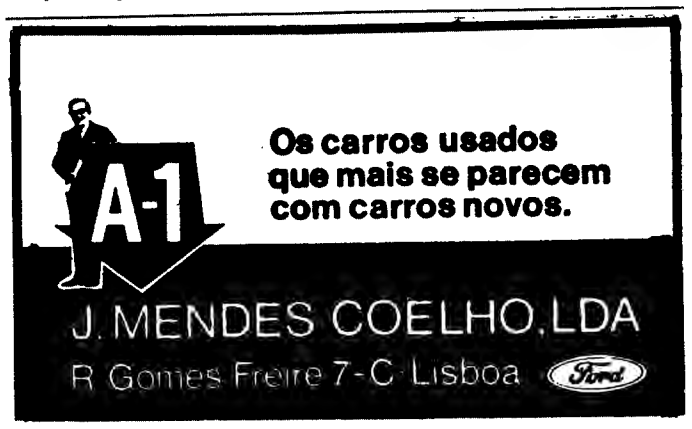
nós somos progresso

por isso, estamos agora, também, nos

RESTAURADORES

com a esli e a GILAUTO

no primeiro PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO.



FUTEBOL

VOLTAM OS CAMPEONATOS

. Com a disputa da 25.ª jornada, os «Nacionais» de futebol das I, II e III divisões voltam hoje e amanhã e chamar os entusiastas do «desporto-rei» aos campos do País. E depois da eliminação da Taça de Portugal dos cirtuais campeões pelos «bebés» de Matosinhos, o pólo de atracção do campeonato maior situa-se precisamente no Estádio do Mar, onde os pupilos de António Teixeira recebem o actual «vice»: o Belenenses. Saliente-se também a visita do F. C. do Porto ao Campo da Tapadinha e a deslocação do Sporting a Aveiro.

Passemos agora em revista os jogos que compõem a ronda nos diferentes escalões:

. I DIVISÃO — C.U.F.-União de Coimbra, Beira-Mar-Sporting, Boavista-Barreirense (hoje, às 16 horas), Leixões-Belenenses, Montijo-Setúbal, Atlético-Porto, Benfica-Tomar e Guimarães-Farense.

II DIVISÃO — Zona Norte — Famalicão-Braga, Fafe-Sanjoanense, Penafiel-Riopele, Gil Vicente-Espinho, Covilhã-Varzim, Lamas-Salgueiros, Oliveirense-Tirsense e Académica-Vilanovense.

Zona Sul — Nazarenos-Portimonense, Olhanense-Almada, Oriental-Seixal, Torres Novas-Caldas, Marinhense-União de Leiria, Peniche-Sintrense, C. da Piedade-Sacavenense e Sesimbra-Tramagal.

III DIVISÃO — ZONA A — Limianos-Régua, Vizela-Valpaços, Avintes-Freamunde, Vianense-Lourosa, S. Pedro da Cova-Esposende, Aves-Leça, Chaves-Torre Moncorvo e Vila Real-Lamego.

ZONA B — Ovarense-Alba, Gouveia-Académico, Vilar Formoso-Ala Arriba, Valecambrense-Desp. Cast. Branco, Febres-Marialvas, Naval-Paços Brandão, Mangualde-Mortágua e Feirense-Anadia.

ZONA C — Alverca-Odivelas, Santarém-Alcobaça, Elvas-Torriense, Casa Pia-Alhandra, Marrazes-Portalegre, Vilafranquense-Bombarralense, Amiense-Campomaiorense e Cartaxo-Almeirim.

ZONA D — Amora-Lusitano V. R., Estoril-Costa Caparica, União Sport-Beja, Vasco da Gama-Estrela, Juventude-Lusitano Évora, Paio-Pires-Aljustrelense, Luso-Silves e Lagos-Moncarapachense.

REGISTO

PAÍS DE GALES

O Cardiff foi o vencedor da «Taça do País de Gales», ao vencer na segunda «mão» da «final», o Bangor, por 5-0. Na primeira «mão», o Cardiff perdera por 1-0.

FRANÇA

Campeonato de França de futebol (1.ª divisão): Marselha-Red Star, 2-1; Nimes Lyon, 3-1; Bordeus-Nancy, 3-1; Ajaccio-Rennes, 2-1; Reimes-NAntes, 2-1; Estrasburgo-FC Paris, 2-0 e Angers-Bastia, 3-0;

. Classificação geral: 1.º Marselha, 42 pontos, 31 encontros, 56 golos marcagos e 28 sofridos; 2.º Nantes, 42/31/52/29 E º:º Nice, 39/30/55/31.

CASTIGOS

Rescaldo da agressão do alcantarense Leitão a um adversário no decorrer do jogo particular Luanda e Benfica-Atlético: três jogos de suspensão. Mais castigos federativos: suspensão por um jogo ao guarda-redes Melo (da Académica) e repreensão ao cufista Juvenal e ao farense António Luís.

BENFICA

A reserva do Sport Lisboa e Benfica vai excursionar: de 12 a 25 de Junho estará em campos norte-americanos, para efectuar cinco exibições contra adversários locais.

PORTO

Problema com o excelente argentino Herédia: uma tendinite no joelho direito impede-o de treinar. Ao mesmo tempo, Riera estuda com os dirigentes da Grande colectividade nortenha a renovação do seu contrato.

SALGUEIROS

Alterações no futebol salgueirista: o treinador Trindade Gomes cede o posto aos futebolistas Reis e Francisco Baptista, passando apenas a ocupar-se dos praticantes juvenis. Por seu lado, o departamento futebolístico do clube passa a estar entregue aos dirigentes Lino Pereira, António Barbosa da Costa e Antero António de Carvalho.

TAÇA DE ESPANHA

O Atlético de Madrid venceu (por 1-0) o Espanhol, na primeira «mão» dos 16 avos de final da «Taça da Espanha», disputada ontem à noite no Estádio Vicente Calderon». O golo foi marcado por Irureta (aos 60 m8inutos) ao receber, na posição de extremo direito, um centro de cabeça de Garate.

O árbitro andaluz Navarrete anulou um golo a Luis (aos 75 minutos) ao ordenar que se repetisse pela terceira vez um «livre directo».

VASCO DA GAMA

O Vasco da Gama derrotou ontem o Madureira (por 3-1) em desafio da 6.ª jornada do campeonato de futebol do Rio de Janeiro. Classificação actual: Flamengo, 11 pontos/6 jogos; Vasco da Gama, 10/6; América, 9/6; Botafogo, 9/5; Fluminense, 8/6; Bomsucesso, 6/6; Bangu, 5/5; Madureira, 5/6; Olaria, 4/6; Campo Grande, 2/6; Portuguesa, 1/6 e São Cristovão, 0/6.

ÚLTIMAS

Luis Ocaña venceu a «Volta ao País Basco». Tal como se previa, o melhor português foi o benfiquista Fernando Mendes, que se classificou na 11.ª posição, a 8 minutos e 1 segundo do «camisola amarela».

Na etapa de ontem, o primeiro foi Perurena, tendo Fernando Mendes alcançado uma excelente nona posição, a 1 minuto e 29 segundos. Na geral, Venceslau foi o 14.º, José Martins o 15.º, José Gualdamez o 27.º e José Pereira o 37.º. Por equipas, o Benfica-Coelima ficou na 5.ª posição.

MARIA JOSÉ SOBRAL EM FRANÇA

Acompanhada do seu treinador Rui Mingas, partiu pra França a atleta «azul» Maria José Sobral, que participará ali num estágio que visa sessões de treino, observação médica e técnica em ritmo intenso. O regresso da atleta belenense (prémio «revelação» do C.N.I.D. 1972) está previsto para o próximo dia 23.

SELECÇÃO DE BASQUETEBOL

O seleccionador nacional, professor Teotónio Lima, indicou já à Federação Portuguesa de Basquetebol, a lista dos convocados com vista à formação da selecção nacional que irá disputar em Szomatalhely, na Hungria, a fase preliminar (grupo B) do Campeonato da Europa. Os jogadores indicados pelo professor Teotónio Lima, são os seguintes: Leonel, Paulo Pratas do Benfica; José Carlos, Béto e Encarnação, do Sporting; Baganha, da Académica; Joaquim Neves, da Académica de Moçambique; Kwen Qui, do Atlético Chinês da Beira e, ainda, Nelson, Mário Albuquerque e Rui Pinheiro do Sporting de Lourenço Marques.

Estes jogadores deslocar-se-ão na próxima semana (dias 18 e 19) a Madrid, a fim de tomarem parte no Torneio Comemorativo do 25.º aniversário do Clube Estudiantes, cumprindo assim parte do plano de preparação previsto pelo seleccionador nacional.

HÓQUEI EM PATINS

O seleccionador nacional Torcato Ferreira, acaba de chamar aos treinos da selecção nacional de hóquei em patins, o médio Rosado do Oeiras, que assim empresta toda a sua experiência à preparação dos seleccionados. Entretanto, amanhã, 2.ª e 3.ª feira, realizam-se mais sessões de treino, mostrando-se o treinador nacional bastante satisfeito com a forma como todos os jogadores colaboram nos trabalhos.

Com vista aos trabalhos preparativos da selecção que estará presente na Alemanha, na defesa do título europeu, conta Torcato Ferreira deslocar-se no próximo mês de Maio a Angola, para observar os jogadores daquele Estado. Quanto a Moçambique, aguarda Torcato Ferreira informações de um colaborador, convidado especialmente para pré-seleccionar os jogadores moçambicanos.

Entretanto está completamente assegurada a presença da selecção nacional em Réus, no próximo dia 26, na festa de homenagem a Sabater. A selecção nacional defrontará o «cinco» espanhol.

NATAÇÃO

Na jornada de ontem (a 2.ª) da Taça de Portugal que se está a realizar em Luanda, foram batidos mais 14 «records» nacionais. Na classificação geral, a representação metropolitana segue à frente com 78 pontos, seguida da de Moçambique com 65 e da de Angola com 51.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria Loureiro», Avenida 5 de Outubro, 26 SETÚBAL

NOTÍCIAS E FACTOS

HÓQUEI EM PATINS: «Tudo continua como desde o primeiro momento. Se o Governo Geral de Angola garantir as passagens das selecções entre Lisboa e Luanda e volta, o Campeonato do Mundo de 1974 será disputado na capital do Estado de Angola» — disse-nos José Castel Branco (presidente da Federação) àcerca das notícias ultimamente vindas a público.

BRIDGE: O Núcleo de Bridge do Clube de Ténps do Estoril organiza, hoje e amanhã, um torneio de pares, a nível nacional.

TIRO AO VÔO: Organizado pelo Moura Atlético Clube, realiza-se amanhã, no «stand» daquela vila, um torneio de tiro ao vôo, compreendendo três provas: Abertura, Moura A.C. e Encerramento.

PESCA DESPORTIVA: O Clube Desportivo da Póvoa do Varzim organiza do próximo dia 19 de Junho, o VII Grande Concurso Internacional, no qual estão já inscritas representações da Espanha, França, Holanda e Itália.

XADREZ: Renato Figueiredo comanda a classificação da «Taça Castro Rodrigues». Seguem-se-lhe Michael Diamon e Correia Lopes, com o mesmo número de pontos: 5,5.

RÂGUEBI: Principiou ontem, em Coimbra, o I Torneio Internacional da Páscoa, organizado pela Associação dos Estudantes do I.S.T. e pela Associação Académica de Coimbra. A segunda e última jornada decorrerá no domingo, no Estádio Universitário de Lisboa, com a seguinte ordem de jogos: Académica-Racing e Técnico-Ibos.

SUBSÍDIOS: A Câmara Municipal de Loures acaba de conceder os seguintes subsídios: ao Sacavenense (50.000$00), ao Atelético de Moscavide (50.000$00), ao Clube de Santo António dos Cavaleiros e ao Grupo Recreativo Bobadelense (20.000$00) e ao União de Santa Iria, ao Zambujalense, ao Atlético do Tojal, ao Loures, ao Montachique, ao Odivelas, ao Clube de Futebol de Santa Iria, aos Bucelenses, ao Águias de Camarate, à Sociedade de Caneças, ao Lousã, ao Ponte de Frielas, ao Prior Velho, ao Olival de Basto, ao Povoense, ao Pinheiro de Loures, ao União da Pontinha e ao Sport Clube de Frielas, um montante de 260.000$00 a dividir igualmente por todos estes clubes.

ANDEBOL: Principia na próxima 5.ª feira a VI Taça Nacional de Juvenis, fase final.

CAMPISMO: O Clube de Campismo do Porto leva a efeito neste fim-de-semana, o seu tradicional acampamento do Juventude, no lugar do Salto, Aguiar de Sousa.

HIPISMO: Principia amanhã a temporada hípica no Algarve, com a disputa de corridas de cavalo e trote atrelado, nas instalações de Vilamoura.

VOLEIBOL: E o seguinte, o programa geral das comemorações do 25.º aniversário da Federação Portuguesa de Voleibol: Dia 20, Portugal-Luxemburgo (Seniores), no Pavilhão do Lima pelas 22 horas; dia 21, Portugal-Luxemburgo (juniores), no Pavilhão de Braga pelas 22 horas; dia 22, Portugal-Luxemburgo (seniores) no Pavilhão de Barcelos pelas 22 horas; em data a indicar, Portugal-Espanha (femininos), no Pavilhão de Guimarães; em data também a indicar, Portugal-Espanha (femininos) no Pavilhão de Braga; dia 19/5, Sessão solene das comemorações na casa do desporto e banquete comemorativo.

VELA: A Associação Portugesa da «Classe 420» continua sem saber se participará ou não no V campeonato Ibérico, que teraá lugar em Torrevieja (Alicante) de 19 a 22 do corrente. Lembra-se que os três primeiros campeonatos foram ganhos pelas representações nacionais.

CICLISMO: Disputa-se amanhã a segunda prova contra-relógio do Campeonato Regional de Fundo. A partida do primeiro ciclista está prevista para

Apelo à disciplina

Da Federação de Futebol recebemos o seguinte comunicado:

Na sequência do que se verificou na época passada, a indisciplina tem, infelizmente, continuado a imperar nos campos de futebol.

Numa tentativa de evitar que isso venha a acontecer neste final de época, dirige-se um apelo urgente a todos os dirigentes das associações e dos clubes, aos treinadores, jogadores e espectadores, lembrando que o «desportivismo» e a unica força capaz de manter, para o futebol, os muitos milhares de entusiastas que este desporto tem conseguido grajear. O mesmo apelo é dirigido à imprensa e outros órgãos de comunicação social, na convicção de que muito poderão fazer no sentido de elevar o espírito desportivo, a compreensão e o respeito que são apanágio de todos os que, de alguma forma, intervêm no fenómeno.

Dentro deste espírito, entende-se da maior urgência formular as seguintes recomendações:

AOS DIRIGENTES DAS ASSOCIAÇÕES E DOS CLUBES

Providenciam todos por que o comportamento dos jogadores seja sempre correcto e desportivo;

Quando se trate de jogos «em casa», procurem assegurar o concurso de um serviço de ordem adequado ao encontro em causa;

A segurança e boa hospitalidade dos visitantes (dirigentes e jogadores da equipa contrária e componentes da equipa de arbitragem) devem ser totalmente garantidas;

Velem pelo cumprimento das disposições em vigor sobre a qualidade e embalagem de bebidas.

AOS TÉCNICOS E JOGADORES

Respeitem as leis do jogo e as regras do desportivismo;

Aceitem sem reclamações as decisões dos árbitros;

Os «capitães» de equipa têm o dever de apoiar os árbitros no exercício das suas funções;

Abstenham-se de acções susceptíveis de provocar o adversário ou o público.

AOS ESPECTADORES

Não levem para os estádios garrafas de vidro, nem as utilizem no caso de ali se encontrarem à venda;

Não atirem objectos para o terreno de jogo, sejam de que material forem;

Sob que pretexto for, não penetrem no rectângulo, antes, durante ou depois do jogo;

Mantenham nos limites do desportivismo as manifestações de alegria ou de desagrado;

Sejam os primeiros a não permitir que a conduta incorrecta de uma minoria os prive de assistir a um jogo que têm o direito de ver até ao fim;

Ajudem a vossa equipa, apoiando o serviço de ordem no exercício dos seus deveres;

Não esqueçam que cada um tem uma quota de responsabilidade no que se refere à reputação ou bom nome da equipa de que são adeptos.

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	6-4-73	13-4-73	Desvio %
GERAL	365,4	346,9	— 5,1
METROPOLITANAS	376,3	363,5	— 3,4
Bancárias	862,1	827,4	— 4,0
Eléctricas	119,7	98,1	— 18,0
Industriais	399,4	419,2	+ 5,0
Diversas	343,2	321,2	— 6,4
ULTRAMARINAS	285,2	225,2	— 21,0
Angolanas	287,8	22,8	— 22,6
Moçambicanas	255,5	252,8	— 1,1

SENSACIONAL REMODELAÇÃO

HOJE

ÀS 20.45 e 23 H.

ESTREIA DE 10 NÚMEROS NOVOS NO TEATRO MARIA VITÓRIA

Henrique Santana em «Um tordo no telhado»

Na melhor REVISTA de sempre

Original de ANÍBAL NAZARÉ, JOÃO NOBRE, HENRIQUE SANTANA E HENRIQUE PARREIRÃO

CA' VAMOS PAGANDO E RINDO...

Música de: JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

GRUPO D 18 ANOS

UM SUCESSO AINDA MAIOR, com:

● SALVADOR ● IVONE SILVA ● BARROSO LOPES ● VÍTOR MENDES ● HELENA CARDINALI ● JÚLIO CÉSAR

A atracção nacional: ● CIDÁLIA MOREIRA

A atracção sul-americana ● VERA SANDERS

Pela primeira vez em revista

● HENRIQUE SANTANA

e a espectacular atracção mundial

«O AVIÃO MALUCO»

Amanhã ● Domingo

● «Matinée às 16 horas ●

2.ª-feira há espectáculos

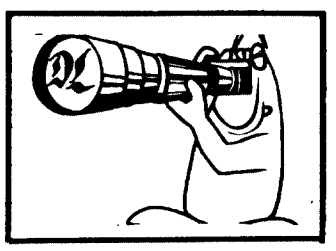
(O descanso será 6.ª-feira Santa)

Uma produção de: Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

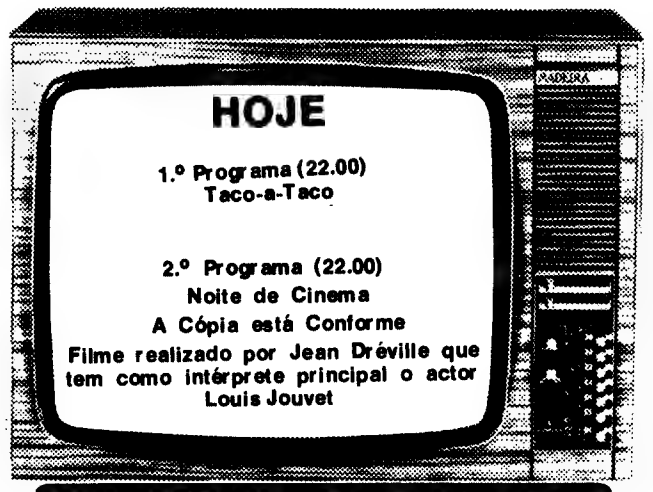
VIVENDAS

VENDEM-SE

NOVAS, de luxo, na Rua Marquês de Soveral, Lote 6 (esta rua é última à esquerda no fim da Av. Marechal Carmona), em Cascais. Vende-se quintarola perto do Estoril, com pinheiros, oliveiras, árvores de fruto, vinha e toda murada, não tem casas, local sossegado e aprazível, preço 550 contos e Andar a 50 metros da praia e Marginal, local maravilhoso da Linha do Estoril, preço 550 contos. Estão empregados todos os dias nas moradias de Cascais que mostram tudo. Vende-se vivenda próximo ao Colégio Marista, Carcavelos, nova, não é de luxo, está empregado no local que mostra. Vende-se prédio de rendimento, óptima construção e acabamentos, preço 8.000 contos sujeito a oferta. Vende-se herdade, não está coutada, junto a povoação com electricidade, estrada alcatroada, correio, telefone, etc., serve para exploração agro-pecuária, grande vacaria, indústria, etc., fica a 100 km de Lisboa, preço 4.200 contos, e outra herdade coutada, esplendida casa antiga de habitação, muitos edifícios para pessoas, gados e armazéns, estrada alcatroada, telefone, distribuição de correio diária, rendimento à base de grandes: pomares, olivais, eucaliptais, regadio, pastagens e searas. Óptima para férias, fins semana (não fica muito longe de Lisboa), caça, pesca, desportos náuticos em barragem, etc. Preço 11.500 contos, sujeito a oferta. Trata a firma construtora das moradias e prédio e proprietária de tudo (não é intermediária, pode provar) TECNICIMENTO — Sociedade Geral de Construções, Ld.ª, Av. 5 de Outubro, 31, r/c. T—539773 e 539774, 9.30 às 12.30 e 14.30 às 18.30, Lisboa-1. (Ou T—284879 de Cascais e 2475240 de Carcavelos, só quando o escritório está fechado). Também está interessada em comprar terreno para urbanizar ou já urbanizado com ou sem projectos aprovados, para prédios, moradias, armazéns e indústrias, em Lisboa e arredores, Linha do Estoril e Outra Banda. Também compra, nas mesmas zonas, terreno para estaleiro de máquinas e materiais, serve mesmo quinta ou terra de mato ou de cultivo. Repete-se que não é intermediária.



televisão



MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Dó, Lá Si
14.20 Hoje pode ver
14.25 TV Educativa
14.50 Eurovisão. Râguebi — transmissão directa do encontro Irlanda-França para o torneio das Cinco Nações
16.35 Daniel Boone
17.35 Nós as mulheres
17.50 As flores e o seu mundo
18.15 Danças e cantares
18.40 O mundo à nossa volta Mistérios da Vida Animal
19.30 Telejornal — 2.º Edição
19.40 E a Vida Continua ..
20.00 Movimento
21.00 Se bem me lembro
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Taco a Taco
23.45 Telejornal — 4.ª Edição
23.50 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados
20.45 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Noite de cinema. A Cópia está Conforme e Fecho

AMANHÃ

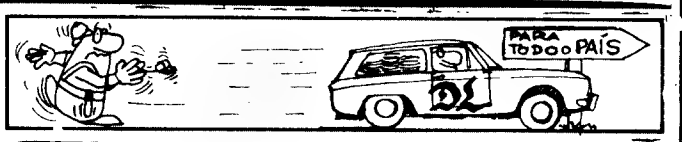
1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e Missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª Edição
14.00 Hoje pode ver
14.05 TV Educativa
14.30 Tarde de cinema — «As Chaves do Reino» (Keys of the Kingdom) Realizado por John M. Stahl em 1944. Intérpretes: Gregory Peck, Thomas Mitchell e Roddy McDowall
16.50 TV Infantil
17.30 Reportagem do exterior
19.00 TV Rural
19.30 Telejornal — 2.ª Edição
19.40 A gruta das fadas. Série juvenil. 4.º episódio
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto à força
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Domingo à Noite
23.45 Domingo desportivo
00.00 Telejornal — 4.ª edição
00.05 Fecho

2.º Programa

20.30 «Regresso de Lucy», com Lucille Ball
21.00 Dó, Lá, Si. Apresentação de Maria José Guerra
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia
22.50 Concerto
23.20 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco de Leste e o céu estava pouco nublado ou limpo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	14º
P. DOURADAS	7º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	15º
FARO	17º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade e Anadia
Máxima 23,5º
Montalegre
Mínima 1,0º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 16º
Atmosfera 13,6º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.40	3,7 m	7.40	1,0 m
14.10	3,6 m	19.54	1,1 m

Dia 15

2.29	3,8 m	8.21	0,9 m
14.54	3,8 m	20.35	0,9 m

Dia 16

3.13	3,9 m	8.57	0,8 m
15.35	3,9 m	21.12	0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco de Leste; subida de temperatura.

AMANHÃ

NASCER ÀS 7.00
OCASO ÀS 20.14

DIA 17 DIA 25 DIA 2 DIA 9

CETEL

Centro de Estudos Técnico-Económicos

estudos economicos · organizacao · informática · marketing

rua de ponta delgada, 80 - 1º - lisboa 1

Selecciona para empresa sua cliente ligada a importante grupo industrial

CHEFE DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

OFERECE-SE:

— Bom ambiente de trabalho integrado em equipa jovem
— Boas possibilidades de formação e acesso
— Remuneração compatível

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA:

— Experiência mínima de 2 anos
— Capacidade de organização e chefia
— Bons conhecimentos de assuntos de pessoal
— Cultura universitária

Resposta por escrito detalhado para CETEL - Selecção de Pessoal, REF.ª 73 DSP118.

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário — rádio educativa — auditório juvenil
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 Emissão infantil, por M.ª Madalena Patacho
18.35 Música, só música
19.10 Música portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.20 O organista Ernie Bouckaert
20.30 Conjuntos
21.00 Momento 73
21.30 Aperitivo musical
21.45 1.ª parte de um espectáculo de variedades realizado no Barreiro
22.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Nova noite, nova luz, pelo Rev. Padre José Teodoro Marques
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria
02.00 Fecho

2.º Programa

16.10 Sinfonia n.º 5 em si bemol maior (Bruckner)
17.30 Canções sem palavras n.ºs 17 e 24 (Mendelssohn)
18.00 Conjuntos instrumentais
19.00 O maestro Wilhelm Furtwangler
20.00 Diário sonoro
20.20 Trechos de óperas, obras de Auber, Puccini e Mussorgsky
20.45 Panoramas da História, pelo dr. João Ameal
21.00 Quarteto n.º 2 em dó, op. 36 (Britten) Quarteto Amadeus
21.30 Filatelia, pelo dr. Silva Gama
21.40 Interpretações históricas: «Rosamunde» op. 26 (música de cena) (Schubert)
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Rádio Placard
21.15 Hora luterana
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Êxitos do disco
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiário — programa à gô-gô (cont.)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

17.00 Noticiário — CDC (cont.)
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02 Genérico
21.05 Minuto 5
21.35 A orquestra de...
21.45 Hora luterana
22.02 O arauto da verdade
22.16 O mundo de amanhã
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.05 Programa Carruagem
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 19.00 (jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença)
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Grande Prémio
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.00 A 23ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Radio Voz de Lisboa
06.00 às 10.00 e 19.30 às 22.00
Clube Radiofónico de Portugal
10.00 às 12.00 e 22.00 às 04.00
Radio Graça
12.00 as 14.30
Radio Peninsular
14.30 às 19.30

LISBOA

TURNO 1-1

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A (Telef 636620).
ALCÂNTARA
Vieira da Rosa, R Prior do Crato, 74 (Telef 660137)
ALFAMA
Pereira, Rua do Paraíso, 98 (Telef. 863224)
ALMIRANTE REIS
Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (Telef 45751)
ALVALADE
Sanez, Av. da Igreja, 31-C (Telef. 717505)
AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Telef. 731478)
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Telef. 41845)
BAIXA
Valadas, Rua da Madalena, 235 (Telef. 872060)
BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (Telef. 611454)
BENFICA
Ribeiro, Estrada da Luz, 199 (Telef. 780969)
CAMINHOS DE FERRO
Conceição, Calcada D. Gastão, 30 (Telef. 381279)
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Telef. 686640); **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 1-9 (Telef. 662838)
CONDE REDONDO
Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 73 (Telef. 42239)
JANELAS VERDES
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telef. 691054)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)
MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp. 52-C (Telef. 43409)
OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais-Sul) (Telef. 313610)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395)
S. BENTO
Confiança, Praça das Flores, 59 (Telef. 690401)
S. PAULO
Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (Telef. 369120)
SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Telef. 761035)

TURNO 1-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusiadas, 30 (Telef. 630704)
ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (Telef. 728277)
ALVALADE
Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (Telef. 721409)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, (às Galinheiras) (Telef. 790969)
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (Telef. 44995)
BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94 (Telef. 321534)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte 11 (Telef. 311216)
BAIXA
Brites Moita, Praça da Alegria, 27 (Telef. 321149). **Cortez,** Rua de S. Nicolau 93 (Telef. 325378).
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193); **Belém,** Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Telef. 638193)
BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (Telef 704828)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua Maria Pia, 358-A (Telef 686176)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Telef. 684424 Rua Maria Pia, 358-A (Telef 686176)
ENTRECAMPOS
S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (Telef 771469)
ESTEFÂNIA
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (Telef 534027)
ESTRELA
Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (Telef. 669485); **Rodrigues e Aires,** Rua da Lapa, 54 (Telef 662246)
GRAÇA
Branquinho, Rua de Sapadores 87 (Telef. 842725)
INTENDENTE
Intendente, Largo Pina Manique, 50-51 (Telef. 47838)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Telef. 794174)
SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (Telef. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Telef. 260087)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170)
Nova, Est. de Alvide, Fontaínhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518)
Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303)
Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613)
S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (Telef. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045)
Correia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel 980456) 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Telef. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2073035)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef 270254)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)
SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia, (Telef. 22488)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8. **Martino, Sucr.,** Praça Marq. de Pombal, 122. **Pombeiro,** C. Mártires da Pátria, 152. **Prelada (da)** ; R. Central de Francos, 316. **S. Roque da Lameira,** R. S. Roque Lameira, 1111. **Sá da Bandeira,** R. Sá da Bandeira, 236.

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227. **Campo Alegre,** R. do Campo Alegre, 723. **Ferreira da Silva,** R. dos M. da Liberdade. 150. **Peninsular,** R. Chã 100-102. **S. Lázaro,** Av. Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961), **Donato,** Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603), **Rainha Santa,** R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 24737)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15.00 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
11.ª Semana
Technicolor Barba Streisend e Ryan O'Neal em QUE SE PASSA DOUTOR. Rua Castilho Metro Rotunda Estacionamento Parque Castil
MONUMENTAL (Tel 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D 18 anos)
3.ª Semana
«O CASO VALACHI» Charls Bronson e Lino Ventura. Realização de Terence Young.
Hoje às 24.15
(Grupo D 18 anos)
Quinze minutos depois da meia noite Selecção na Madrugada». Um filme de Alain Tanner «O ULTIMO A RIR» Francois Simone e Marcel Robert
SATÉLITE (Tel 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Um filme de António Pedro Vasconcelos «PERDIDO POR CEM...» com José Cunha, Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins. Às 00.15 «PERDIDO POR CEM»
IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo C 14 anos)
2.ª semana. Cantinflas com «DOM QUIXOTE» Cavalga de novo.
(Metro: Alameda)
ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Color - Um filme de Jan Kadar «MULHER À DERIVA» Com Rade Marcovic e Milena Bravic
(Metropolitano: Alameda)
CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss «A GRANDE VALSA» Com Horst Bucholz, Mary Costa e Nigel Patrick - Panavision-Metrocolor
MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
3.ª semana de êxito. Richard Burton, Romy Schneider e Alain Dejon na recente obra prima de Joseph Losey «O ASSASSINATO DE TROTSKY» um dos mais discutidos e apaixonantes do nosso século. À noite o filme é exibido sem qualquer interrupção.
Às 00.30 (M. 18 anos) Ciclo «Sorrisos na madrugada» «O DIABO À SOLTA» Com Yves Montand e Maria Schell na impagável comédia
AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) - 2.ª Semana «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ»
15.30
(Grupo B - 10 anos)
«MELODIA INCOMPLETA»
ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
A mais poderosa obra prima de John Huston «CIDADE VISCOSA»
Hoje às 00.30 «Cinema fora de horas» «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ»
(Grupo B - 10 anos)
EUROPA (Tel 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor - 5.ª Semana - Um filme de José Giovanni «O BANDIDO BEM AMADO» com Jean Paul Belmondo e Claudia Cardinale
15.15«QUEGATINHARE-NHAU-NHAU»
(Grupo B - 10 anos)
Tardes infantis
(Grupo A - 6 anos)
Hoje às 18.15 - Um filme original que diverte crianças e adultos «CHITTY CHITTY BANG BANG» Veja o carro que voa e outras fantasias
VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Eastmancolor. Um filme de Claude Chabrol «A CASA DOS DESEJOS» Com Jean-Paul-Belmondo e Mia Farrow.
Hoje às 00.30 - Meia Noite fatástica
(Grupo D - 18 anos)
«FRANKENSTEIN, CONQUISTADOR DO MUNDO» Com Nick Adams
Amanhã às 11.00
(Grupo A - 6 anos)
«O COMBOIO QUE LEVA SAUDADES» de Lionel Jeffries
CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.14, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Colorido. As seduções libertinas e o amor conugal. O filme de ERIC Rohmer. «O AMOR ÀS 3 DA TARDE».
Hoje às 24.15
(Grupo B - 10 anos)
«PLAY TIME VIDA MODERNA» com Jacques Tati
RESTELO (Tel. 610375)
15.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Em continuação de estreia - O filme premiado com 3 óscares da Academia «O PADRINHO»
ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo B (10 anos)
Eastmancolor «OS MALUCOS DO ESTÁDIO» Les Charlots - Paul Preboist Martine Keely
Circulo de cinema - Hoje às 00.30
(Grupo D - 18 anos)
Ante-estreia do filme de Michel Cacoyannis «AS TROIANAS» Com Katherine Hepburn, Vanessa Redgrave e Irene Pappas
CASINO (Tel 2642/164949)
18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«OS PIRATAS DO AR»
ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C 14 anos) 4.ª semana
Uma sensacional e explosiva novidade espectacular como nunca se viu igual «O INVENCÍVEL» Com Bruce Lee - Um fenómeno de judo e karate
IMPERIAL (Tel 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D 18 anos)
«O PADRINHO» melhor actor melhor filme, melhor argumento
EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
2.ª Semana. Cantinflas em «DOM QUIXOTE» (Cavalga de novo)
APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo B 10 anos)
2.ª semana
Technicolor. Jerry Lewis «O HOMEM DAS MULHERES»
Hoje às 24.00 - Meia Noite Fantástica
(Grupo D - 18 anos)
«150 MIL MILHAS ACIMA DA TERRA» De Richard Carlson
Amanhã às 11.00 - Manhã Infantil (Grupo a - 6 anos) «BAMBI» de Walt Disney
ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª Semana «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hiel e Bud Spencer.
POLITEAMA (Tel. 326303)
15.15, 18.15 e 21.45
(Grupo D 10 anos)
Terence Hill e Bud Spender «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA». Pancadaria e explosões de alegria. Vale tudo.
BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo B 10 anos)
Technicolor. Gigantesco? «O MAIOR ESPECTÁCULO DO MUNDO» com Charlton e James Stewart
Hoje às 00.30 Cowboy da meia-noite
(Grupo D - 18 anos)
«SHALAKO» com Sean Connery e Brigitte Bardot
ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O PECADO» e em complemento «SERAFINO»
TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos) 2.ª Semana
Technicolor. Panavision. A última palavra sobre o amor... «SEGUE-ME QUERIDO». Topol-Mia Farrow.
S. JORGE (Tel. 54151)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
Êxito em 4.ª semana
Um filme superior «ROMA DE FELLINI»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»
A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pró menino e Prá menina»
MARIS VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»
LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Príncipe e a corista»
MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»
CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Oh papá, pobre papá»
VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os Amigos»
CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, Nunca! Somos Britânicos»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«O Padrinho»
OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«A maior proeza do Oeste»
JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«O Dossier Andersen»
MAYER
21.30 (14 anos)
«Deus perdoa... eu não»
PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«As duas rainhas»
MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«À margem da lei»
PARIS
21.00 (18 anos)
«O Padrinho»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 (10 anos)
Luzes da cidade
PAREDE
Royal Cine
21.15 (18 anos)
«Os incorruptíveis contra a droga»
ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (14 anos)
Os Piratas do ar
Palacio
21.30 (18 anos)
O esquadrão da morte»
CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Cabaret» (Adeus Berlim)

LINHA DE SINTRA

DAMAIS
D. João V
21.30 (10 anos)
«A Colina dos sarilhos»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Waterloo»
QUELUZ
Queluz-Cinema
21.15 (14 anos)
«Terra Sangrenta»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«Bom funeral amigos paga Sartana»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«O Rapto da Matilde»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (14 anos)
«Santo contra os assassinos da Mafia»
ALMADA
Incrível
21.15((«/ANOS)
«Dois irmãos num lugar chamado Trinitá»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Os noivos da minha mulher»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«O Rio da violência»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«História de uma traição»
BARREIRO
Cine Barreirense
21.00 (18 anos)
«Mocidade sem freio»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«O espertalhão»
SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Ringo o cavaleiro solitário» e Herói no Texas»
PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«A tomada do poder por Luís XIV»
JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Um raio de luz»
S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»
ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«Dom Quixote cavalga de novo»
VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«A mania das grandezas»
RIVOLI
21.30 (10 anos)
«A grande valsa»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Um príncipe nas lonas»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Caso Valachi»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Em nome do povo italiano»
TRINDADE
21.30 (10 anos)
«Tchaikovsky»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (10 anos)
Festival Universitário de coros»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Desencontro»
AVENIDA
21.00 (18 anos)
«A Papisa Joana»
SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«O gladiador de Roma»

BARS BOITES

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34959-365167.**

EL CIDE — **Dancing** com variedades. Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo). **Telef. 560538.**

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DiBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

SAUDOSISMO ENGAIOLADO

Metido num andar, parte de casa ou num simples quarto, o citadino mantém a saudade da Natureza que perdeu. Por isso leva a Natureza para casa, em vasos ou em gaiolas. Nas própriamente ditas enfia pássaros, nas varandas mete os cães, o que é uma outra maneira de os engaiolar.

Saudosista da Natureza, o citadino não repara ou repara com muita dificuldade em que ele próprio está numa gaiola. So quando se dá conta disso percebe que caminhamos, angustiados, para uma sociedade esquisita: a sociedade dos homens engaiolados.

Entre a floresta de cimento que se vai adensando, pode ver-se de vez em quando o cavalo de bronze de uma estátua.

M. de A.

Assistência mais cara para os bancários

Com a aprovação da tabela três, com emendas, proposta pela direcção, terminou ontem a Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato dos Bancários de Lisboa destinada a deliberar sobre os aumentos das consultas no posto clínico privativo do organismo, a qual começara no dia 10.

Os aumentos agora aprovados devem-se à necessidade de fazer face a maiores encargos por parte do organismo, devido especialmente aos aumentos de honorários pedidos pelos médicos que prestam serviço no posto.

As emendas aprovadas à tabela três — considerada pela direcção aquela que mais vantagens poderá oferecer sob o ponto de vista financeiro para o organismo — foram propostas por dois associados e tinham em vista aumentar um pouco mais a contribuição dos sócios nos preços das consultas no posto e nas visitas domiciliárias. Todavia, no que se refere ao preço das consultas no posto, a Assembleia estava extremamente dividida, de tal forma que houve necessidade de dividir a plateia da Voz do Operário em «prós» e «contras», no meio de muita demora e muita dose de humor. Finalmente, a plateia da esquerda ganhou por diferença de seis votos...

As consultas ficaram assim fixadas em 20$00, e as visitas domiciliárias em 50$00, quer para os dos arredores.

Visitas do Presidente do Conselho

O Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, visitou ontem à tarde a exposição de Rodin patente na Fundação Gulbenkian bem como os trabalhos da pintora Maluda, expostos também a partir de ontem nas salas da Fundação.

Durante a manhã, o Chefe do Governo visitara demoradamente a Filgráfica, mostra de artes gráficas patente nos pavilhões da Junqueira.

PORTUGUESES DA ÁFRICA DO SUL CONVIDADOS DO B. N. U.

O Banco Nacional Ultramarino ofereceu, ontem, um almoço nas suas instalações em Lisboa, a várias entidades que vieram até nós, integradas no 2.º Vôo Boeing 747 B-TAP Joanesburgo-Lisboa.

Entre os convidados, contavam-se diversos elementos do nosso Corpo Consular na África do Sul e destacadas personalidades da comunidade portuguesa nesse país.

Estudantes multados

Durante os distúrbios que se verificaram há cerca de uma semana, junto da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, vários estudantes foram conduzidos para o comando da P. S. P., onde foram devidamente identificados e, de seguida, postos em liberdade.

Muitos dos estudantes identificados receberam já avisos para efectuarem o pagamento da multa indivisional no valor de 1500$00, nos termos do Decreto Lei 450/72.

NOTAS POLÍTICAS

CONTA GERAL DO ESTADO RELATIVA A 1972

. . Vai ser publicada brevemente no «Diário do Governo» a conta provisória do Estado relativa a 1972, elaborada pelo Ministério das Finanças, através da Direcção-Geral da Contabilidade Pública. A referida conta provisória do Tesouro apenas compreende, conforme o legalmente estabelecido, as receitas orçamentais cobradas, as despesas autorizadas para pagamento e os fundos saídos dos cofres públicos para satisfação dessas despesas.

. . O saldo da gerência de 1972 ascendeu, segundo aquele documento, a 1.235,2 milhares de contos, constituindo a sua quase totalidade provisão para a cobertura de despesas extraordinárias que não puderam ser liquidadas durante o exercício. Assim, o saldo de gerência é de 35,2 milhares de contos, quantia ligeiramente superior à apurada no ano precedente.

. . Assinala-se ainda que o excedente verificado nas despesas e receitas do sector ordinário — 13.219,8 milhares de contos — permitiu suportar todos os encargos com a defesa nacional não cobertos pelos recursos que lhe estão especialmente consignados e ainda grande parte das outras despesas extraordinárias, incluíndo parte importante das realizadas com o III Plano de Fomento.

. . No que se refere às despesas extraordinárias, estavas ascenderam a 17.879,6 milhares de contos, o que representa um aumento de 881,9 milhares de contos em relação ao ano anterior, justificado em parte pela quantia gasta com os empreendimentos abrangidos pelo Plano de Fomento.

. . Verifica-se ainda que, quanto às receitas extraordinárias, a utilização do produto de empréstimos externos representa apenas cerca de 19 por cento da totalidade dos gastos extraordinários.

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE»
ÀS 17 HORAS
THE KOREAN KITTENS
- WENDRYES
- LÍDIA RIBEIRO
- BLUEBELL GIRLS SHOW

Música para dançar
Orpheu's Quartet
Jirina's Combo
Ferrer Trindade e sua orquestra
Maiores de 14 anos
— PREÇOS —
Chá completo 50$00
(Taxas e impostos não incluídos)
Ambiente climatizado

LICEU 72/73
CRISFAL
EXTERNATOS
Av. da República, 83 e 52
Telfs.-779047/769620

AOS EXPORTADORES DE PRODUTOS ALIMENTARES

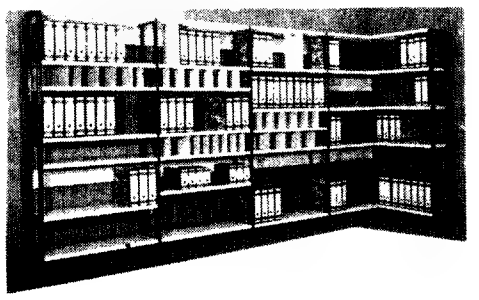
National Fancy Food & Confection Show
(CHICAGO)
de 5 a 8/8/73

O Fundo de Fomento de Exportação está promovendo uma representação do nosso comércio exportador, destinada ao Sector de Produtos Alimentares do certame em epígrafe. Representação a nível nacional, na qual este Organismo gostaria de ver integradas aquelas das nossas empresas mais bem estruturadas e apetrechadas no referido ramo da indústria. O que bem se compreenderá, se tivermos em conta a extraordinária projecção da Feira em questão, primeira réplica em Chicago da que com o mesmo nome se realiza em Nova Iorque, com a qual passará a alternar. Se a sua empresa se encontra à altura de poder tirar partido de um certame como este — contacte-nos e estude connosco a sua inclusão na participação nacional. Exposição profundamente especializada, frequentada por milhares e milhares de compradores de todo o Mundo, o National Fancy Food & Confection Show abre-lhe as portas do progresso. Consulte-nos, pois, quanto antes: as inscrições encerram a 30/4 !

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO
Serviço de Feiras e Exposições
Av. Duque de Loulé, 97-2.º — Telef. 56 17 43/4
LISBOA/1
Delegação no Porto: Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º, Esq.º — Telef. 380241 — PORTO

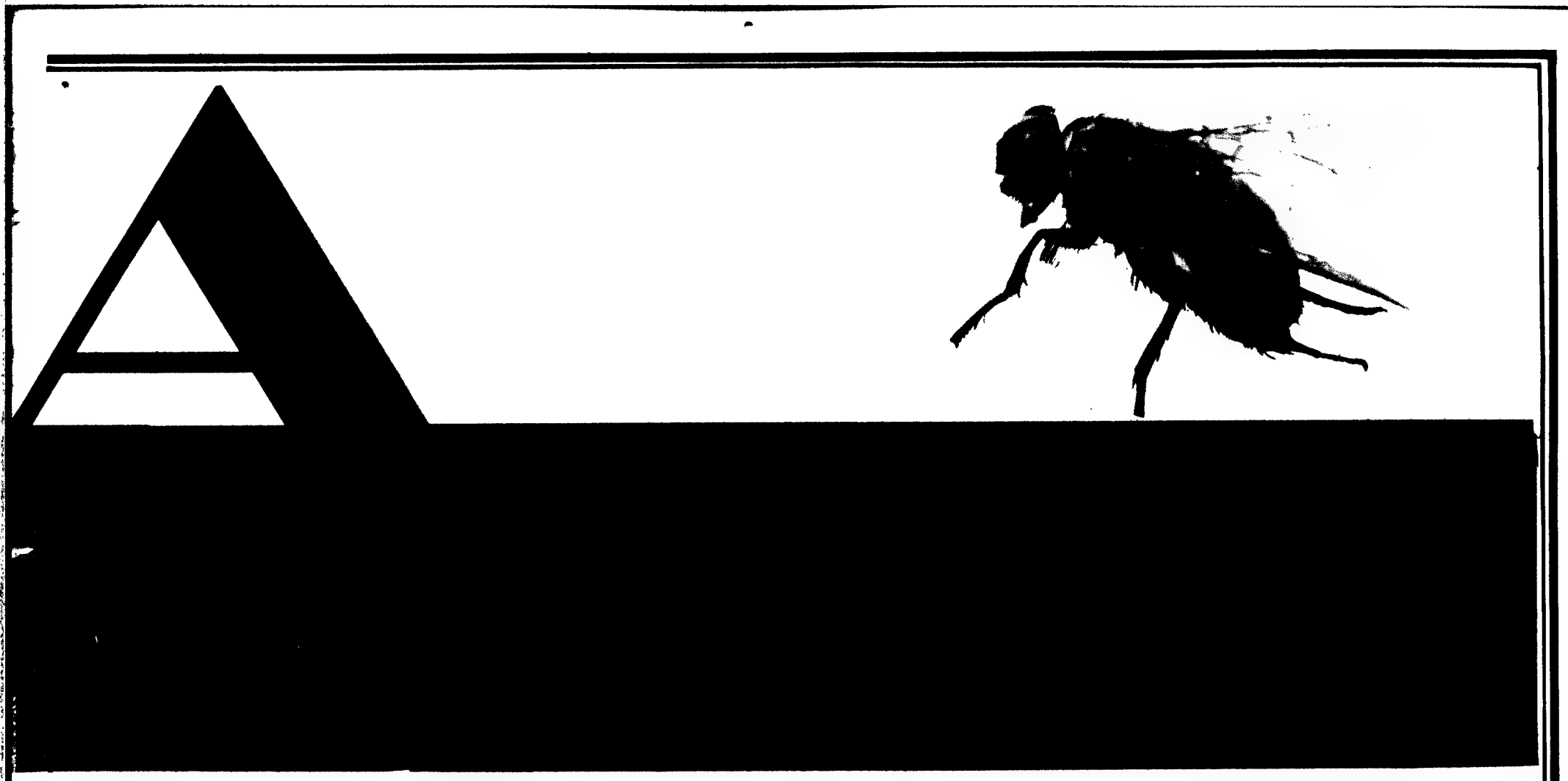
VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp 11 Telef 563401 Lisboa
leninegrado e moscovo
16 a 23 Setembro e
30 Setembro a 7 Outubro
avião • hotéis de 1.ª classe
quartos c/ banho
todas as refeições
visitas • transfers
espectáculo de ballet
10.950$00
Inscrições imediatas
pelos nossos telef. 56 34 01
Uma organização Exito

ESTANTES METÁLICAS «CORTAL»



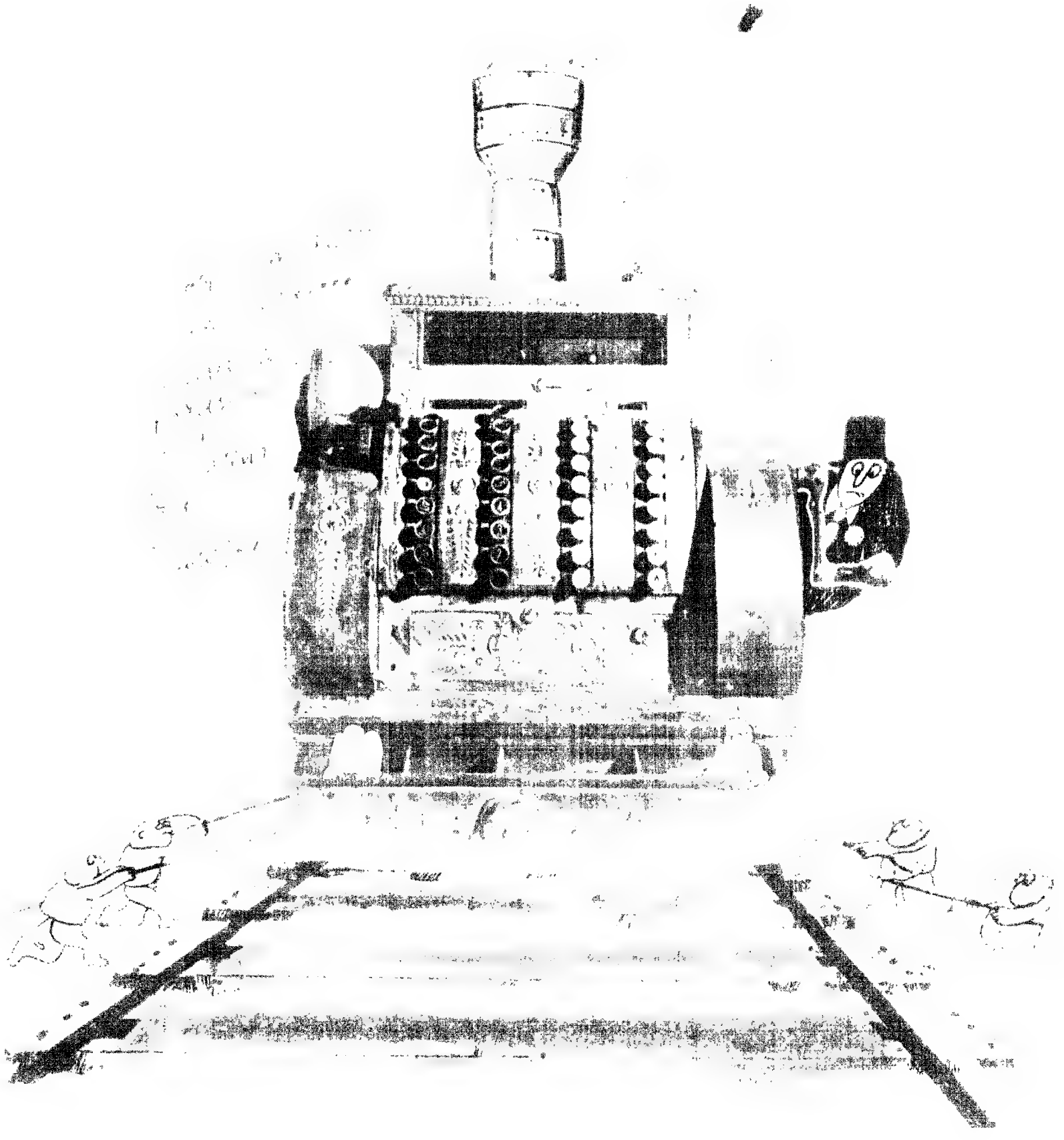
= Por encaixe sem parafusos.
= Plastificadas. Sem ferramentas.
= Cantoneira perfurada. Móveis Metálicos.
STAND EM LISBOA:
Avenida Júlio Dinis, 4-A — Telefs. 777344 - 777406
STAND NO PORTO: Rua da Constituição, 863
SEDE EM ÁGUEDA: Apartado 70—Tels. 64120 - 64133
AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

um marantz. é um marantz. é um marantz.


Na medida em que...
Os Pachecos puxam o trem Prá Europa!
National
MANUEL PAULA

Suplemento de «Diário de Lisboa», 14 de Abril de 1973

Mosca



nota de apresentação

Este número não é tão feliz como desejaríamos e dele pedimos desculpa

Se a MOSCA fosse a lista dum restaurante, diríamos que o «tribial» está cá todo: a secção de Alhos e Bugalhos recomenda e desrecomenda, a Guidinha diz o que tem a dizer sobre as coisas sem importância que a interessam e o Manuel Pedroso, de regresso duma longa viagem pelo país, fala-nos do que comeu em Vila do Rei.

Esta MOSCA, por outras palavras, é uma MOSCA de «faits divers», estúpida como um calhau (ou não fosse de «faits divers»...) a que só falta uma crónica mundana para ser inteira, total e completamente inútil.

Temo-nos perguntado muitas vezes em que medida é este suplemento se pode considerar humorístico e temos chegado, sempre, à conclusão de que nunca o foi e de que nunca o será. A MOSCA tem, é certo, uma maneira de dizer as coisas que não corresponde à normal mas o facto de estar sempre pronta a sorrir não quer, necessariamente, dizer que o seu ponto de vista seja humorístico. A realidade é que não pode ser tomada a sério senão por quem viva ensimesmado a ponto de ter perdido a noção das realidades...

Chegamos, por vezes, a pensar que A MOSCA é das coisas mais sérias que há entre nós e mais: que A MOSCA é tão séria que se recusa a pactuar tomando a sério o que é ridículo, cómico e pequenino, ao contrário do que muitos fazem quando, tomando o ridículo a sério lhe dão a aceitação que o consolida e que ele pretende.

Tem-se construído contra a força das armas e das doutrinas mas nunca se construiu contra a gargalhada, mesmo quando ela é triste.

O Manuel Pedroso regressou duma longa viagem pelo país e o seu artigo de hoje é o primeiro da série em que descreve o que encontrou por esse Portugal fora em matéria de comidas e de bebidas. Não queremos meter-nos onde não somos chamados, mas a verdade é que este nosso colaborador veio mais gordo (será possível?) desta sua gastronómica excursão e que isso pode ter um significado qualquer.

O grande evento apolítico nacional da semana passada foi, como é sabido, o festival de Luxemburgo a que todo o português bem formado assistiu na esperança de poder ter esperança. O português mal formado... bem, o português mal formado, como é realista e mais dado a factos do que a lirismos metafísicos, tem poucas ilusões sobre estas coisas e nem as atribui, patrioticamente, aos esforços dos grandes interesses comerciais, nem fica ofendido no seu luso coração ao verificar que não, sequer, preciso ter coração para saber o que vai acontecer nestas ocasiões. (Basta pensar...).

«A MOSCA» não podia deixar este evento por comentar, de forma que os leitores podem contar com um artigo desapaixonado não diremos sobre o festival mas, pelo menos, sobre as nossas reacções acerca do dito.

Como já é tradicional, a Guidinha colabra neste número com a sua redacção do costume esta nossa colaboradora recebeu numerosas cartas de simpatizantes que não quiseram perder a oportunidade de manifestar a sua compreensão pelos problemas que esta colaboradora tem, de enfrentar. Aqui ficam os agradecimentos que a Guidinha nos pediu para fazer aos leitores que se lhe dirigiram.

E pronto, julgamos ter dito o que tinhamos a dizer sobre esta MOSCA que hoje lhes chega às mãos.

A MOSCA

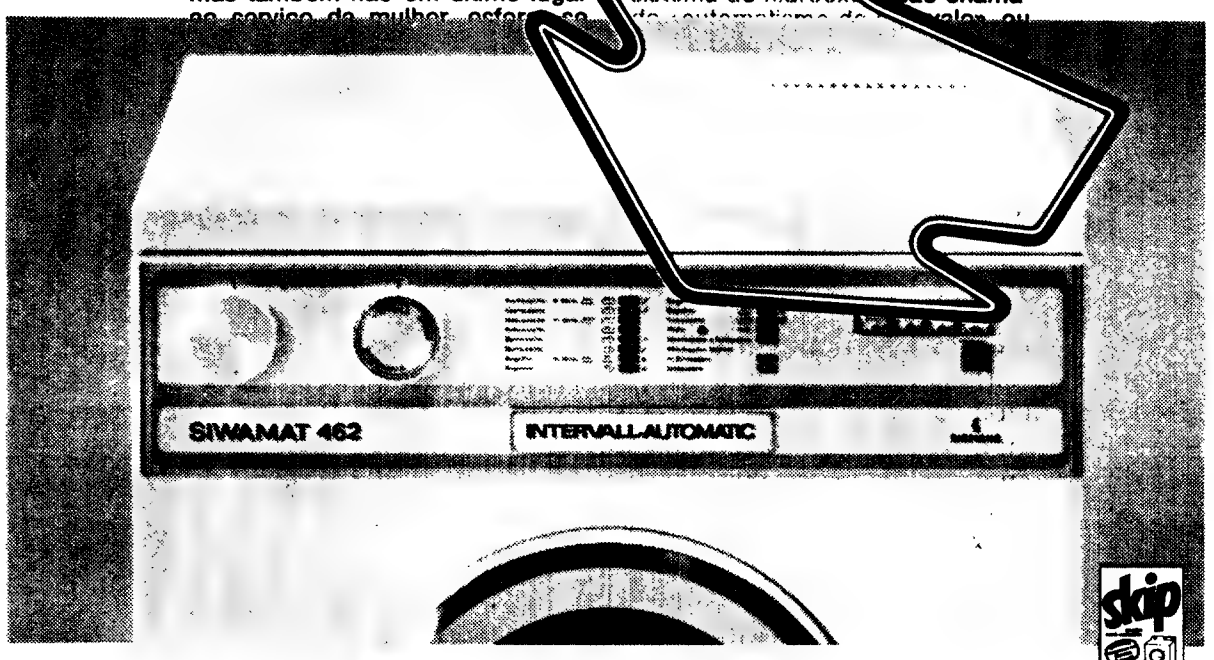
SIEMENS

A imprensa relatou:

INVENÇÃO REVOLUCIONÁRIA NO SISTEMA DE LAVAR ROUPA: "O AUTOMATISMO DE INTERVALO"

A técnica ao serviço do Homem mas também não em último lugar ao serviço da mulher, esforçada

foi recentemente criado um novo sistema de hidroextracção chamado automatismo de intervalo, ou



Detergente que recomendamos

nós salientamos

que com o automatismo de intervalo, sistema de lavagem criado pela Siemens, a roupa de fácil manutenção não requer ferro e pode, pela primeira vez, ser centrifugada sem se amarrotar. Durante alguns intervalos é sempre afofada de novo e centrifugada por um processo que a poupa, permanecendo macia e lisa. Deste modo, a roupa que dispensa ferro, não o exige realmente, não sendo necessário ser pendurada a pingar.

e acrescentamos

que a Siemens não só se encontra bem fundamentada no mercado de máquinas de lavar roupa em Portugal, como se pode considerar o mais experiente produtor europeu no âmbito desta técnica.

A máquina de lavar roupa Siemens Siwamat 4620 é a única máquina no mercado português com o novo sistema de hidroextracção revolucionária:
O automatismo de intervalo da Siemens.

GANHAMOS MORALMENTE!

A MOSCA ENTREVISTA O SENHOR SILVA ACERCA DO RECENTE FESTIVAL DA CANÇÃO

Com o objectivo de conhecer a opinião pública acerca dos diversos acontecimentos que animam a vida do país, «A Mosca» mandou efectuar uma gigantesca investigação de mercado destinada a determinar quem é melhor representa essa opinião. De acordo com investigação de mercado — levada a cabo por uma importante firma especializada no género — o verdadeiro representante da opinião é pública é o senhor Silva, casado, residente na Avenida Papa João XXIX (à Avenida de Roma), pai de três filhos actualmente residentes nos arredores de Paris (o que provoca, de quando em quando, as lágrimas de «madame» Silva), proprietário dum cão chamado «Tejo», dum Fiat 1.100 de 1959 e dum receptor de televisão cujas prestações vão a meio. O senhor Silva trabalha numa firma de comissões e consignações fundada em 1910 por um tal Lopes actualmente residente num jazigo barroco do cemitério dos Prazeres, que tem subsistido por os Lopes Juniores, terem tido a esperteza de se tornarem representantes de diversos aparelhos japoneses com boa aceitação no mercado nacional. O senhor Silva tem o quinto ano do liceu mas nunca publicou um livro de poesia o que não obsta a que seja leitor assíduo de um dos mais importantes órgãos da Imprensa matutina, que siga atentamente o campeonato Nacional de Futebol e o noticiário da televisão.

Os redactores da «Mosca» encontraram-no à secretária redigindo um requerimento à Direcção-Geral das Alfândegas acerca duns caixotes de transístores mal classificados — com grande prejuízo para a firma — à julgar por umas obscuras disposições da pauta que Silva estava em vias de iluminar, de forma a reduzir a taxa de importação.

Redactor da Mosca — Não sei se o senhor Silva sabe, mas foi considerado por uma importante empresa de investigação de mercado como sendo o representante típico da opinião pública...

Senhor Silva — Não sabia, não senhor, mas isso não me espanta...

Redactor da Mosca — Porquê?

Senhor Silva — Porque sou muito típico, mesmo muito típico.

Redactor da Mosca — Como não temos, hoje, muito tempo, deixamos a sua tipicidade para outras conversas e entramos directamente no assunto que nos traz aqui. Na sua opinião, qual foi o evento mais importante que teve lugar esta semana?

Senhor Silva — O Congresso de Aveiro.

Redactor da Mosca — Sim, pois, todavia, contudo, fale-nos dum outro evento.

Senhor Silva — O Festival da canção que teve lugar no Luxemburgo.

Redactor da Mosca — Que pensa o senhor Silva do festival.

Senhor Silva — Devo explicar-lhe que sigo atentamente a Imprensa nacional de forma que me sentei em frente do meu receptor sabendo de antemão que o prémio estava já decidido.

Redactor da Mosca — Decidido?

Senhor Silva — Evidentemente... Logo no sábado de amanhã, li no meu noticioso diário o seguinte:... para que não haja sustos nem surpresas, adiantemos desde já que, no mínimo, a canção que representa Portugal neste cotejo de canções europeias é a favorita de várias delegações aqui presentes e foi, de longe, a que, durante os ensaios, arranjou aplausos espontâneos de quantos estavam a assistir... a equipa da B.B.C. teme-a especialmente como adversária daquela que Cliff Richard cantará, ao menos tanto quanto teme a representação irlandesa... se é caso para admitir que Tordo-Ary dos Santos saiam do Luxemburgo consagrados com o grande prémio?... bem, como já ninguém ignora, na sombra do festival movem-se altos interesses comerciais que os britânicos movem com a mão «de mestre e supomos que o português não» tem capacidade para fazer uma boa contra mano-bra. A menos que o júri mostrasse este ano uma seriedade que não tem revelado em concursos anteriores...

O que é que isto quer dizer? Está-se mesmo a ver: a nossa canção era a favorita, a melhor, a que fazia tremer a equipa da B.B.C. mas... a pérfida Albion, incansável no prosseguimento dos seus maquiavélicos planos destinados a lançarem o Cliff Richard, manobrava, como sempre, na sombra. Li aquilo e imaginei a equipa inglesa da B.B.C. a tremer pelas esquinas do Luxemburgo.

Felizmente, porém, o meu noticioso diário dava-nos uma deixa: se o júri fosse sério, SE o júri revelasse a imparcialidade que nunca revelou como se sabe, por nunca ter estado à altura de entender a qualidade das nossas canções, talvez a nossa «Tourada» ganhasse...

A luta ia travar-se, portanto, na consciência dos membros do júri: ou ganhava a seriedade e, nesse caso, o prémio vinha para nós, ou ganhava a pouca vergonha manejada pela pérfida Albion e nós perdíamos...

Redactor da Mosca — No seu entender senhor Silva, ganhava a seriedade ou a pouca vergonha?

Senhor Silva — Você sabe como estas coisas são. Quando foi das Olimpíadas, ganhou a pouca vergonha e nós viemos sem uma medalha de ouro, que fosse, a demonstrar que havia um àrbitro sério; no futebol está a acontecer-nos o mesmo — a pouca vergonha, manejada pela pérfida Albion, impera... e eu como sei que há um grande «complot» internacional contra nós dei razão ao meu noticioso diário e pensei que os grandes interesses comerciais, manejados pela pérfida Albion, acabavam por impedir que o júri tivesse a seriedade de nos atribuir o prémio. Isto não obstante nós sermos francamente superiores aos pérfidos ingleses em matéria de música...

Redactor da Mosca — E depois, que pensou o senhor Silva, durante a transmissão do festival?

Senhor Silva — Confesso que fiquei perplexo, mesmo muito perplexo.

Então a pérfida Albion teria interesses comerciais ocultos no pérfido Luxemburgo? Estaria a pérfida Albion a fomentar a canção da pérfida Espanha?

Uma coisa era certa: o júri não tinha revelado a seriedade necessária para nos atribuir o prémio a que o meu noticioso diário nos julgava com direito...

Nestas circunstancias, só me restava admitir uma de duas hipóteses: a pérfida Albion adquirira, às escondidas, o pérfido Luxemburgo, ou...

Redactor da Mosca — Ou...

Senhor Silva — Prefiro não me referir à outra hipótese.

Redactor da Mosca — Porquê?

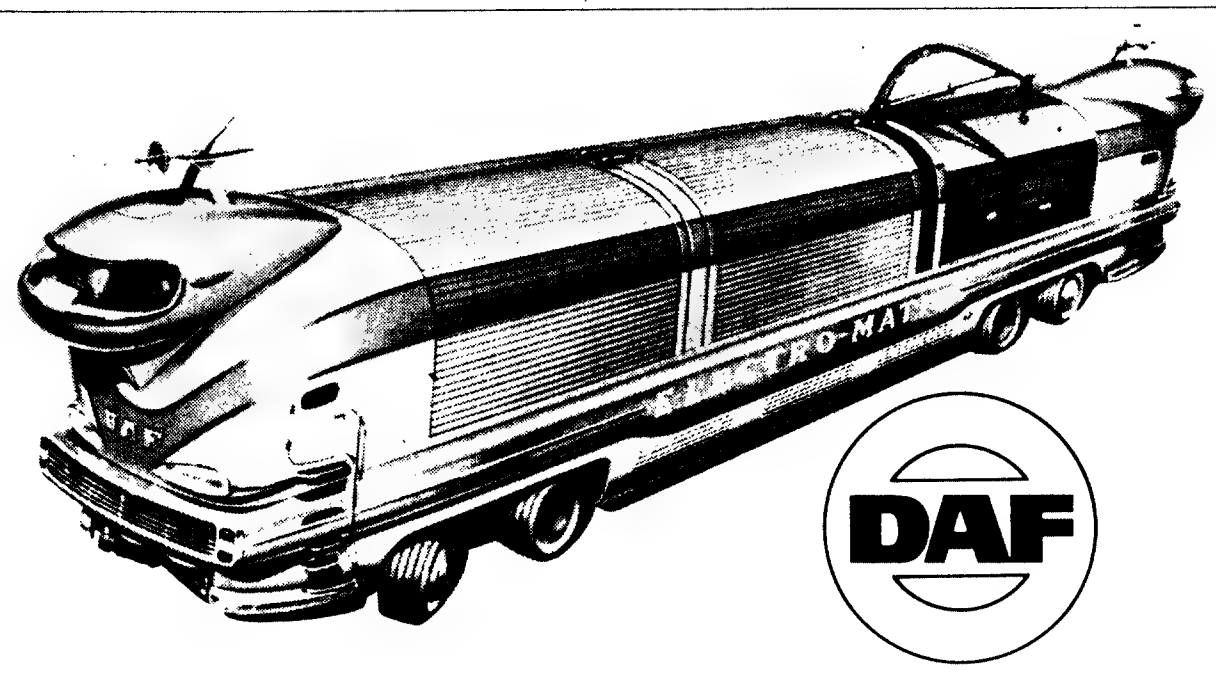
Senhor Silva — Por causa das moscas De qualquer forma, a bom entendedor, meia palavra basta...

Quando é que teremos um júri sério?

Redactor da Mosca — E da interpretação do Tordo, gostou?

Senhor Silva — Gostei, mas gostei mais de o ver no festival português — pareceu-me mais vivo, mais alegre, mais espontâneo. Não sei se sabe que andou para aí muita gente a bramar contra os gestos do Tordo. Ninguém me tira que esta gente andava ao serviço do Inteligence Service da pérfida Albion porque vi, no decorrer da transmissão, cantores com gestos bem mais expressivos do que os do Tordo e é pena — o Tordo perdeu ao ouvir as críticas. É tão estúpido a gente querer ensinar os cantores a serem cantores...

Quando houver um festival de críticos é que ganhamos mesmo, olá se ganhamos, porque nisso é que nós somos bons.



NO ANO 2.000,
SERÁ UM CAMIÃO IGUAL A ESTE
QUE V. COMPRARÁ...

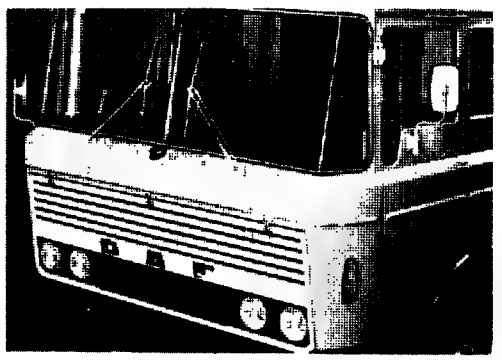
MAS, POR ENQUANTO,
AINDA É CEDO!

Por essa altura*, toda a sua frota será, possìvelmente, constituída
por camiões deste tipo e, como é evidente, ...
será a DAF a fornecer-lhos!
Tal como hoje — e como sempre —,
a DAF estará atenta aos problemas dos transportadores,
concebendo e construindo os seus camiões
de acordo com as necessidades da época.
V. continuará, também, a preferir DAF!
A sua experiência com DAF tem sido francamente positiva
— assente numa constante de qualidade, rendimento e eficiência.

Mas, estamos em 1973! ... E, tal como sempre, preocupamo-nos com as suas necessidades actuais.
Por isso — a par da nossa linha normal de camiões, que vai

em PESOS BRUTOS de 12 000 a 38 000 Kg
em POTÊNCIAS de 150 a 324 HP

—, estamos aptos a fornecer-lhe outras variantes que resolvem os seus problemas.



*Não sabemos o que irá V. fazer aos seus DAF «tradicionais», que ainda estarão a funcionar em pleno. !!!

DIGA-NOS O QUE PRETENDE,
QUE NÓS LHE DAREMOS A MELHOR SOLUÇÃO

CONTE SEMPRE CONNOSCO... E COM A TRADICIONAL QUALIDADE DAF!

EVICAR — COMERCIO DE CAMIOES, LDA.
R. Almirante Barroso, 9-1.º — Lisboa

Associada no Norte:
NORCAR — COMERCIO E INDUSTRIA AUTOMOVEL, LDA.
R. Viscond[illegible] [illegible] V. N. Gaia

Os outros talvez sejam bons a fazer coisas, mas a comentá-las não há quem nos leve a palma...

Redactor da Mosca — Em conclusão...

Senhor Silva — Em conclusão, estou baralhado com aquela dos grandes interesses comerciais da pérfida Albion terem servido o pérfido Luxemburgo! Palavra que é da gente ficar parvo se é que...

Redactor da Mosca — Se é que...

Senhor Silva — Se é que o não somos mesmo! O que vale é que o meu noticioso diário, no domingo, que se seguiu ao festival, explicou tudo de forma a esclarecer-nos. Palavra que nestas coisas de esclarecer a opinião pública, o meu prestigioso e noticioso diário não falha! Querem ver como ele descalçou a bota? Ora vejam:

...Mas então como é que a Inglaterra, que aparentemente seria a representação que poria em movimento a mais pingue das máquinas de acção, acaba por ver o seu Cliff Richard num amargo terceiro lugar, ainda por cima com uma canção que estará inexorávelmente, muito em breve, nos «top ten» dos principais países onde a indústria do disco é assunto muito sério? Foi por causa do Luxemburgo?... Que ideia! O Luxemburgo era ao fim e ao cabo o «outsiderz2 inesperado... ora bem nós cremos que a desgraça da melhor canção do festival (e, de muito longe, da melhor interpretação) foi o peso da Espanha, da sua máquina promocional que decidiu terrivelmente os votos que, normalmente, teriam ido cair ao saco de Cliff cujo passado e presente profissional estiveram evidentes numa actuação impecável sobre uma canção absolutamente «à la page» dessas que interessam imediatamente à indústria discográfica mundial. No fundo a injustiça que foi cometida à Inglaterra não representa para a canção de Guy Fletcher etc, etc, etc.

Um homem fica perplexo: então a pérfida Albion teve a ousadia de manejar os seus grandes interesses comerciais, mandando ao festival uma canção merecedora do prémio? Mas que «lata», que ousadia que vergonha, que infâmia! Então a pérfida Albion, que no entender do meu noticioso diário, ainda na véspera, só ganharia por saber manejar os seus interesses «com mão de mestre» acabou por ser vítima dum júri que só seria desonesto se não nos desse anós o prémio! E que isto estabelece a confusão neste momento em que tanto precisamos de ordem nas ruas e nos espíritos! Primeiro, a pérfida Albion manobrava nas sombras, com a sua tremente equipa da B.B.C., para que nos não fosse dado o prémio que mereceríamos se o júri fosse honesto mas, depois, o desonesto júri fez-lhe a injustiça de dar o prémio a um «outsider» tão desonesto, tão desonesto, que não só não nos deu a nós o prémio que merecíamos por sermos quem somos, como também o não deu à pérfida Albion que o merecia por ter apresentado a melhor canção!

Quem é que ganhou o prémio? O Luxemburgo, esse «outsider» inesperado, tão «outsider» e tão «inesperado» que, até agora, ainda só ganhou este prémio quatro vezes enquanto que a «insider esperada» (a pérfida e comercial Albion) só o ganhou duas vezes!

E que, palavra de honra, a gente começa a duvidar da importância dos grandes interesses da pérfida Albion que nos impedem ganhar os prémios a que temos direito! Pior: a gente começa a perguntar se não estaremos doentes e se a nossa apreciação do que se passa à nossa volta não estará, toda ela, afectada pela nossa doença...

O senhor desculpe, eu sou um modesto empregado de escritório que lê os jornais para ver se entende o que se passa e que, a maioria das vezes, acaba ainda mais perturbado do que estava antes de comprar os diários. Acha que devo mudar de noticioso diário ou que todos eles revelam esta doença?

Não pense, porém, que as coisa ficam por aqui, não senhor! Esta doença é tenebrosa... Neste mesmo número em que o meu noticioso diário dá esta explicação toda para a gente ficar consolada por não termos ganho o prémio que o júri nos teria dado se fosse sério e — ao que parece-se também oh8i vessem dado à pérfida Albion como deveria dar se fosse sério (será que o devia dividir ao meio?), afirma-se que o Tordo declarou: Penso que a canção portuguesa deveria ter sido melhor classificada e penso que Cliff Richard foi o verdadeiro vencedor. Trata-se duma frase fácil de entender, divisível em duas partes:

1.ª — A canção portuguesa devia ter sido melhor classificada.

2.ª — O verdadeiro vencedor foi o Cliff Richard.

Claro? Simples? Entendível mesmo por Silvas como eu que não frequentam locais onde a conversa é elevada?

Não senhor, nada disso. Pegue o meu amigo no meu noticioso diário do dia e verá que o Tordo, ao chegar a Lisboa vindo do provinciano Luxemburgo que tanto tem a aprender conosco, disse: «O que é pena é que Cliff Richard, ao fim de quinze anos, ainda canta coisas como aquelas. Não me refiro ao plano musical, mas sob o ponto de vista de texto é lamentável que ele interpreta daquelas coisas.

Será que estou a endoidecer? Será que estão todos doidos? Não senhor não estamos. Tudo isto revela, apenas, que há um mal-entendido. Quando, por exemplo, Ary afirma que o festival é sempre o reflexo daquilo que se faz na Europa na altura, mas o reflexo ao nível de segunda de segunda classe apetesse perguntar-lhe: mas apetece perguntar-lhe: mas então, sabendo isso, porque é que você não faz uma coisa de segunda classe para ver se ganha um premiozito cá para a gente ou, caso o não queira (há quem entenda que isso seria um caminho honesto) porque é que se mete nestas coisas? É que isto de a gente ter sempre razão, de a gente ser sempre de primeira classe, de a gente ser bestial, de a gente ser melhor do que os outros, de a gente só não estar a chefiar o mundo em matéria de arte, de desporto, de arquitectura, de literatura, de política, de cancionetismo e de tudo quanto há por os outros não estarem à nossa altuura começa a cansar. Palavra que a gente começa a estar cansado. Sabe o que eu acho? Acho que devíamos arranjar uma gente de segunda classe para ver se conseguíamos que alguém desse por nós...

Era ou não «giro» .. para variar?

Outra coisa que começa a «chatear» são os interesses, as manobras e as actividades ocultas. Atrás do 10.º lugar no festival, manobras ocultas.

Atrás de tudo, manobras ocultas. Os Silvas, como eu começão a perguntar se isto não será tudo fruto duma doença qualquer, se haverá mesmo manobras ocultas, se esta gente que inventa as manobras ocultas não estará — ainda que alguns, como é o caso destes de que vimos falando — a servir interesses que não são os nossos verdadeiros interesses.

E que a única coisa que agora nos interessa é a verdade seja ela qual for, venha donde vier, doa a quem doer.

Redactor da Mosca — Acabou?

Senhor Silva — Por hoje acabei. Quando quiser mais é só voltar, mas se voltar, entre pela porta traseira que é melhor para mim você entrar às ocultas — o patrão não gosta destas coisas, sabe...

EM ABRIL O SEU DINHEIRO VALE MAIS

NA COMPRA DE UM FATO FEITO a preço incrível

de confecção esmerada nos mais recentes padrões com modelos actualizados

oferecemos (é mesmo de borla)

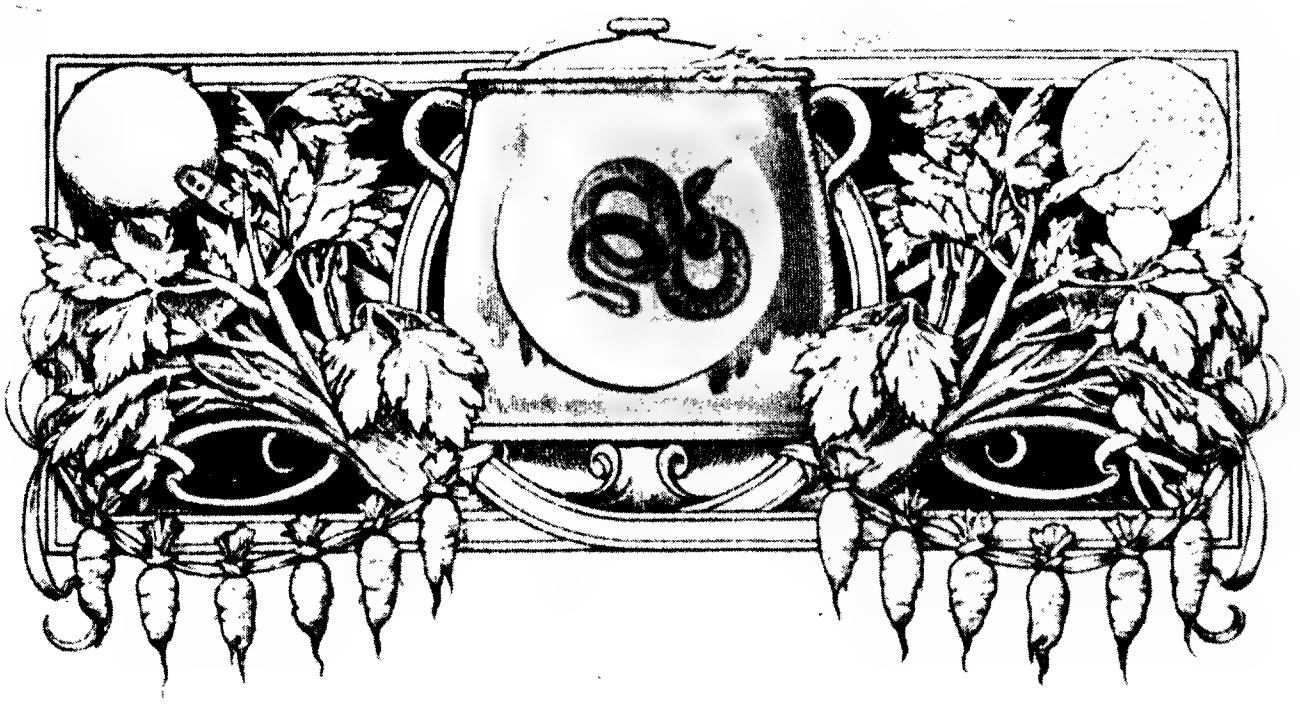
UM BERBEQUIM Black & Decker

EM TODA A ORGANIZAÇÃO dos armazéns do CONDE BARÃO

que vale 499$

ABSOLUTAMENTE DE BORLA

A MELGA VAI A VILA DO REI PELA SEGUNDA E, PELA SEGUNDA VEZ, SE COMOVE PERANTE UM CABRITO QUE MERECIA SER COROADO E PERANTE UM BACALHAU QUE AINDA HOJE NÃO EVOCA SEM QUE LHE CRESÇA A ÁGUA NA BOCA



Vila do Rei fica para lá de abrantes, tão para lá de Abrantes, que o automobilista chega a perder a esperança de lá chegar. Vila do Rei fica no fim de uma estrada com tantas curvas, tantas curvas, que a meio o automobilista perde a vontade de continuar e, se prossegue, é mais pelo receio de voltar atrás do que pelo desejo de prosseguir.

Vila de que Rei? Todos, no princípio do caminho, fazem esta pergunta a que só meia dúzia de entendidos saberá responder. O Rei de Vila do Rei, foi D. Dinis, que por lá andou a caçar javalis e o mais que então havia e que tão bem foi recebido pelo povo da aldeia que lhe concedeu foral. A meio do caminho para Vila do Rei, porém, já ninguém quer saber qual foi o rei de Vila do Rei — o que todos querem saber é como é que ele lá chegou. Não o sabemos ao certo mas somos de opinião que el-rei D. Dinis chegou a Vila do Rei de helicópetro porque a ter sido de cavalgar até lá, ou a ter tido de percorrer a pé aqueles caminhos, não teria concedido foral à povoação nem teria, mesmo, querido voltar a ouvir falar dela.

No fim das oitocentas mil curvas da estrada deserta que vai de Abrantes a Vila do Rei passando pelo Sardoal, chega-se finalmente à vila, tão estafado e esfomeado que só apetece encontrar uma cadeira em frente de uma mesa repleta de garrafas de bom vinho e de travessas repletas de boas iguarias.

A cadeira a que nos referimos, tal como a mesa que todo o viajante ao chegar a Vila do Rei, estão lá à sua espera, no restaurante de mestre Cobra, um digno beirão que teve a felicidade de casar com uma cozinheira das melhores que junta à arte de bem cozinhar a de bem conversar com os seus hóspedes.

Mestre Cobra foi outrora chauffeur de Praça e deve, como tal, ter percorrido muitas vezes a interminável estrada de Abrantes a que nos vimos referindo, sofrendo o que sofre quem ousa enfrentá-la e — quem sabe? — chegando ao termo da viagem com a fome desesperada com que todo o viajante chega a Vila do Rei. Teria sido por isso que resolveu, numa crise de cristianíssima consciência, mudar de profissão e dedicar-se a outra que lhe permitisse prestar os primeiros socorros aos viajantes recém-chegados à vila? Não o sabemos, mas sabemos que há coisa de oito anos, ajudado por sua mulher, resolveu montar um estabelecimento de comes e bebes digno de figurar no mapa gastronómico deste país cujo mapa gastronómico cabe num bolso de colete de rapazinho. A casa que escolheu para esse efeito fica no alto da vila, não tem vista e não é antiga. Num desejo de contar a verdade, toda a verdade e só a verdade, somos, até, obrigados a confessar que a casa do mestre Cobra ficaria melhor numa aldeia suiça, destas que agora se fazem para os turistas verem, do que no alto de Vila do Rei, essa Vila que fica no fim de uma interminável estrada com tantas curvas que o visitante é levado a descrer em Deus a meio do caminho para só voltar a acreditar nele em frente da canja de mestre Cobra.

É que mestre Cobra, influenciado e ajudado por um presidente da Câmara que, a julgar pelo que ouvimos, só tinha um defeito, resolveu decorar a sua casa à moda da Beria Suíça, essa província que começa em Portugal e acaba na fronteira austríaca e que se caracteriza por estilo decorativo inconfundível já que é o único em que o toro de madeira tirolês anda de braço dado iom a panela de barro. Sim, quer o queiramos quer não, a casa de mestre Cobra é um disparate decorativo, um disparate concebido por esta pseudo civilização turística cujos adeptos não desistem enquanto houver em Portugal uma só casa que não tenha uma paredezinha forrada com envernizadas fatias de árvore ou um espaço em que se possa meter um toro de madeira envernizado e iluminado de forma a não passar despercebido a ninguém. A de coração da casa de mestre Cobra, por outras palavras, é inspirada no estilo que inspirou o chalet suiço e tem o seu quê daquele outro estilo a que os americanos chamam «Wild West», mas... não tem nada a ver com Portugal, com os portugueses, com a Beira ou com a acolhedora Vila do Rei que fica — já o dissemos — no fim de uma interminável estrada que vai dar a Abrantes e não a Lausanne.

A decoração da casa, porém, não chega à cozinha. Damos esta notícia com alegria e prazer. Se é certo que a casa de jantar podia servir de cenário para um «Guilherme Tell» de aldeia ou para uma americaníssima «Cabana do Pai Tomás», é igualmente certo que a cozinha é beirã de gema e que nada do que dela sai leva natas.

Senta-se o viajante à mesa em frente de uma canja de respeito, de uma canja honesta, em nosso entender apenas coxa por conter massinha miúda em vez de arroz, mas como não somos entendedores em atéria de canja nem entemos que valha a pena sê-lo, deixamo-la aos apreciadores e passamos a comentar o bacalhau que se lhe segue e que não é — não hesitamos em afirmá-lo, notável entre os bacalhaus que se servem neste reino. Leve, sem gordura e saborosíssimo, este bacalhau do mestre Cobra apresenta-se em grossos filetes passados por farinha e ovo e fritos ou em azeite ou em óleo — ficamos em o saber e sem o querer saber — de forma a ficarem louros como os celtas que habitaram a região. Vêm estes filetes a nadar num molho levíssimo e saboroso em que apeteceria sazer sopas com pão se não valesse mais a pena aproveitá-lo para o bacalhau. Acompanhando, inutilmente, esta iguaria deliciosa, uma travessa de batatas convencionalmente fritas aos palitos que julgaríamos substituíveis pelas que tradicionalmente acompanham este bacalhau e que são, depois de cozidas e de cortadas às rodelas grossas também passadas por farinha e gema de ovo e fritas como o bacalhau que se destinam a acompanhar. É que este delicioso bacalhau que se serve em casa de mestre Cobra integra-se na velha culinária portuguesa e come-se, ainda hoje, por esse país fora em «muitas casas». O que distingue a receita de mestre Cobra da tradicional é apenas o facto da tradicional exigir que o molho seja abundantemente temperado com sumo de limão, ingrediente que mestre Cobra não usa. Aqui fica a sugestão das batatas que só fazemos por entendermos, como as boas cozinheiras — e não as há superiores, nestas coisas portuguesas, à mulher de mestre Cobra — que se vale a pena fazer uma coisa, vale a pena fazê-la bem feita...

Falámos de perfeição e como é essa a palavra que esco-

lheríamos para título de um capítulo em que descrevêssemos o cabrito do mestre Cobra, passamos a comentá-lo.

Ele há cabritos e cabritos como é do conhecimento geral, mas este cabrito do mestre Cobra não é uma coisa nem outra — é qualquer coisa de especial, qualquer coisa que vale a pena conhecer mesmo que, para tal, haja de enfrentar as curvas da interminável estrada que liga Abrantes a Vila do Rei.

O cabrito que se come em casa de mestre Cobra distingue-se pela qualidade — é tão tenro que se desfaz na boca — pela quantidade — uma dose de cabrito satisfaz qualquer pessoa, quanto mais uma pessoa não tenha comido o bacalhau e pela preparação.

Não somos dos que deliram com cabrito, antes pelo contrário: a nossa aversão a este animal leva-nos, a fugir-lhe tanto quanto o encontramos vivo como quando o encontramos na travessa, mas... voltaríamos a enfentrar a estrada de Abrantes para nos encontrarmos novamente com este nosso velho adversário desde que ele nos fosse apresentado na travessa depois de preparado pelas mãos da magnífica cozinheira que é a mulher de mestre Cobra. Marinado, supomos, durante a noite; temperado com variadíssimos ingredientes, na justa medida de cada um, de forma a todos se unirem harmoniosamente com o único — e louvável — objectivo de o transformar numa delícia que nada tem a ver com isso a que para aí chamam «ensopado de cabrito», este animal é, tal cómo o serve mestre Cobra, digno de ser comido e vomitado à romana para que o apreciador possa repetir a dose.

Trata-se, incontestavelmente, de um prato de alta cozinha que se fosse francês figuraria nos grandes guias gastronómicos e que só ão figura nos nossos porque os não temos, em que isso nos faça a menor diferença — se os tivéssemos desprezá-los-iamos, tal como desprezamos a boa cozinha que herdámos e que, para substituir, teve de refugiar-se em Vila do Rei e noutras terras protegidas dos citadinos mal europeizados em que o tempo nos transformou, por estradas intermináveis e cheias de curvas.

A acompanhar este cabrito que nada tem a ver com os cabritos a que estamos habituados, um puré de batata repleto de miudezas de cabrito e convenientemente temperado, que chega à mesa na tijela de barro em que acaba e sair do forno ainda alourado pelas gemas de ovo com que foi «enchapelado». Poderá dizer-se mais?

Pode. Ninguém acreditará que depois da canja, do bacalhau e do cabrito do mestre Cobra se possa comer seja o que for, mas a verdade é que perante iguarias desta natureza, qualquer cidadão se deixa permear por um sentimento a que não falta uma certa religiosidade e,, até, que repita baixinho frases mais próprias de bons cristãos do que de maus agnósticos, de forma que...

... a carne é fraca... o espírito é forte mas o espírito não tem estomago... a gula, apesar de tudo, é um pecadito de segunda... Deus não poderá deixar de compreender porque, bem pistas as coisas, quem ensinou a mulher de mestre Cobra a cozinhar foi ele... uma vez não são vezes... para o pecado há a Confissão e para a indigestão, o Pepsmar...

Deixemo-nos de coisas: depois do cabrito vieram os maranhos e quem recusar um prato de maranhos ou é parvo ou está em vias de o ser.

É que os maranhos de mestre Cobra não têm nada a ver com os maranhos que provámos em Lisboa e que julgávamos terem-nos vacinado contra a possibilidade de voltar a coher esta especialidade beirã que não pode deixar de ter raízes árabes.

Os maranhos de mestre Cobra, por outras palavras, são uma delícia, uma «verdadeira delícia», como dizia um nosso conterrâneo ao comer pela primeira vez alface acabada de arrancar ao chão da horta.

O maranho é um buxo de carneiro recheado de miudezas, de arroz e de «hervas» picadas — mestre Cobra usa exclusivamente hortelã mas em abundância — que depois é cozido e e servido quente, so**inho** ou com «ervas» — mestre Cobra serve-o com salada.

O resultado final é um prato altamente saboroso que admite vários tempêros — na Turquia tempera-se também com alho e cominhos na Ro m é nia com hortelã (tal como o faz o mestre de Vila do Rei) e na Hungria com pimentos picados e paprika.

Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso, mas o que não podemos é deixar de louvar o uso de mestre Cobra, de Vila do Rei, que voltaremos brevemente a visitar e que, entretanto, vamos recordar com saudade.

Uma última palavra, também de homenagem, esta para a mulher de mestre Cobra.

Todos tendemos — muitas vezes com razão — a louvar o proprietário de um restaurante quando elogiamos a sua cozinha ou o seu serviço e nem sempre fazemos a justiça de lembrar os que lhe permitem merecer esse elogio. A Melga tem feito t possível por lembrar o que se deve a quem trabalha na cozinha e por revelar os nomes dos responsáveis pelo que se come nos sítios onde vale a pena comer. Mestre Cobra tem uma mulher a quem não queremos deixar de fazer referência. Com setenta e dois anos de idade e oito de trabalho no restaurante de Vila do Rei, a mulher de mestre Cobra é a responsável pelo que se come na casa e pela conservação do alto grau de perfeição que leva este suplemento a reafirmar, quatro anos depois da sua primeira visita, que a casa, apesar de ter ganho em popularidade desde então e de se ter tornado mais próspera, conserva os padrões que lhe mereceram as referências feitas há quatro anos.

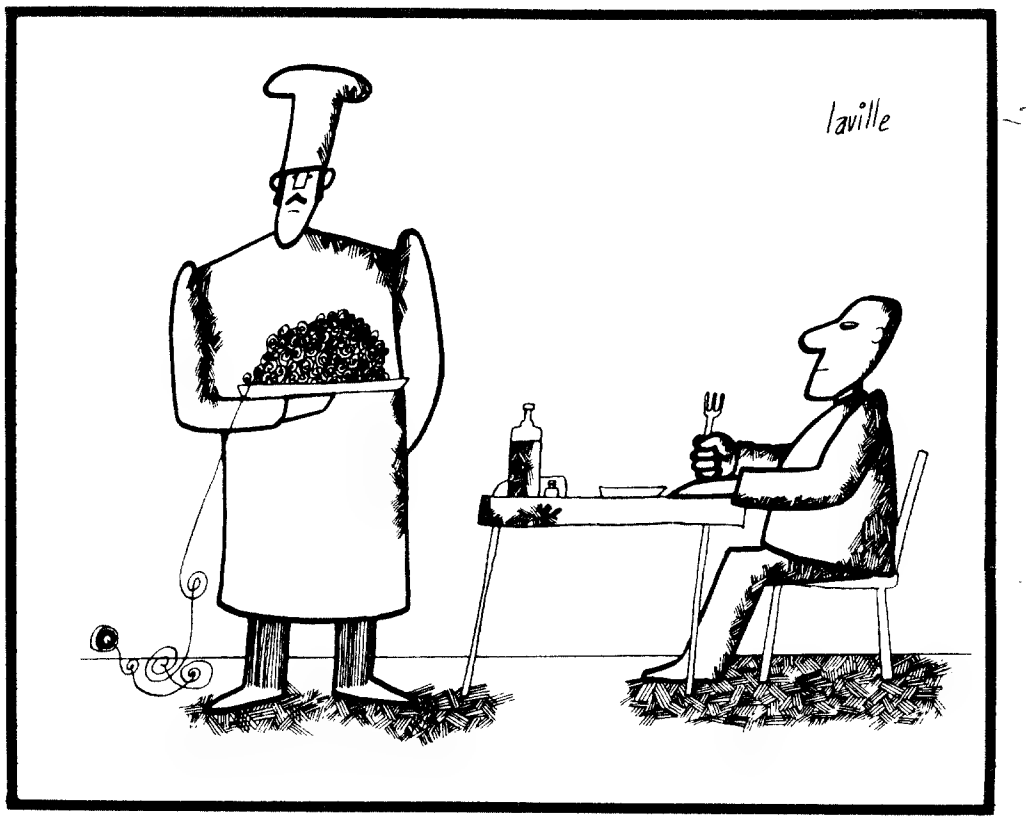
Porque isto raras vezes acontece, os parabêns da Mo s ca pa ra mestre Cobra.

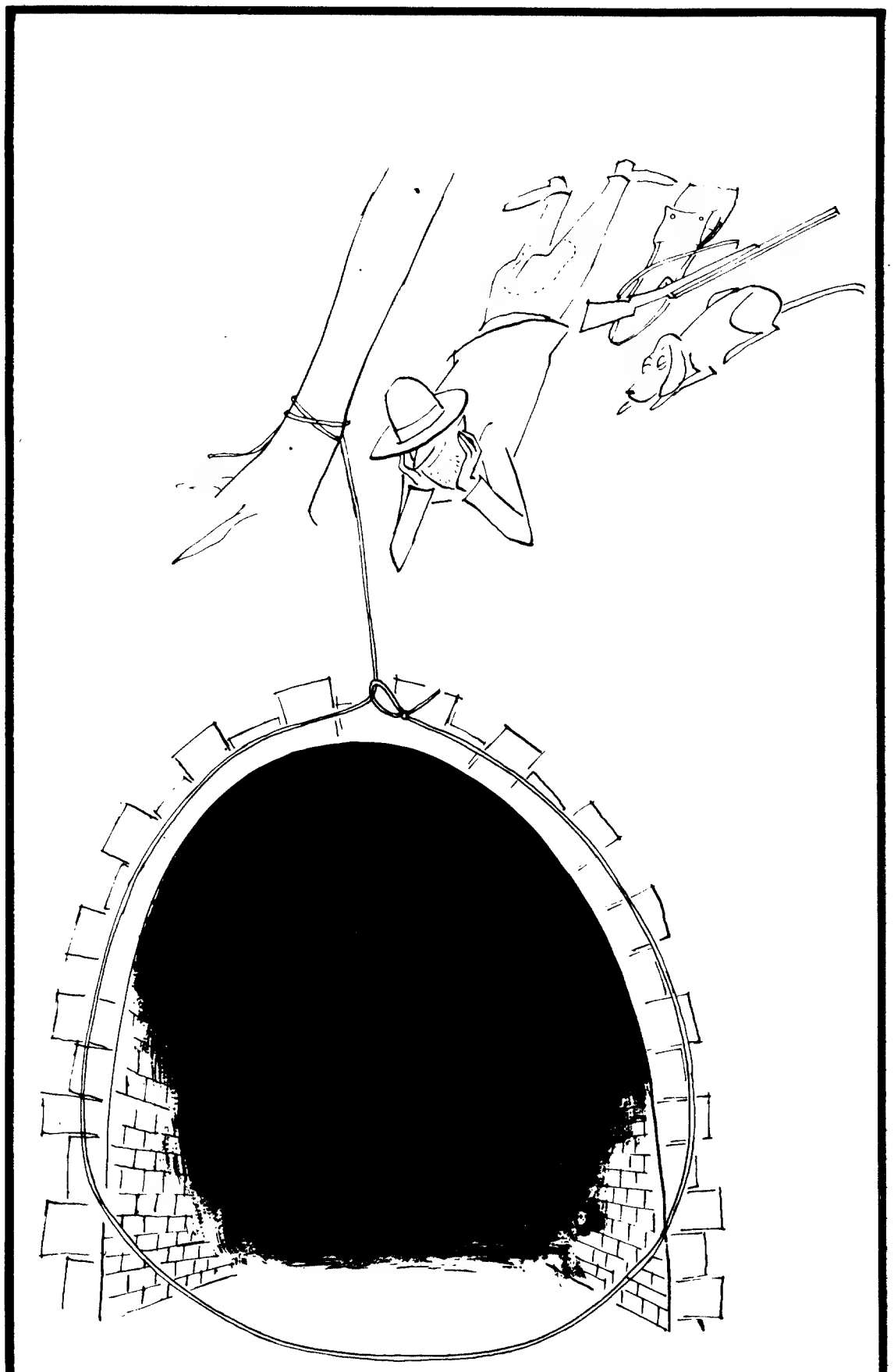
Porque cozinha como a desta casa de Vila do Rei, é excepção em Portugal, os parabéns da Mosca para a mulher de mestre Cobra.

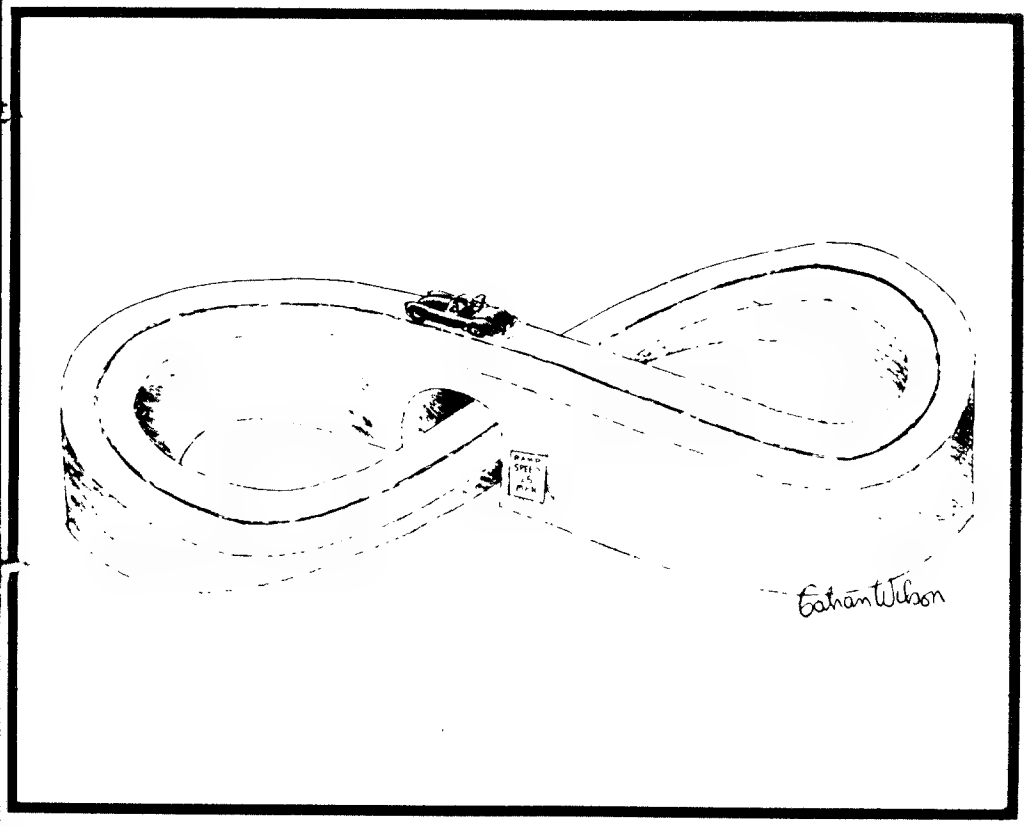
MANUEL PEDROSO

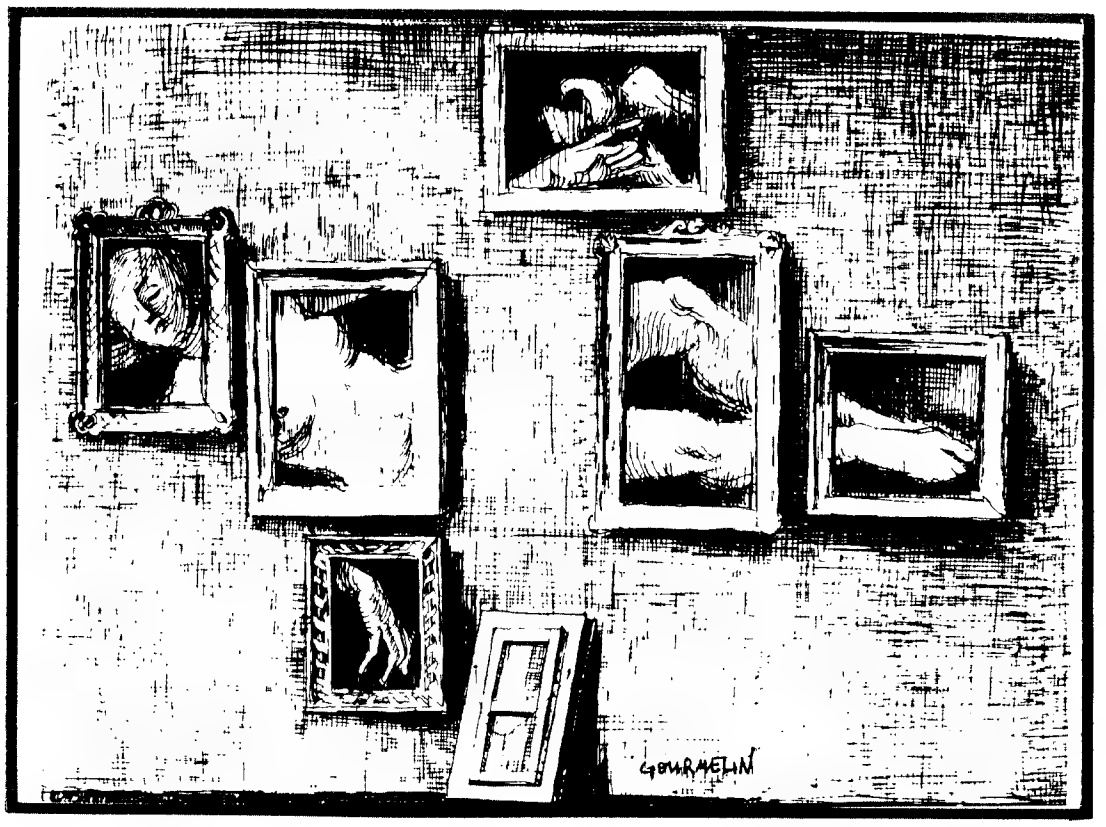
NO PRIMEIRO PARQUE DE ESTACIONAMENTO

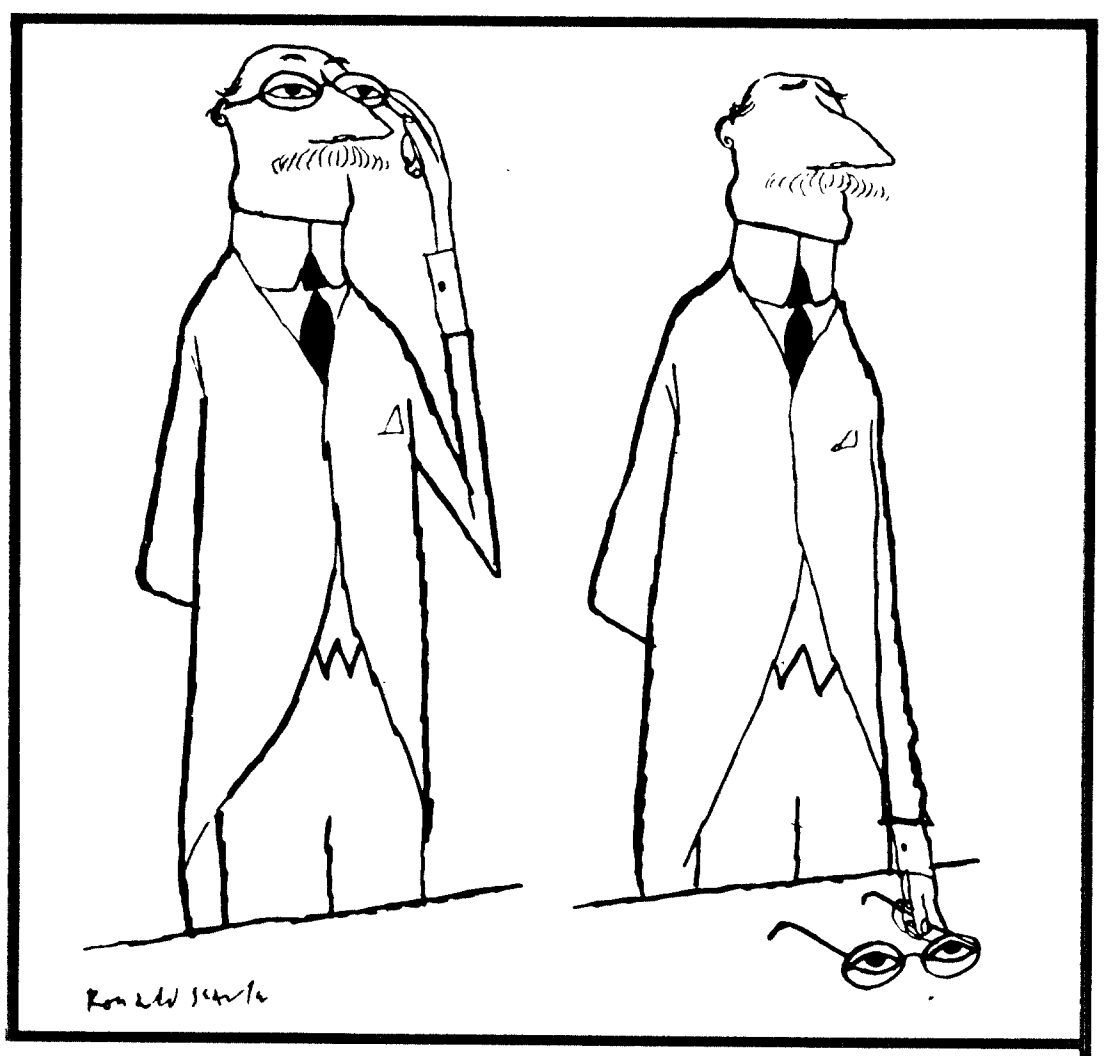
ANTOLOGIA DO HUMOR UNIVERSAL

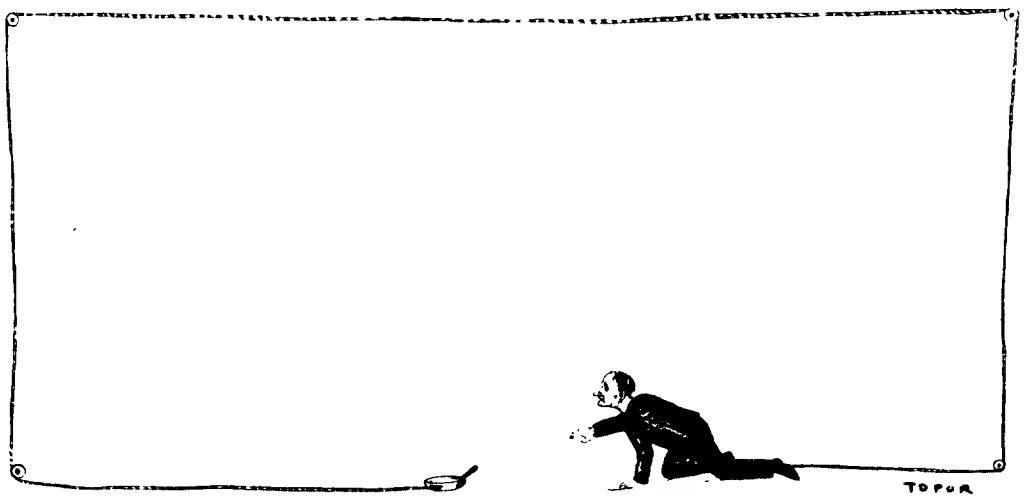







GOURMELIN




TOPOR

SIMPLESMENTE JOSÉ...

O radioso diálogo que hoje oferecemos aos leitores de «A MOSCA», só seria possível em plena Primavera. Não que os personagens nele intervenientes, deixem de exercer a sua benigna influência pública nas outras estações do ano. Mas é, de facto, neste florido momento, que a fineza do seu discurso, o esbelto traçado do seu perfil, a imponência do seu estar no mundo, melhor nos transportam ao reino da admiração, do culto e da basbacaria.

ACTO ÚNICO
(com a graça de Deus)

Um lago assim a atirar para o grande. Água para a esquerda. Água para a direita. Ao centro um nenúfar gigante em matéria plastificada, flutuante. Sobre a graciosa flor duas poltronas, uma estante com partitura, uma mesinha com refrescos de baunilha e um gravador emitindo cantos de passarinhos: J.S. Bach e M. Paião foram os escolhidos pelas avezinhas. Sob o nenúfar mais água. Ao fundo, no extremo dum cano do plano de rega, uma bica conserva, num doce murmúrio, o lago repleto do precioso líquido. Em volta, areia. Um círculo com 300 quilómetros de diâmetro de areia, muita areia. Areia aos montes. Não há mais água que a indicada, pois parte-se do princípio optimista que aquela que existe chega para o elevado consumo dos personagens. Ali e mais além, um, dois, dez, depois mais e mais, poços de petróleo. Neste romântico cenário, falta apenas o arrufar dos namorados. Também, que diabo, não se pode ter tudo...

Refastelado numa das poltronas, aos tremeliques, olhando num espelho a grande touca árabe que enfiou e fazendo uma pequena pausa no estudo de um livro de anedotas com que pretende renovar o seu já vasto reportório, **José, o Primeiro,** mantinha inalterável a sua facha da desmesuradamente cretina.

De pé, junto à estante, com a partitura de pernas para o ar num alarde de memória de fazer levantar meninos (se os houvesse), dirigindo o coro dos passarinhos e sempre de atalaia à linha do horizonte, **José, o Segundo,** marcava o compasso com a palhinha do refresco.

Postos que estão frente a frente os dois valorosos campos, é só o tempo de acender um cigarro e esperem aí que a função já começa.

JOSÉ O PRIMEIRO — Não consigo perceber por que motivo nos mandaram para aqui. Vem uma pessoa cansada lá das Franças e nem sequer a deixam contar as históriazinhas do costume.

JOSÉ, O SEGUNDO — Bem, eles disseram-me que tinham um pugama de guenovação da paguevoíce e que peguecisavam de cumpegui-lo.

JOSE, O PRIMEIRO — Oh meu caro, você sabe muito bem que isso de darem a possibilidade a outros de asneirarem à vontade, não resulta. Os bons, os chapados, somos nós.

JOSÉ, O SEGUNDO — Sim, lá a veguedade diga-se. Mas você tem a cegueteza que isto não é um peguémio?

JOSÉ, O PRIMEIRO — Qual prémio qual quê! Pois se o gerente teve o descaramento de me dizer: **Lá é que você está bem. Problemas de sede, não tem. Mete a água do costume e mais a que lhe apetecer. Se perder algum bocado do que tem dentro da pinha está garantido: enche com areia à descrição e é ela por ela. E quanto às suas prospecções petrolíficas, ficam ao pé da porta.**

JOSÉ, O SEGUNDO — Se isso são pugamas que se atiguem a um animal! Eu como me meti nesta coisa dos consêquetos...

JOSE O PRIMEIRO — Há uma pergunta que eu não faço mas que normalmente gosto sempre de fazer. Quem é você José? Funileiro?

JOSÉ O SEGUNDO — Não, que dispagate! Copio pautas musicais e sou maéstego nas hogas vagas. Aqui há tempos até tiguei um cúguesso na pegaia da Conceição. Pugue isso é que eu levei o peguente a séguio quando ele me disse: **Meta a paguetituga no bolso e vá lá mais a música pâga o deségueto!**

JOSÉ, O PRIMEIRO — Eu tinha agora um contrato para presidir a um simpósio de austronautismo e tive de deixar tudo suspenso. Olhe, trouxe os auscultadores para não perder aquele toque de magia que cativa as pessoas.

JOSÉ, O SEGUNDO — Tem guegaça que também eu! Mas o meu caso é pegáticamente incugável. Outego dia peguedi-os no metegô e fiquei meio chanfegado dos miolos.

JOSÉ O PRIMEIRO — Não me diga coitado! E a maluqueira deu-lhe muito forte?

JOSÉ O SEGUNDO — Bastan-

te bastante. Sabe aqueles papéis de música que nós andamos a vendêgue e que as pessoas põem à noite na boca pâga de manhã têguem o sabogoso gostinho? Pois uma vez levei pâga casa o mateguial todo! O meu e o dos meus 127 colegas, veja lá! O pategão ficou imóvel e disse que se ia queixague ao geguente. Mas depois fiz-lhe vêgue que eu tinha pancada na bola e... não sei se me entende. O mais que me aconteceu foi integuenaguem-me na Secção dos Desconseguetos. Duguante quinze dias eu e a minha Zefa só bebemos água minegal.

JOSÉ O PRIMEIRO — Pois é, não se pode andar de boa-fé senão...

JOSÉ O SEGUNDO — Eu sei, aquela paguetida indecente que lhe fizegam no Habagues...

JOSÉ O PRIMEIRO — Mas isso são águas passadas. Hoje sou convidado para mesas-redondas e ponho tudo em sentido. Deixo a cabulazinha atrás do cinzeiro, encaro as lentes com arrebatamento, cito o Malraux e deixo tudo ainda mais estúpido com a minha sabedoria.

JOSÉ O SEGUNDO — Essa é uma notícia absolutamente sensacional! Evidentemente que eu tenho melhogue... Oga ouça. Estou a regêgue um ciclo de apeguefeiçoamento de notas musicais, que só tem tido elogios. Os apeguendizes estão na sala, sentados. Logo que chego à pótega levantam-se e batem muitas palmas. Eu só olho pâga as câmegas. E eles só olham pâga mim. Massas begutas coitados... Depois, faço uma pegueninha de maéstego e os moços ficam em delíguio. Dão muitos pulinhos e guitam: **Begastein, Begastein, Begastein...** Passo anos e anos a vêgue os filmes e a ouvigue as gavações. É tão empolgante, tão aguebatadogue...

JOSÉ O PRIMEIRO — Ai, se eu tivesse a grandiosidade da sua figura...

JOSÉ O SEGUNDO — Podemos combinague uma tegasplantação. Ou fazêgue um José o Único. Já viu que seguia um fôgueça? Ficavam os queguíticos embegulhados em papel de seda, ah, ah, ah!...

JOSÉ O PRIMEIRO — A crítica não me interessa. Sou alguém de muito valor, portanto, quero que eles, patati, patatá...

JOSÉ O SEGUNDO — Boa! Essa é muito boa! Eu também pâga lhe segue feganco, blá, blá, blá...

A conversa de chacha prolonga-se por várias horas. Às tantas, Berastein e o Árabe, em amoroso desacordo, envolvem-se à latada e vão ao banho. Mas aí, já os nossos olhos cerrados pelo tédio e pelo horror da desgraça alheia se recusaram a colaborar no primaveril acto. Premiu-se o botão. Caíu o pano. Mas atenção amigos. O reino da fantasia a que por momentos nos transportámos, não passa mesmo de um sonho. E enquanto formos gente neste jardim da Primavera que é o nosso, teremos sempre ao virar da esquina um pesadelo qualquer, pronto a estupidificar-nos ao ritmo que lhe consentirmos. Mesmo que queiramos, de olhos bem abertos e numa atitude fraternal, chamar-lhe simplesmente José. Ou coisa que o valha.

PAIS DE QUEIROZ

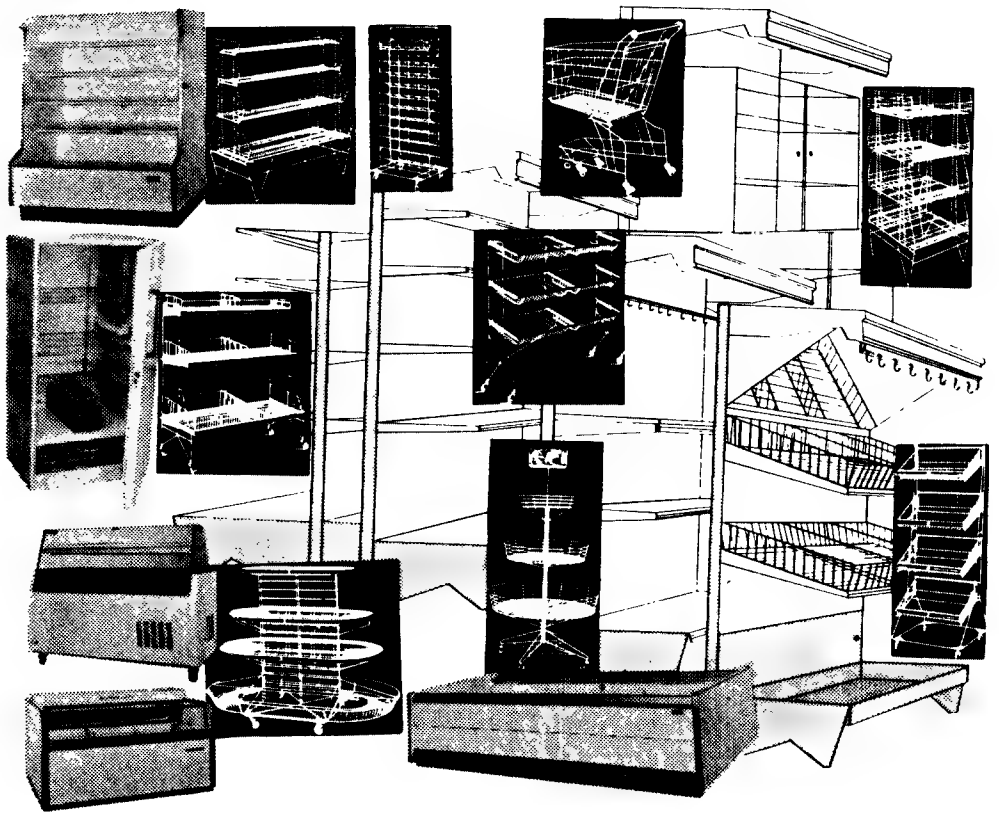
POLITA

O sabor do
sol da Leziria
num produto
das garrafeiras de
CALDEIRA, LDA.

PUBLINTER

MAFIROL

QUALIDADE • VARIEDADE • PREÇO



Rua Serpa Pinto, 765
Telef. 488805 — PORTO

NOVA BORRALHA
Telef. 62571 — AGUEDA

Rua Dr. João de Barros
Lote M — Lojas A e B
Telef. 706334 — LISBOA

GRANDE EMPRESA
DE
LISBOA

Necessita para os seus Serviços de Saúde:

★ Enfermeira Inspectora e Enfermeira
★ Técnica e Preparadora de Análises Clínicas

Oferece:

★ Estabilidade
★ Bom ambiente de trabalho
★ Vencimento inicial compatível, acrescido de:
★ Benefícios Sociais
★ Subsídio de Férias
★ Gratificação de Natal
★ Participação nos Lucros, segundo a Convenção Colectiva de Trabalho Vigente

Absoluto sigilo

Imprescindível o envio pormenorizado do seu «Curriculum Vitae» para apreciação.

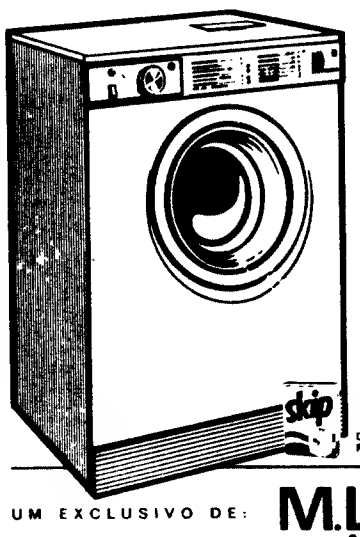
Resposta a este jornal ao n.º 771

DA PACHECALÂNDIA (COM AMOR)

TUDO MERECE A PENA
RI A MICAS E A LENA

Esteticamente muito bela esta foto tem acima de tudo uma virtude: dá-nos a imagem perfeita da graciosidade, da leveza, do bom gosto e das vastas possibilidades artísticas das gentis patinadoras. Mais do que exemplo da largueza de vistas, elas são mostruário do irrefutável bom caminho porque enveredou o desporto feminino português. Assim, merece a pena! Ri-te Micas. Ri-te Lena!

Grátis
um requintado
conjunto de turcos de banho
COM 5 PEÇAS
MARCA TV da Textil Vimaranense



OFERTA A TODOS OS COMPRADORES DE
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
PHILIPS
automáticas, super-resistentes e com a garantia da mais eficiente assistência técnica — o Serviço Philips

OS PREÇOS MAIS JUSTOS
AS MAIORES FACILIDADES

DETERGENTE RECOMENDADO

UM EXCLUSIVO DE: M.L.FERREIRA
AGÊNCIA PHILIPS
NA RUA D. ESTEFÂNIA 48-A • LISBOA • TELEF 56 04 98

A LIÇÃO

Depois das promessas. Dos receios. Das ameaças. Dos discursos. Das reuniões. Dos histerismos. Dos comunicados. Das entrevistas. Depois das vibrantes gaguezas. Das manifestações vãs. Dos ódios. Das invejas. Das provocações. Das tacadas torpes. Das correrias recalcadas. Dos cortes na casaca. Depois do papaguear desenfreado. Distorcido. Assanhado. Das intolerâncias. Das calúnias. Dos dichotes Das contradições. Fernando Tordo interpretou bem, dignamente, uma canção viva. Autêntica. A sua presença no Luxemburgo foi uma pedra no charco.

A. P.

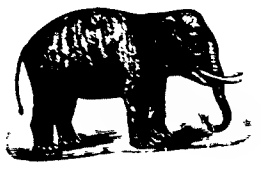
Ecos e necos

Um dos últimos números do «Ecos de Belém» **(o único jornal bairrista de Portugal)** abre, da forma que apresentamos, um artigo intitulado: «Desaparecem os dentes de marfim dos elefantes de mármore do Mosteiro dos Jerónimos».

«Os turistas? Não foram os turistas. os dentes dos elefantes encontravam-se guardados na sacristia já há muito tempo — declarou ao jornal «Epoca» o Sr.º Luciano José Anacleto, guarda do Mosteiro dos Jerónimos há trinta anos. E acrescentou: fui eu próprio que os guardei num contador. Quando o Sr.º Manuel de Oliveira deixou o cargo de sacristão, fui procurar os dentes de marfim, por curiosidade, mas não os encontrei em parte alguma».

Já não há mamutes. Ainda temos elefantes. Mas desdentados.

Leves. Graciosos.



Chama-se «O Expositor» **o jornal ao serviço do comércio retalhista alimentar.** Na sua edição de Março podemos ler este elucidativo texto:

«Um bom exemplo, que deveria seguir-se, no sector dos «pegue e pague», é o da empresa que acaba de ser criada na Baviera.

Esta confia a um revisor a verificação de todas as casas e pessoas que figuram na lista dos clientes. Em caso de falsas indicações, o documento de identidade é retirado e os interessados não podem mais efectuar compras no «pegue e pague» em causa. Esta empresa tem, por outro lado, pedido à Associação Profissional que lhe comunique as verificações feitas no que respeita a compras por pessoas privadas no caso, por exemplo, em que tenha havido abuso do bilhete de identidade».

Compreenderam não?

Assinado por H. Paiva e na rubrica «Parece mentira» a «Tribuna do Povo» **(quinzenário ao serviço do conselho do Seixal)** de 7 do corrente, publicava com muita graça:

$As pessoas têm medo de falar? Não acredito. Com vinho ou sem vinho, o barulho é tanto nos cafés, que a uma légua a gritaria fere os ouvidos».

Com vinho ou sem vinho... E boa, caramba!

A PRIMEIRA MOSCA...

A primeira MOSCA surgiu, inesperadamente, no dia 14 de Abril de 1969, fruto do trabalho duma equipa constituída pelo José Cardoso Pires, o Assis Pacheco, o Pedro Alvim, o Joaquim Letria, a Maria Aurora, o Carlos Ferreiro e a Alice Nicolau. Trabalhava esta equipa em situação precária no n.º 100 da Rua Luz Soriano, entre caixotes de fotografias e de gravuras, livros mais velhos do que a Sé de Braga, recortes de jornais cuidadosamente guardados sabe-se lá por quem e para quê e o mais que lá fora parar com o tempo. Quando um dos componentes desta equipa pretendia falar com outro revolvia esta papelada até o encontrar — o que nem sempre acontecia — e berrava até ser ouvido o que, diga-se de passagem, também nem sempre acontecia. Quem tiver entrado na redacção da MOSCA nos meados de 1969 não terá esquecido, certamente, o espectáculo com que deparou. Logo em frente da porta que ficava ao fundo duma passagem aberta entre a papelada que levava à redacção, o Cardoso Pires dava largas à sua revolta contra a preguiça de todos e consolava-se bebendo whiskies que vinham da leitaria para esse efeito de dez em dez minutos. Em frente dum estirador encontrado nas ruínas de Pompeia e conservado pela lava, o Ferreiro substituía desenhos por desenhos na esperança de um dia acertar num que agradasse a todos. De pena na mão, atrás duma secretária que não escondia o seu grau de parentesco com uma mesa de cozinha, o Letria sorria para os seus colegas de trabalho e, de quando em quando, escrevia num papel amarelo uma palavra que logo apagava, certo de não ter encontrado a que procurava. O Assis, já então em bater a lady Godiva em matéria de cabelo, assistia a tudo com o ar de quem, tendo já cumprido a sua obrigação, estava ali apenas por favor e, de vez em quando, atirava para o ar uma piada que por motivos óbvios não chegava a vir publicada. Sempre preocupado, atento e trabalhador, o Alvim rabiscava a sua prosa em papelinhos que mandava para o Ferreiro enquanto a Alice Nicolau, mulher reduzida pelo grupo à situação de escriba — escrava —, escrevia linguados sobre linguados que acumulava, uns sobre os outros, a um canto da mesa.

Reinava a mais completa confusão — o responsável, no entender de todos, era o Ferreiro — sem que ninguém tentasse estabelecer uma aparência de ordem aos trabalhos e bastava que entrasse um visitante para que todos se juntassem em torno dele discutindo isto e aquilo, conversando, rindo e beberricando pelos copos que a Maria Aurora, sentada no tampo duma secretária, distribuia com mais generosidade do que a permitida pelas reservas financeiras do grupo.

Não nos lembramos do que aconteceu ao primeiro número da MOSCA. Teria sido bem recebido? É possível que sim, tanto mais que o grupo resolveu preparar um segundo que acabou por ser publicado uma semana mais tarde, com grande espanto de todos, muito especialmente dos seus colaboradores.

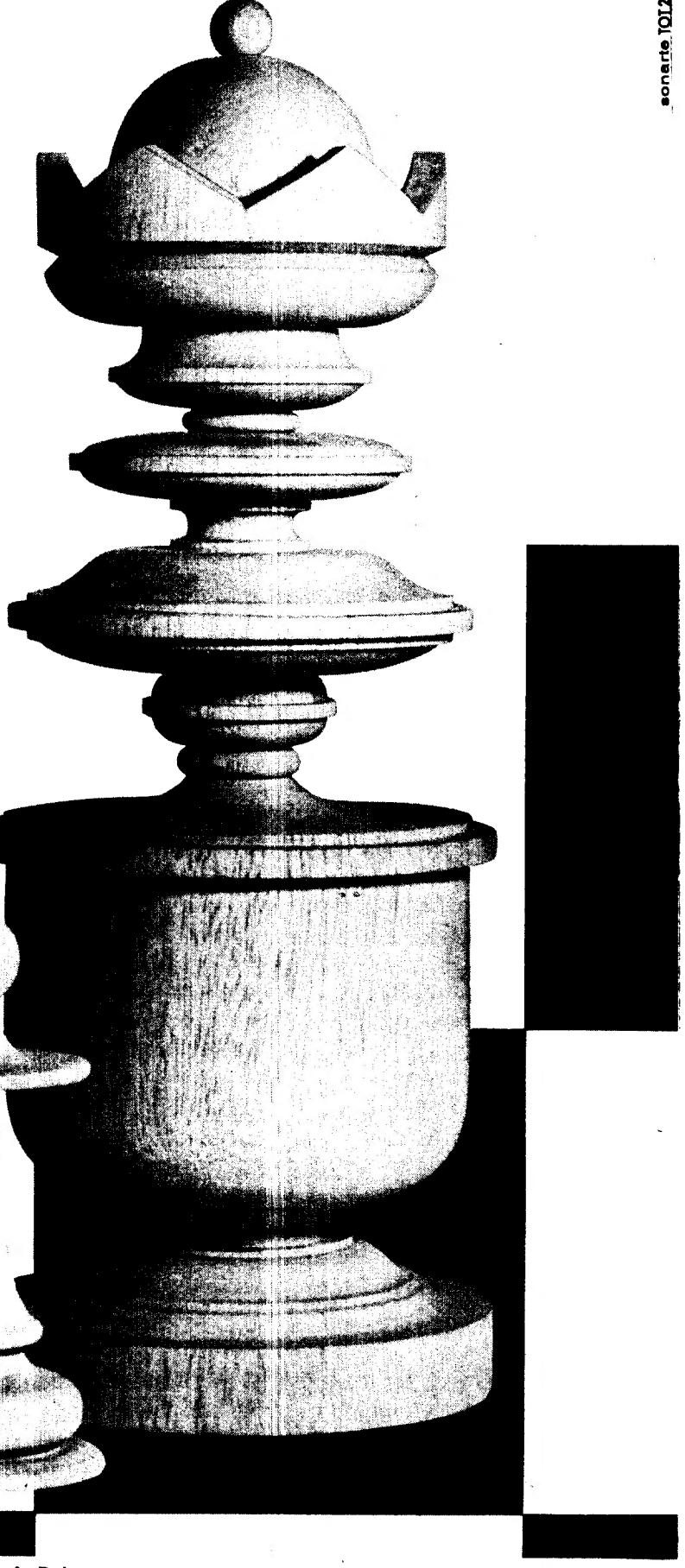
Todos os anos, em Abril, a MOSCA recorda os que a fundaram e mal lhe ficaria não o fazer este ano de graça de 1973 em que, mais uma vez, se joga o seu destino.

Para todos os que fizeram parte da equipa original deste suplemento um gigantesco abraço dos que fazem parte da sua equipa actual.

"peão" pode ser "REI"

Não vamos falar de xadrez.
O «jogo» é outro.
Um simples «jogo de palavras».
Você, que tem sido apenas um... «peão»,
decidiu adquirir um automóvel.
Certo. A sua vida assim o exige.
Lembre-se, entretanto, que esse acto
aparentemente simples
reveste um aspecto importante: a escolha.
Faça a «jogada» certa. Infalível.
Passe de «peão» a... «rei».
Escolha um dos modelos TOYOTA
e ganhará a «partida».

TEMOS UM TOYOTA PARA CADA CASO



TOYOTA
veio para ficar
E FICOU MESMO

IMPORTADORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S. A. R. L. CONCESSIONARIOS EM TODO O PAIS COM SERVIÇO DE ASSISTENCIA E PEÇAS

sonarte TOI 28/73

PRÓPRIOS

Quando alguém lhe dizia ao telefone «Sou o próprio» o António Alçada costumava responder «E só trato com o próprio» — para espanto de alguns interlocutores menos versados em certas tradições de humor. Nestes tempos conturbados em que tanto se fala de crises de identidade afirmar com segurança «Sou o próprio» é indicação imediata de uma infância sádia numa sociedade estável — ou de delírios de grandeza megalómanos.

O neurótico prudente (que somos quase todos nós) tende antes a concordar com o poeta que escreveu «Porquê Mário? Porquê Cesariny? Porquê ó meu Deus, de Vasconcelos?» ou a simpatizar com o Ruy Cinatti a quem uma vez um funcionário dado às letras do Consulado de Portugal em Londres, vendo-lhe o passaporte, perguntou «O senhor é o Ruy Cinatti?» ao que o Cinatti respondeu «Sou, sou. Não é por mal...»

O próprio que só trata com o próprio é um homem independente, com os pés bem firmes na terra, e despreza so parasitas que tentam governar-se à custa dos homens como ele. Num mundo ideal, feito só de próprios, não haveria lugar para intermediários, seres dúbios que um dia são uma coisa outro dia outra, mudando como folhas no sopro do vento. O intermediário pode ser muita coisa, mas há uma coisa que ele nunca é — próprio —, e o proprio despreza-o por isso.

O melhor próprio é o próprio com sítio, que firma os pés em terra sua. Trata o próprio no local» é a mais vibrante afirmação de segurança que se encontra nos tempos incertos que atravessamos. Lamentavelmente a dimensão telúrica desta afirmação tende a ser esquecida pelo público — dada a proliferação nos locais dos próprios de duas, três e quatro assoalhadas.

«Where I belong I'm right» — desde os patos-bravos aos Beatles toda a gente se preocupa com problemas de propriedade e a forma mais óbvia dessa preocupação talvez não seja a mais importante. As pessoas querem propriedade não pelo gosto da propriedade em si mas para serem os próprios — fortes e independentes. Daí retiram a sensação burguesa de liberdade, que talvez seja ilusória mas que é boa enquanto dura. Quando digo sensação burguesa não quero dizer que só os burugeses, no sentido pejorativo usado pelos poetas românticos, a podem sentir. O que quero dizer é que o conceito de liberdade individual tal como o entendemos vem da revolução burgesa, depende da existência de propriedade privada livre e alodial e só é inteiramente coerente com um sistema social que a permita. No mundo moderno essa coerência é difícil — quer nos países onde a propriedade privada foi em grande parte abolida quer naqueles em que o proprietário passou a accionista, está à mercê das flutuações das Bolsas, vê os seus bens geridos por tecnocratas que não pode controlar, dentro de limites estabelecidos por um Estado todo-poderoso.

O parágrafo didáctico veio a propósito, mas esta crónica não é o sítio para mais considerações pseudo-históricas. Sejam quais forem as razões, os próprios vão sendo raros e a nostálgia deles é grande. Em Portugal ainda há alguns — a economia permite-os e a grande tradição egocêntrica ampara-os.

«Então sr. Costa, está bem?»

«Sempre!»

Respostas destas já não se ouvem todos os dias e confortam. A Raça pode continuar a orgulhar-se dos seus filhos enquanto houver quem as dê. Mas nem tudo são rosas num mundo de próprios como me foi dado verificar, outro dia, ao passar ao pé de uma destas cabines abertas com que os Telefones de Lisboa e Porto protegem o siglo de quem aluga os seus serviços. Uma senhora metera a moeda e gritava para o bocal da máquina: «És tu? És tu? Bem feito!»

ALHOZIBULHALHOS

Parabens Filipe de Sousa.

O maestro e musicólogo Filipe de Sousa, acaba de entregar ao editor uma obra que vem preencher uma lacuna e que representa oito anos de trabalho — um Dicionário da Música Portuguesa que reune informações necessárias ao estudo da músúsica em Portugal e que contém uma imensidade de novos dados sobre velhos problemas. A edição deste dicionário que é um empreendimento editorial de grande relevo, deve começar brevemente. Para o Filipe de Sousa os parabéns da MOSCA.

Uma bomba nova na guerra das cervejas.

Não queremos — nem a brincar — meter-nos na guerra das cervejas, cruzes canhoto! Isto não nos impede, porém, de considerar a nova Carlsberg deliciosa, para não falarmos da garrafa em que está à venda e que é, quer o queiramos quer não, a mais bela de quantas vimos até hoje. Nesta amena e animada guerra cervejática em que ninguém morre embora alguns sofram os efeitos das batalhas travadas com as imperiais, esta cerveja é uma bomba...

A Mosca ao serviço dos seus leitores

Telefona-nos uma leitora dizendo que teve ontem, Sexta-Feira, uma avaria no seu automóvel e que, não tendo conseguido quem lhe visse o que o carro tinha, foi ao «escape» — loja que tinhamos por caracujo encarregado não só enviou um mecânico ao local em que o carro se encontrava como desentopiu e afinou o seu carburador depois de verificar e limpar as velas. Preço? 60$00 o que nos parece muitíssimo razoável. Registamos.

Wrangler®
jeans & jackets

Um novo processo publicitário que agrada à Mosca

Dissemos no nosso ultimo número que se encontravam em Portugal alguns dos melhores músicos europeus de jazz e acrescentamos não saber o que vinham a fazer ou por conta de quem tinham entrado no país. Referiamo-nos a Ronnie Scott, Mike Carr e Marva Broome que hoje podemos informar terem vindo de Londres a fim de participar num concerto de jazz que os fabricantes das calças Wrangler vão oferecer aos seus clientes. Trata-se dum processo publicitário que nos agrada porque trás um benefício a todos e que, por isso, registamos com agrado. Do mal a menos...Para a Wrangler, os parabésn da MOSCA.

Wrangler FESTIVAL
Jazz

Wrangler «Que Veste a Nova Gente» Convida a Gente Nova

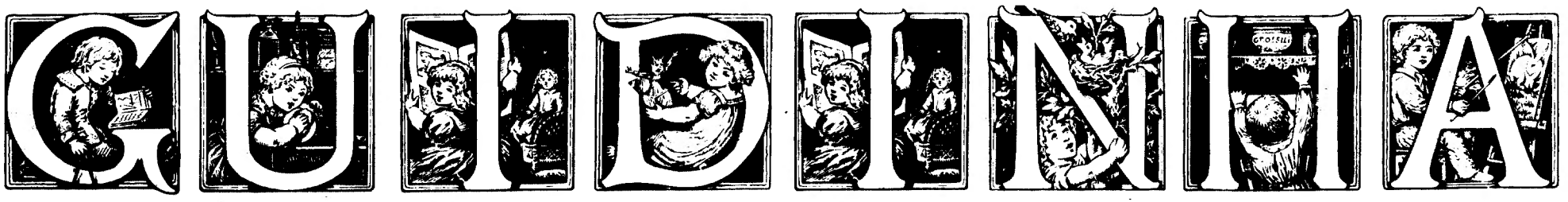
a assistir no dia 26 deste mês, no Cinema MONUMENTAL, ao WRANGLER Jazz Festival da Primavera, em que participam o «RONNIE SCOTT QUARTET» com a cantora MARVA BROOME e o QUARTETO DE MARCOS RESENDE.

OS BILHETES SERÃO DISTRIBUIDOS GRATUITAMENTE A TODOS OS PORTADORES DE CALÇAS OU BLUSOES WRANGLER QUE SE APRESENTAREM NOS DIAS 23, 24 E 25, NA BILHETEIRA DO MONUMENTAL, das 10,30 às 12,30 HORAS.

GRUPO B - M.10 ANOS
Artistas contratados por intermédio de INTERARTES

com Wrangler®
a vida é um festival!

unigrupo



OS

AJAXES DESTE MUNDO CONTRA OS MADRIDES DESTE MUNDO

Havia quatro partidos que toda a gente viu um era o Ajax a atacar a atacar a atacar outro era o de Madrid a defender-se a defender-se a defender-se outro era o senhor que fazia os comentários a dizer que o de Madrid era bestial e o último era a gente a rir-se do senhor dos comentários é que palavra de honra que estes senhores que fazem estes comentários se calhar por terem começado as suas carreiras na rádio quando a gente não podia ver o que se passava no campo não compreendem que a gente está a ver e que por isso não lhes vale a pena dizer que estão a acontecer coisas que não estão a acontecer porque a gente está mesmo a ver que não estão a acontecer o jogo Ajax Madrid foi da gente fazer uma coisa que eu cá sei a rir palavra que foi mesmo para começar o de Madrid só via a bola de vez em quando e o da Holanda andava sempre com ela nos pés isso a nós não nos aquecia nem arrefecia só era chato porque era sempre igual e vai o senhor dos comentários coitadinho que deve ser filho de espanhóis ou então que é daqueles que julga que ser patriota é estar sempre a dizer que a gente e os nossos vizinhos são bestiais sim porque ainda os há assim apesar de se estar a ver o resultado pois esse coitado estava tão triste com o que via que resolveu sonhar alto com as coisas que ele gostava que estivessem a acontecer mas que a gente via que não estavam a acontecer e vai em lugar de descrever o jogo descrevia os sonhitos que ia tendo e a gente ria ria ria ria que nem uns perdidos duma vez por exemplo um holandês passou a bola de cabeça a outro holandês que a passou a outro que a passou a outro e vai o senhor dos comentários disse **é notável este jogo de cabeça dos espanhóis** até o meu pai desatou a rir e tivemos de o amparar senão ele caia no chão e até podia partir uma costela enfim o que eu quero dizer é que estes senhores dos comentários têm de perceber que isto agora mudou tudo e que a gente está mesmo a ver o jogo que eles estão a ver e que por isso em lugar de ficar convencida como ficava antigamente fica é a rir a rir a rir a rir a rir a rir a rir mas isto agora está na moda ele há lá coisa mais gira do que ver um todo abespinhado por outros lhe fazerem uma vez o que eles andam a fazer aos outros há mais anos do que dedos eu tenho para os contar se é que os outros lhes fizeram alguma coisá porque como a gente vê pelo que se passa no futebol uma coisa é o que eles dizem que se passa e outra coisa é o que se passa mesmo cá para mim não há nada como porem as coisas na televisão com palavras e tudo para a gente ver como é porque isso de porem umas coisas a acontecer só com imagem e porem lá as palavras deles já não pega não senhor nem à sétima facada a gente ri ri ri ri ri ri ri ri ri e fica a rir e n f i m outra coisa que h o u e esta s e m a n a foi o festival da canção c o m vários países à disputa não sei ao c e r t o de quê se calhar era duma taça ou d u m troféu m a s eu gostei sim s e n h o r porque sempre é mais limpo do que os relatos de futebol porque os campos do futebol estão cheios de anúncios a dizer para a gente ir a este banco ou àquele para a gente beber esta bebida ou aquela e a gente por mais que se defenda tem mesmo de chupar a propaganda disfarçada e nos festivais da canção não escrevem nada nas paredes atrás dos artistas o que é bom porque a gente sempre descansa de fazer os possíveis por não ler eu cá por mim já há uma data de coisas que não uso só para me vingar desses senhores que disfarçam a propaganda para nos apanharem com os olhos no écran uma coisa juro olá e que juro a essa coisa é que vou abrir um campeonato a ver quem é que afasta os olhos mais depressa da televisão quando acabam os programas e começa a propaganda o que me trama é que este campeonato vai ter tantos concorrentes que o estádio Nacional não chega para as provas e tenho de as organizar na praia da Caparica ou num outro sítio grande olá se tenho enfim por hoje basta porque já falei de quase tudo e porque já são horas de descansar.

GUIDINHA